



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

LUCAS RIBEIRO MENDES

**ENTRE AUSÊNCIAS E PERTENCIMENTOS:
UMA COMPOSIÇÃO CARTOGRÁFICA DO CORPO NEGRO NAS FOTOGRAFIAS
DAS PLACAS DE FORMATURA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO**

JOÃO PESSOA - PB

2023

LUCAS RIBEIRO MENDES

**ENTRE AUSÊNCIAS E PERTENCIMENTO:
UMA COMPOSIÇÃO CARTOGRÁFICA DO CORPO NEGRO NAS FOTOGRAFIAS
DAS PLACAS DE FORMATURA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba
como requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Culturas Midiáticas Audiovisuais

Orientadora: Prof.^a Dra. Isabella Chianca Bessa Ribeiro
do Valle.

JOÃO PESSOA - PB

2023

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

M538e Mendes, Lucas Ribeiro.

Entre ausências e pertencimentos : uma composição cartográfica do corpo negro nas fotografias das placas de formatura no espaço universitário / Lucas Ribeiro Mendes. - João Pessoa, 2023.

111 f. : il.

Orientação: Isabella Chianca Bessa Ribeiro Do Valle.

Coorientação: Flávia Affonso Mayer.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Fotografia - Questões raciais. 2. Cartografia. 3. Placas de formatura - Representatividade negra. 4. Questões de raça. I. Valle, Isabella Chianca Bessa Ribeiro Do. II. Mayer, Flávia Affonso. III. Título.

UFPB/BC

CDU 77:323.14(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LUCAS RIBEIRO MENDES

Ao trigésimo primeiro dia do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às quatorze horas, realizou-se através de videoconferência (meet.google.com/bei-hvvt-mxt), a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: “ENTRE AUSÊNCIAS E PERTENCIMENTO: UMA COMPOSIÇÃO CARTOGRÁFICA DO CORPO NEGRO NAS FOTOGRAFIAS DAS PLACAS DE FORMATURA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO”, apresentada pelo aluno Lucas Ribeiro Mendes, Bacharel em Serviço Social, pela Faculdade Unida de Campinas, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM COMUNICAÇÃO, área de Concentração em Comunicação e Culturas Midiáticas, segundo os encaminhamentos da Profª. Drª. Flávia Affonso Mayer, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, e da Drª. Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle, orientadora do discente, além dos registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. A Profª. Drª. Flávia Affonso Mayer (PPGC/UFPB), na qualidade de co-orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte a Profª. Drª. Agda Patricia Pontes de Aquino (UFPB) e o Prof. Dr. Daniel Rodrigo Meirinho de Souza (UFRN). Dando início aos trabalhos, a Senhora Presidente, Profª. Drª. Flávia Affonso Mayer, convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao mestrandos para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi argüido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de argüição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito: **Aprovado**. Proclamados os resultados pela Profª. Drª. Flávia Affonso Mayer, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Profª. Drª. Flávia Affonso Mayer (Secretário ad hoc), lavrei a presente ata que assino junto aos demais membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 31 de agosto de 2023.

Profª. Drª. Agda Patricia Pontes de Aquino

Documento assinado digitalmente

gov.br DANIEL RODRIGO MEIRINHO DE SOUZA
Data: 13/09/2023 18:40:07-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof. Dr. Daniel Rodrigo Meirinho de Souza

Documento assinado digitalmente

gov.br FLÁVIA AFFONSO MAYER
Data: 12/09/2023 20:02:23-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profª. Drª. Flávia Affonso Mayer

Presidente da Banca

*Um dia ainda vou me redimir por inteiro do pecado do
intelectualismo. Se Deus quiser!
Não vou ter mais necessidade de falar nada,
de ficar pensando em termos contraditórios a tudo,
para tentar explicar às pessoas que eu não sou perfeito,
mas que o mundo também não é.
E que eu não to querendo ser o dono da verdade.
Que eu não to querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e
de mais alguém.
Que é o tempo o verdadeiro grande alquimista.
Aquele que realmente transforma tudo!
Um pequenino grão de areia,
é o que eu sou.
Só que o grão de areia já conseguiu,
sendo tão grande ou maior do que eu,
ser bem pequenininho e não precisar se mostrar mais, ficar lá.
Trabalho em silêncio.*

[GILBERTO GIL]

Nunca nos desterritorializamos sozinhos...

Será que todo menino que nasce atravessado por asas, consegue voar com os pés no chão? Essa era a questão que me martelava quando iniciei minha jornada nesse espaço. Ainda no início dessa caminhada, curioso, buscando saber como não me perder de mim falando do outro me deparo com Beatriz Nascimento que me lembra que: “os movimentos de travessia perpassam pelo corpo, despertando o eterno movimento da fuga e a volta para um lugar que não existe. Um território que só pode ser encontrado se o corpo se conectar com a alma, com o intelecto, enfim a própria ideia de “Óri”. Posso dizer com toda certeza que os encontros que tive durante esse percurso foram possibilitadores tanto dos movimentos de travessia, quanto para alçar voos com os pés no chão, e como a gente jamais se desterritorializa sozinho é preciso trazê-los para a roda, ou melhor, para esse movimento espiralar que toda vez que se fecha um ciclo ou volta ao começo, recomeça maior e com mais forças.

Primeiro a todos aqueles que vieram antes de mim, aqueles que ainda num porão de um navio negreiro me sonharam, um homem, preto, bicha, advindo de uma das maiores periferias de Goiânia, que conheceu a fome quando criança e que a maioria das pessoas que o amavam e o amam, acreditavam que ele iria morrer antes dos 13 anos de idade, e não seria de morte morrida, seria de morte matada, estar hoje em um espaço de produção de conhecimento, falando dos nossos através dos afetos e vivendo da produção de imagem. A todos vocês eu agradeço e digo que valeu a pena me sonhar.

As entidades que me protegem e me guardam, em especial a Ogum, orixá do caminho e da tecnologia que faz morada em meu orí.

A minha orientadora Bella Valle, que me permitiu ser o mesmo menino atravessado por asas na construção dessa dissertação e nos poucos momentos que precisou intervir porque o aterrramento era necessário, teve todo cuidado e cautela no modo de agir e nas palavras aumentando ainda mais a minha potência no mundo.

A minha grande mestra Agda Aquino, que me proporcionou momentos inenarráveis dentro das inúmeras salas de aulas que me convidou a estar com ela, que me lembrava quase que diariamente do pesquisador incrível que me tornei, que se permitiu sempre abraçar minhas ideias, por mais malucas que fossem, que me abraçou, me acolheu, fez meus olhos

marejarem por diversas vezes, é referência pra mim de como fazer o espaço de ensino e aprendizagem um território mágico e me fez ter a certeza que o afeto é a cola da vida.

A Daniel Meirinho por ter aceitado compor essa banca, e por ter sido tão afetuoso na qualificação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC da Universidade Federal da Paraíba que permitiu que a pesquisa acontecesse.

A grande amiga Mirela Correa que esteve comigo desde o primeiro momento que eu decidi entrar na pós e de lá nunca soltou minha mão, me olhou com amorosidade, me ensinou as coisas importantes na pesquisa e no mundo, me potencializou e não me fez esquecer nem um minuto o porquê eu estou aqui, sem Mirela provavelmente o mestrado seria apenas um sonho, uma vontade ou um desejo distante.

Aos meus avós Erculano Ribeiro e Elizabete Alves que esperaram quase um século para verem o primeiro dos 38 netos, formado e agora mestre, tenham certeza que tudo que me foi ensinado em casa foi transferido para essa pesquisa com muito amor e carinho, por terem aguentado a saudade de terem o primeiro neto morando fora para estudar e por sempre fazerem feijão cozido em casa pra comemorar meu retorno. Essa ação atrelada a tão famosa frase que cresci ouvindo vovó betinha falar "amor é feijão que se faz em casa" diz muito sobre esse movimento de travessia.

Ao restante da família, minha mãe Debora Paz, meus irmão Sandoval e José Humberto, meus tios e tias, os mais de 40 primos, os agregados e todos aqueles que entenderam que nossa geografia afetiva iria quebrar qualquer fronteira para que esse meu sonho de me tornar mestre se realizasse, obrigado pelo apoio, por serem esse farol que me direciona pelos caminhos por onde andar, e meu porto que me acolhe quando preciso voltar.

Aos meus amigos de Goiânia, minha terra natal que também entenderam meu movimento de travessia e aguentaram firme a saudade, e fizeram várias festas para me receber de volta quando ia visitar, que festejaram comigo cada conquista na pós, que não me deixaram desistir e que me impulsionam a criar novos mundos através da pesquisa, Fernanda, Bia, Rejane, Naya, Victor, Bruna, Sharme, Marlene, Andresa, Juliana e Viviane meu muito obrigado.

Aos amigos daqui de João Pessoa que seguraram minha mão nos momentos difíceis e não me deixaram desistir, sonharam e sofreram comigo, me lembraram da importância de dançar e que nunca estamos sozinho nesse percurso, Alfa, Andrey, Carol, Tais, Yuri, Maria Ignêz, Leyla, Carlos, Carine Fiusa, Marcelo e Rafa a gente só é incrível porque ao longo da vida encontramos pessoas incríveis que vão nos servir de espelho, só sou porque nós somos.

Ao meu amigo, parceiro, irmão Perazzo que dividiu comigo a experiência de se tornar pesquisador no mesmo programa e também pesquisando fotografia, dividindo angústias, pegando na minha mão e somando para que seguíssemos atentos e fortes, compreendendo juntos o poder da fotografia no mundo. Obrigado por tudo e não se esqueça que a gente se tem.

Aos alunos de direito do Centro de Ciências Jurídicas do campus Santa Rita, Ismael Cardoso da Silva, Maykon Costa Serrão e Vitória Evelly Simões de Oliveira Silva que se dispuseram a somar no processo, que compartilharam sutilezas tão bonitas comigo, que deixaram essa pesquisa mais potente e me permitindo sonhar mais e mais. Muito obrigado.

Essa pesquisa só foi possível graças a esses diversos encontros que ocorreram e que me potencializam, me fazendo voar com os pés no chão e ter a certeza que não há problema em nascer atravessado por asas, mesmo sendo um homem negro no Brasil. É impossível se desterritorializar sozinho, mas é no coletivo que a gente se reterritorializa de forma ampla usando todo o fio da vida do ser.

RESUMO

O espaço público visual no Brasil foi constituído e fundamentado por muitas ações racistas ao longo da nossa história. Os espaços de ensino e aprendizagem muitas vezes acabam também sendo um território de reprodução e proliferação do racismo. Neste caso, buscamos compreender como as fotografias presentes nas placas de formatura dispostas no espaço público da Universidade Federal da Paraíba, mais especificamente de estudantes do curso de Direito do *campus* da cidade de Santa Rita, afetam a memória coletiva de pessoas negras no espaço universitário. Esta dissertação apresenta uma pesquisa cartográfica que busca, primeiramente, mapear espaços sociais estabelecidos historicamente, a partir de um olhar voltado para investigar a presença das pessoas negras nesses lugares, para, posteriormente, propor uma desterritorialização, uma rota de fuga, a subversão e profanação de dispositivos racistas, na construção de um novo território a partir das questões postas. Assim, além da análise de imagens, a metodologia desta pesquisa inclui a ministração de uma oficina de fotografia contra-colonial e a escrevivência de um diário de campo. Os objetivos são: (i) realizar um levantamento documental acerca da história da população negra em sua relação com o ambiente universitário no Brasil; (ii) compreender o que compõe o jogo fotográfico das placas de formatura; (iii) realizar uma oficina de fotografia contra-colonial; (iv) propor uma intervenção no território da universidade levando em conta os afetos e subjetividades das pessoas negras que ali frequentam. Soulages (1998), Sontag (2004), Dubois (1994), Deleuze & Guattari (2015, 2012, 2011), Almeida (2017), Halbwachs (1977) Kilomba (2019), entre outros irão compor o caminho da cartografia. Articularmos as questões fotográficas com as questões de pertencimento, raça, memória e afetos, buscando decifrar o que se esconde nas frestas, no infotografável e nos silêncios.

Palavras-chaves: Fotografia. Cartografia. Placas de formatura. Raça. Universidade.

ABSTRACT

The public space in Brazil was constituted and grounded by many racist visual actions throughout our history. Teaching and learning spaces often also became a territory of reproduction and proliferation of racism. This dissertation presents a cartographic research that seeks, firstly, to map historically established social spaces, from a look aimed at investigating the presence of black people in these places, to subsequently propose a deterritorialization of an escape route, the subversion and desecration of racist devices, in the construction of a new territory from the questions posed. In this case, we seek to understand how the photographs present in the graduation plates arranged in the public space of the Federal University of Paraíba, more specifically of students of the Law course of the campus of the city of Santa Rita, affect the collective memory of black people in the university space. In addition to image analysis, the methodology of this research includes the teaching of a decolonial photography workshop and the writing of a field diary. The objectives are: (i) to carry out a documentary survey about the history of the black population in its relationship with the university environment in Brazil; (ii) to understand what makes up the photographic game of graduation plates; (iii) to conduct a decolonial photography workshop; (iv) propose an intervention in the territory of the university taking into account the affections and subjectivities of black people who attend there. Soulages (1998), Sontag (2004), Dubois (1994), Deleuze & Guattari (2015, 2012, 2011), Almeida (2017), Halbwachs (1977) Kilomba (2019), among others will compose the path of cartography. Articulation of the photographic issues with the issues of belonging, race, memory and affections have been made seeking to decipher what is hidden in the cracks, in the infotographable and silences.

Keywords: Cartography. Photography. Graduation plates. Race. University.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Foto da placa de formatura da turma de Serviço Social 2019/1, Facunicamps, acervo da instituição.....	14
Figura 02 – Foto de foto de festa junina, não datada.....	33
Figura 03 – Placa de formatura turma de direito 2014/1.....	56
Figura 04 - Placa de formatura turma de direito 2015/1 , acervo do pesquisador.....	56
Figura 05 – Placa de formatura turma de direito 2015/1 acervo do pesquisador.....	57
Figura 06 –Placa de formatura turma de direito 2016/1, acervo do pesquisador.....	57
Figura 07 – Placa de formatura turma de direito 2017/1, acervo do pesquisador.....	58
Figura 08 – Placa de formatura turma de Direito 2017/1, acervo do pesquisador.....	58
Figura 09 – Placa de formatura turma de Direito 2017/2, acervo do pesquisador.....	59
Figura 10 – Placa de formatura turma de Direito 2018/1, acervo do pesquisador.....	59
Figura 11 – Placa de formatura turma do Direito 2019/1, acervo do pesquisador.....	60
Figura 12 – Placa de formatura turma do Direito 2020/2, acervo do pesquisador.....	60
Figura 13 – Placa de formatura turma do Direito não datada, acervo do pesquisador.....	61
Figura 14 – Placa de formatura turma do Direito não datada, acervo do pesquisador.....	61
Figura 15 – Placa de formatura turma do Direito não datada, acervo do pesquisador.....	62
Figura 16 – Registro da oficina., foto de Perazzo Junior	72
Figura 17 – Slide 01.....	73
Figura 18 – Slide 02.....	74
Figura 19 – Slide 03.....	74
Figura 20 – Slide 04.....	75
Figura 21 – Slide 06.....	75
Figura 22 – Slide 07.....	76
Figura 23 – Mapa Ismael.....	79
Figura 24 – Mapa Maikon.....	80
Figura 25 – Mapa Vitória	81
Figura 26 – Mapa Yasnaia.....	82
Figura 27 – Print retirado da internet.....	85
Figura 28 – Paridade, obra de Gê Viana, 2018.....	88
Figura 29 – Catana e nossos não, obra de Juliana dos Santos.....	89
Figura 30 – Placa Ismael.....	90

Figura 31 – Placa Maikon.....	91
Figura 32 – Placa Vitória.....	92
Figura 33 – Placa Yasnaia.....	93
Figura 34 – Registro da finalização da oficina.....	99

SUMÁRIO

1 O QUE DIZ UMA IMAGEM? CONTEXTUALIZAÇÕES DE UM CORPO NEGRO, FOTÓGRAFO E EDUCADOR NA ACADEMIA.....	12
2 CENÁRIOS E SUJEITOS EM (DE/RE)COMPOSIÇÃO.....	29
2.1 COMO A IMAGEM DO NEGRO NO BRASIL CONTRIBUIU PARA AS SUBJETIVIDADES DE RAÇA E DO RACISMO.....	29
2.2 SOBRE FOTOGRAFIAS E O PENSAMENTO CONTRA-COLONIAL NO AGENCIAMENTO DOS AFETOS E DAS MEMÓRIAS.....	35
2.3 FABULAÇÕES PARA UM JOGO FOTOGRÁFICO OU SIMPLESMENTE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA.....	41
3 CARTOGRAFIAS IMAGÉTICAS.....	51
3.1 ENTENDENDO O QUE ESTÁ POSTO: O JOGO FOTOGRÁFICO NAS PLACAS DE FORMATURA.....	51
4. CONSTRUINDO MUNDOS PERECÍVEIS: A POTÊNCIA DO ENCONTRO E DA CRIAÇÃO DE NOVOS MUNDOS NISSO TUDO.....	66
5 O QUE FICA E O QUE SE DESFAZ: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	105

1 O QUE DIZ UMA IMAGEM? CONTEXTUALIZAÇÕES DE UM CORPO NEGRO, FOTÓGRAFO E EDUCADOR NA ACADEMIA

Figura 1 - Foto da placa de formatura da turma Serviço Social FacUnicamp 2019/1



Fonte: Acervo da instituição, 2019.

Gostaria de convidar o leitor para pensarmos juntos: o que você observa quando vê a fotografia acima? O que esta imagem lhe diz? Ela lhe causa estranhamento? Quais os pontos que mais chamam sua atenção? Você já viu imagens deste tipo? Onde? Por que imagens como esta existem? E então, pergunto: Qual o peso da imagem do mundo? Você já fez estas perguntas? Para ajudar a pensá-las ou minimamente buscar algumas saídas ao que elas tensionam e provocam se fazem necessárias algumas ponderações. Da minha parte, eu estava na imagem, presente na imagem não compondo apenas um objeto fotográfico ou de pesquisa, mas enquanto sujeito narrador de suas vivências, atravessado por suas feituras na condição também de observador, de pesquisador. Esta pesquisa parte, afinal, da minha história - qual não? E, se antes te convidei para ver comigo, agora te convido também a “ouvir” e, em seguida (ou ao mesmo tempo), a pensarmos juntos.

Me chamo Lucas Ribeiro Mendes, uma bixa preta, fotógrafo, assistente social, educador e agora pesquisador que se descobre em movimentos investigativos sempre passíveis de reformulação. Sou o primeiro dos 38 netos de Dona Elizabete e Sr. Erculano a entrar e concluir um curso de graduação em uma instituição de ensino superior, usando da política pública de cotas raciais, e o primeiro em toda linhagem familiar que chega ao mestrado. Sou nascido e criado em uma das periferias com um dos maiores índices de assassinato de jovens negros do Estado de Goiás, aquele que ainda quando criança ouviu algumas pessoas fabularem sobre o futuro da juventude com a mesma idade que a sua dizendo que um ou outro tinha vocação para ser médico, doutor ou advogado, enquanto para ele a fabulação era da morte ainda na infância.

Ao percorrer minha memória tentando resgatar quando o pertencimento, o afeto, a criação de imagem e as questões raciais passaram a ser recorrentes na minha vida, passo por diversas lembranças que oscilam entre boas e ruins, mas que estão lá e reverberam no meu modo de existir até hoje, e aqui não será diferente enquanto pesquisador. Com isso, às vezes penso que seria impossível pontuar um momento exato deste cruzar, pois de algum modo essas questões me acompanham desde o primeiro respiro que dei nesse mundo. Sendo assim, para melhor elucidar o caminho, é preciso localizar o ponto de partida do desejo.

Só de definirmos essa localidade no mundo, já seria possível encontrar motivos suficientes para justificar essa inquietação de criar espaços mais acolhedores para a população negra nos espaços acadêmicos. Porém, para falar desse desejo que impulsiona a pesquisa, precisamos ir um pouco além. Um além que vai ultrapassar a exposição das atrocidades que historicamente são direcionadas para pessoas negras e traçar estratégias de como combater o racismo através do poder da imagem, um além que diz respeito à responsabilidade em ser o sonho de muita gente, mesmo antes do primeiro respiro. Sobre isso aponta Imarisha (2016, p. 8):

Somos o sonho das gentes Pretas escravizadas, a quem foi dito que seria "irrealista" imaginar um dia em que elas não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas Pretas recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim elas curvam a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos.

Aqui Imarisha (2016) me ajuda a elucidar melhor talvez o ponto mais importante do nascimento da pesquisa: um desejo que atravessa não só a mim, mas todas aquelas pessoas que um dia me sonharam. Hoje tendo consciência deste fato, ocupando o lugar de pesquisador e sabendo da sua importância, firmo o compromisso com a responsabilidade que carrego ao

tratar de assuntos tão delicados como os que essa pesquisa propõe, traçando esse caminho sem esquecer de onde venho. Diante disso, se faz necessário aqui pedir a benção a todos aqueles e aquelas que vieram antes de mim, os que me sonharam, aos fotógrafos que passaram pelo mundo despercebidos por terem a pele preta, aos que muito quiseram mas nunca pisaram em uma instituição de ensino superior por não serem do padrão esperado e aqueles que nem a oportunidade de desejar tiveram. Peço a benção também aos meus avós que esperaram quase um século para me verem aqui, a cada jovem negro que não chegou na fase adulta por existir para a polícia uma pele alva e uma pele alvo e a todos aqueles que ainda estão por vir. Todos esses fatores fazem parte do desejo dessa caminhada, e por ela caminharemos juntos.

Voltando à imagem que abre esse capítulo e que me ajuda na escolha do objeto concreto desta pesquisa, uso dela para compartilhar de uma experiência pela qual passei em minha formação acadêmica na graduação, e dali pude perceber o quanto uma imagem pode nos atravessar. No ano de 2019 eu concluí o curso de Bacharelado em Serviço Social, pela Faculdade Unida de Campinas - FacUnicamps, em Goiânia, no Estado de Goiás. Na época eu já trabalhava como fotógrafo e tinha ciência da importância da imagem no mundo. Ao recebermos as recomendações de como deveríamos estar para tirarmos as fotos para a placa de formatura, um dos fotógrafos me chama a atenção dizendo que as mulheres poderiam usar a roupa que quisessem desde que fosse padronizada, mas os homens não teriam escolha: todos deveriam usar ternos com a gravata verde (a cor do curso). Como eu não tinha proximidade com aquele tipo de vestimenta, e por saber que aquele registro seria um documento que validava a minha conclusão de curso e que ficaria exposto nas paredes da instituição durante um bom tempo, me neguei a usar a roupa que foi ditada pela instituição como padrão. Foram dias de brigas, recursos e processos administrativos para que eu pudesse ter o direito de ser representado de outra forma. Ao entrar no estúdio para tirar a foto, a coordenadora me perguntou se eu não tinha vergonha de ser o primeiro homem em 27 anos de existência da instituição a não tirar a foto de formatura de terno, respondi pra ela que não, que me sentia livre, e essa era a diferença.

Por vivenciar este fato, saio dali rodeado de uma série de questões a respeito dessa categoria de imagens. Porém uma pergunta que fica presente em mim é: o que essas fotografias podem dizer sobre o espaço acadêmico? Posteriormente aos embates para sair na fotografia da forma com que eu me sentisse representado, lembro-me de andar pelos corredores da antiga universidade e me deparar com um jogo de imagens que reproduzia um

padrão muito parecido: roupas de gala, todos os homens de terno e em pé, as mulheres sentadas com roupas visivelmente desconfortáveis, em sua maioria pessoas brancas, sorrisos forçados e sem nenhuma imperfeição do rosto - resultado de um tratamento de imagem que buscava “higienizar” e padronizar cada foto no ambiente.

Dali nasceram outras questões que me inquietaram bastante: por quê essas imagens parecem parar no tempo e buscam reproduzir um mono-registro, não se atentando a outros caminhos e possibilidades imagéticas que foram surgindo ao longo da história? Como o que não foi fotografado, mas existe nesta fotografia, pode dizer sobre o espaço acadêmico? Como subverter o jogo de imagens para dar visibilidade aos elementos que habitam as frestas destas fotografias? Quantos silêncios cabem nessas placas? Com isso, a fotografia das placas de formatura se tornam essenciais não só no movimento de pensar sobre o que elas falam do tempo e o espaço, mas também como uma possibilidade de recriar essas imagens de modo que cruzem e passem a dar conta de diferentes desejos de pertencimento, experiências sociais e orientações políticas, para assim, traçar novos caminhos. E é daí que nasce nossa questão problema, que se apresenta questionando: Qual é o jogo fotográfico que atravessa as fotos presentes nas placas de formatura, e como elas atingem a memória coletiva das pessoas negras no espaço universitário?

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum” (Halbwachs, 1990, p. 12).

Queremos entender como esse jogo fotográfico apresentado nas fotografias das placas de formatura dispostas no ambiente universitário lida com a presença e a ausência dos corpos negros nessas imagens. Desse questionamento nasce a hipótese de que esse jogo fotográfico apresentado nos espaços universitários também contribui para a sensação de não pertencimento de alunos negros e por isso se faz necessário profanar um novo lugar para que esse corpo negro passe a pertencer tanto numa dimensão do individual como também do coletivo. Sobre isto Rogério Costa comenta:

[...] que apontam para uma espécie de assimetria entre a dimensão do indivíduo (com suas preferências, interesses, inteligência) e aquela do coletivo, onde os indivíduos são convocados a agir, decidir, adotar comportamentos não apenas em função de si mesmos, mas também conjuntamente (Costa, 2004, p. 1).

Com isso, acho importante pontuar que a proposta aqui não é somente criar uma nova forma de fotografar ou uma única verdade sobre o olhar que estamos trazendo sobre essas imagens, mas fazer um cruzamento com aquilo que se foi criando dentro do campo do visível e do não visível, do que tem visibilidade e de como se conforma o espaço público visual, com a possibilidade de recontar essas imagens produzindo novas fotografias, olhando para o que já está posto - só que agora operando no modo da equidade, e não mais sob a perspectiva da exclusão.

Outro fator que também atravessa a minha experiência no serviço social, e que também fundamenta o modo como pensamos esta pesquisa de mestrado, foi quando, na disciplina de estágio obrigatório nos anos de 2018 e 2019, uni a minha experiência profissional como fotógrafo à minha formação, tendo como prática a realização de cursos profissionalizantes para menores em conflito com a lei e menores de liberdade assistida, nas áreas de fotografia e produção de imagem pelo Centro de Referência da Juventude Negra do Estado de Goiás - CRJ. Nesse curso ministrei aulas durante dois anos usando o cinema e a fotografia como ferramentas de ressocialização para jovens em restrição de liberdade. Ali aprendi muito sobre espaço de ensino e aprendizagem, e cotidianamente pude ouvir alguns desses menores narrarem que a escola havia sido o lugar mais violento por onde eles já passaram, e por esse motivo não queriam saber de estudar, uma vez que não se sentiam pertencentes ao espaço de construção de conhecimento.

A experiência do processo de multiplicação de saberes nos espaços de reclusão de liberdade também se faz presente em outro ponto nessa pesquisa: o interesse de realizá-la com os estudantes do curso de direito, uma vez que a partir do contato cotidiano com esse recorte social que dependia diretamente do poder jurídico, pude enxergar diversas violências que resultaram em reproduções do racismo. Considerando que o Estado Democrático de Direito tem o dever de cumprir o que atesta a Constituição Federal (1988) em seu Art. 3º: "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (Brasil, 1988) e analisando o que os dados do último Atlas da Violência no Brasil realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) mostram, pode-se perceber que existe uma cor de pele que continua sendo alvo:

Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representavam 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019, p. 57).

No que tange o assunto de violência para com a população negra, que deveria ser resguardada pelo Estado Democrático de Direito, assim como defendem as casas de leis, temos um número ainda mais assustador, pois "houve uma redução de 15,5% e entre não negros de 30,5%, ou seja, a diminuição das taxas de homicídio de não negros é 50% superior à correspondente à população negra" (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019, p. 49). Com isso, há a necessidade de problematizar a estrutura dentro do poder jurídico, que está presente de forma direta e indireta nas violências cotidianas sofridas pela população negra. Como podemos constatar nos números apontados, o que vemos na realidade vivida pelos corpos negros é o avesso do que atesta a lei, e isso inevitavelmente interfere no quesito pertencimento legado a esses corpos em espaços acadêmicos.

No ano de 2020 fui convidado pelo projeto Frestas Escola Nômade (SP) a atuar no projeto enquanto curador pedagógico, escolhendo cursos na área da decolonialidade para entrar na grade curricular da instituição, que promove cursos de curta duração numa perspectiva decolonial para estudantes de todo o Brasil em formatos presenciais e EAD. A partir do contato com outras formas de compartilhar e multiplicar conhecimento, é despertado em mim o desejo de criar cursos que possam oferecer formações por uma perspectiva dos afetos. Nasceram, então, dois cursos: um na área de educação, chamado Pedagogia dos Afetos: como você aprendeu a aprender, e outro na área do cinema e criação de imagens, chamado Por um Cinema decolonial: a construção de imagem entre a memória e o pertencimento. Aqui se faz pertinente falar um pouco destes cursos pois um deles virá a ser adaptado e utilizado como instrumento metodológico desta pesquisa.

Ainda pensando no exercício do convite ao olhar, no ano de 2020, a criação do curso Por um cinema decolonial: a criação de imagem entre a memória e o pertencimento, voltado para profissionais que trabalham com audiovisual, já dizia de um desejo de se repensar

espaços através da imagem, não só sobre a prática de produzir imagens, mas também na reflexão sobre a prática.

A primeira turma foi formada em parceria com o Projeto Frestas Escola Nômade em São Paulo, tendo 40 alunos, com quatro aulas de três horas de duração cada, totalizando 12 horas. A proposta metodológica deste curso me ajudou a pensar na abordagem desta dissertação, junto às fotografias de placas de formatura dos cursos de Direito da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. O curso propõe provocações acerca do poder da imagem fotográfica e quais os impactos dessas imagens, trabalhando também o poder da fabulação e da construção de novas possibilidades, convidando os envolvidos a recontar as histórias que foram contadas ao longo da nossa trajetória enquanto país. Cada aula é um convite para recontarem a História do Brasil, trabalhando os silêncios e as frestas que moram em nossa construção imagética. Na dissertação, nos debruçamos sobre placas de formatura dos anos de 2010 e 2011 (dois anos antes da implementação da Lei nº 12.711/2012, que dispõe da obrigatoriedade das cotas raciais no processo de ingresso nas universidades no Brasil) e dos anos de 2020 e 2021, no intuito de fazer um comparativo desde a promulgação da lei até a atualidade. A Lei atesta em seu primeiro artigo:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Brasil, 2012).

Dentro da porcentagem de 50% das vagas destinadas para cotas, apresentada do Artigo 1º da Lei 12.711/ 2012, se estabelece um quantitativo para pessoas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência como aponta em seu artigo terceiro:

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2012).

A partir deste recorte temporal proposto, pretendemos cartografar na construção da dissertação o que houve de mudança após o ingresso de pessoas negras em instituições superiores e técnicas que passam a ser garantidas também por lei. Nesse sentido as fotografias de placas de formatura ajudaram a pesquisa como objeto de análise imagética dos corpos

negros dentro da Universidade desde a implementação da Lei de cotas nesta primeira década, ressaltando que as cotas raciais continuam sendo uma política pública utilizada como método de redução das desigualdades sociais, econômicas e históricas existentes no Brasil.

O método principal de análise e criação de conteúdo para a realização da pesquisa será a cartografia que Moura (2012) aponta como um caminho que não há regras a seguir, é um movimento atencional, concentrado na experiência, na localização de pistas e de signos do processo em curso.

Para alinhavar o *corpus* da pesquisa aos nossos objetos conceituais - o jogo fotográfico, o corpo negro, o racismo e a sensação de pertencimento - e aos nossos objetos concretos - placas de formatura e alunos negros do curso de direito - usaremos da dinâmica de um jogo, as peças principais deste jogo serão as fotografias presentes nas placas de formatura do curso de Direito do *campus* de Santa Rita da Universidade Federal da Paraíba, do ano de 2014 ao ano de 2021. O conceito de jogo, de modo geral e objetivo, pode ser compreendido como uma atividade submetida a regras que estabelecem quem vence e quem perde. Aqui para além de identificar as regras e apontar quem está ganhando ou perdendo, pretendemos também compreender os processos de negociação que estão postos nessas fotografias de diversas formas. Para isso, buscaremos analisar desde a sua criação até a sua circulação, já que a fotografia, que Soulages (1998) aponta como signo vivo e plural, visível, encarnado, que joga com tudo o que é infotografável, será a principal ferramenta para desvendar essa dinâmica do jogo.

O infotografável citado por Soulages (1998) também entra nesse nosso jogo, que aqui iremos chamar de jogo fotográfico. Para o autor a fotografia não é uma reprodução do real fidedigno, a fotografia sempre é um vestígio, que materializa um algo a partir da realidade de quem produz a imagem. Essa produção tem um sentido dentro do jogo, um interesse, um propósito. Mas a partir disso, o que seria infotografável? O infotografável é aquilo que existe nos silêncios e nas frestas que ocupam as imagens e não está diretamente impresso no registro, mas gera um lugar questionável, assim como sinaliza Soulages (1988, p. 14) que "toda foto é essa imagem rebelde e ofuscante que permite interrogar ao mesmo tempo os alhures e o aqui, o passado e o presente, o ser e o devir, o simbolismo e o fluxo, o contínuo e o descontínuo, o objeto e o sujeito, a forma e o material, o signo e... a imagem".

A partir do contato com esse signo, pretende-se entender as dinâmicas que atravessam esse jogo fotográfico e os processos que estão envoltos nas fotografias de placas de formatura, pensar no infotografável a partir das regras que foram ofertadas para a população negra ao longo da história, de como ela é pensada e como ela serve para atestar algo de um tempo presente, mas tangenciado por algo, por acontecimentos que marcaram a vida da população negra no Brasil. Com o movimento cartográfico proposto poderemos provocar outras compreensões desta imagem, deslocar as estratégias, perceber movimentos que faltaram, subverter as regras postas, fabular novas regras traçando novos caminhos e novas possibilidades.

Borges (2010) aponta que no Nordeste das 70% de pessoas pretas e pardas, apenas 17,6% frequentam o ensino superior. No Brasil, o que entendemos como população negra é a soma de pessoas pretas e pardas apontadas nas pesquisas do Censo Demográfico realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo o Censo Demográfico do ano de 2010 (IBGE, 2010), a Paraíba tem cerca de 3.766.528 habitantes sendo que 58% da população se autodeclararam como preta ou parda, ou seja, população negra. Outra pesquisa realizada pelo IBGE, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD (IBGE, 2016), mostra que 65% da população da Paraíba se autodeclara preta ou parda. O que esses números mostram é que a população negra é predominante na Paraíba.

Em uma lógica de acesso igualitário nas instituições de ensino superior, espera-se uma proporção semelhante àquela apresentada pelo censo geral da população sendo replicada dentro dos espaços universitários. Mas, ao circular nesses ambientes acadêmicos, além de um perfil racial ainda discrepante, o que podemos perceber é que de certa forma há uma necessidade de problematizar as políticas de acesso. Quando nos referimos a isso, não nos limitamos a pensar somente sobre o aumento de pessoas negras a adentrarem às universidades, pois, nesse ponto, apesar da discrepância, existe um aumento positivo real da presença desses corpos negros. Aqui, nos interessa pensar sobre o que transborda esta questão: a problematização dos quesitos comunicativos que afetam o pertencimento e a memória dessas pessoas, suas condições de acolhimento, pensando em como esses aspectos favorecem ou não a permanência dos estudantes negros dentro da universidade.

Para Baggi e Lopes (2010), a implementação e o acompanhamento de políticas públicas educacionais, com base na igualdade de oportunidades de acesso, é uma condição necessária, mas não única para que ocorra a democratização efetiva nas instituições de ensino

superior, para que os alunos sigam no processo e se sintam parte dele. O mesmo ocorre com as políticas de permanência, como: moradia, alimentação e transporte, que se fazem necessárias. Porém, trabalhamos aqui com a hipótese de que o processo de inclusão via política pública não alcança outras questões tão importantes quanto a presença, como que passam pela ideia mais ampla de acolhimento.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari; Rolnik, 1986, p. 323).

Existe uma importância em se pensar o território, também, como uma política de permanência que proporcionará, sobretudo, um ambiente afetuoso para as pessoas negras. Deleuze e Guattari (1997) compreendem o território ligado à subjetividade individual e coletiva, lugar no qual as representações são materializadas e podem ser ressignificadas, sejam elas das dimensões culturais, econômicas e de pertencimento. O que somamos a esta ideia é a importância da construção de um contexto que dê conta da dignidade humana, acolhendo e incluindo, aqui em especial me refiro às pessoas negras. Para uma melhor compreensão do que está posto, ressalto a fala de Nina Silva¹, executiva de TI (Tecnologia de Informação) e escritora preta, em entrevista ao programa CULTNE em 2019, que diz: “Nós, nos vemos enquanto nação preta. Nacionalismo negro é independente de geografia, é um nacionalismo fora do território, porque o nosso território é interno, o nosso território africano vem aqui de dentro e é isso que a gente identifica em cada irmão e irmã preta no mundo inteiro”.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra *"Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia"* (1997), desenvolvem uma abordagem complexa e multifacetada do conceito de território. Para eles, o território não é apenas um espaço físico delimitado, mas também um espaço de encontros e relações sociais, culturais e políticas. Os autores rejeitam a ideia de um território fixo e estável, em vez disso, eles exploram a ideia de "ritornelos", que são linhas de fuga e pontos de criação de novas conexões.

¹ Nina Silva atua com tecnologia da informação há 17 anos. Ela é fundadora do Movimento Black Money que consiste em conectar pessoas negras de diversas profissões para que haja um fortalecimento do empreendedorismo através de uma educação financeira onde essas pessoas consigam fortalecer suas economias promovendo assim e façam o dinheiro circular entre pessoas negras.

O território, segundo Deleuze e Guattari, é um espaço de intensidades, onde as relações entre os elementos são constantemente transformadas. Eles enfatizam a importância das linhas de fuga que atravessam os territórios, permitindo a emergência de novas possibilidades e conexões. Assim, o território não é estático, mas dinâmico e em constante processo de transformação que vai além de uma noção tradicional de espaço físico e se relaciona com as relações, as conexões e as intensidades que ocorrem nesse espaço.

A partir disso, aflora um desassossego de se pensar o que compõe este território do ambiente universitário e contribui para construir um outro tipo de território em questão. Um dos aspectos dessa construção tem como gênese a memória coletiva, pois segundo Halbwachs (1990) a ideia de memória coletiva se dá a partir das lembranças e o do esquecimento das relações individuais com grupos a que nos sentimos pertencentes. As memórias atravessam os sujeitos por diversos fatores que mediam e constroem esse atravessamento, onde os mesmos irão interpretar de acordo com o seu lugar no mundo, dando novos sentidos e novas significações a partir de seu olhar. A memória coletiva está relacionada a um emaranhado de lembranças e esquecimentos que se desdobram de vários acontecimentos sociais que podem envolver o lugar que o sujeito em questão ocupa na sociedade. É a partir das lembranças individuais que cruzam com diversos grupos dos quais nos sentimos pertencentes, que se forma uma imagem ou uma lembrança produzida coletivamente. Assim, o autor pontua ser impossível uma memória completamente individual. Para Halbwachs (1990, p. 32), quando se trata de memória refere-se a sentimentos, imagens e ideias sobre um lugar, um acontecimento ou pessoas. O indivíduo carrega uma memória que é fruto de um processo coletivo.

Porém, se historicamente existe um número considerável de pessoas negras que não conseguiram ocupar o espaço universitário, e se tratando da memória coletiva como construção de possibilidades, como podemos atestar os vazios e as ausências no território da universidade? O que documenta esse silêncio para além da percepção, e nos passa um recado permanente de não-pertencimento?

Faz parte da rotina de quem frequenta a Universidade Federal da Paraíba se deparar com placas de formatura espalhadas por diversos corredores dentro da instituição. Essas placas são compostas com as fotos das pessoas que conseguiram concluir a trajetória do chamado Ensino Superior. As fotos retratam os sujeitos em sua grande maioria com uma pose pensada, as identidades de gênero ficam visíveis através de vestimentas padrões que separam

homens e mulheres, no geral, a maioria das fotografias são formalmente estruturadas em cima de referências europeias, brancas.

Estas são fotografias que a pesquisa pretende trazer para a composição problemática: fotografias que foram produzidas, transformadas em placas de formatura e expostas nos corredores da instituição do ano de 2011 ao ano de 2021, mais especificamente aquelas referentes aos concluintes do curso de Direito da Universidade Federal da Paraíba, *campus Santa Rita*.

A escolha do curso de direito se dá pelo fato desta ciência estar historicamente associada a uma elite privilegiada, carregando elementos de elitismo e racismo que remontam ao período do Império. Conforme abordado por Machado (2018, p. 102), "o ensino jurídico, desde sua gênese, sempre teve uma conexão próxima com as classes dominantes, reproduzindo ideais de controle e manutenção do poder." No contexto do Brasil imperial, o curso de direito estava acessível apenas às camadas mais abastadas da sociedade, contribuindo para a exclusão de grupos marginalizados, incluindo pessoas negras. Essa exclusividade histórica criou uma base que perpetua desigualdades e, em muitos casos, resultou em práticas discriminatórias dentro do ambiente jurídico. Mesmo após avanços na acessibilidade ao ensino superior, é essencial reconhecer que vestígios de elitismo e racismo podem persistir, requerendo um esforço contínuo para tornar o campo do direito mais inclusivo e antirracista.

O Direito se destaca por ser uma ciência que tem grande influência em tomadas de decisões que estão diretamente ligadas à liberdade de pessoas negras no Brasil, pois como atesta Almeida (2019): "a filosofia, a ciência política, a teoria do direito e a teoria econômica mantêm, ainda que de modo velado, um diálogo com o conceito de raça". O que o autor aponta é que o racismo é sempre estrutural, ou seja, "[...] é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade" (Almeida, 2019, pp. 20-21). No sentido de pensarmos esse jogo que já explicamos anteriormente, essa "organização" citada pelo autor faria menção àqueles que ditam as regras desse jogo, sendo assim, cartografar o que o poder jurídico tem legislado a respeito da organização da sociedade e que afeta diretamente a vida da população negra é um movimento de compreender como as "expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entradas políticas e econômicas da sociedade." (Almeida, 2019 p. 21) ao longo do tempo. Realizar o campo da pesquisa com os estudantes de Direito nos faz ter uma noção de como o assunto é tratado ainda no cerne da formação

daqueles que defendem as leis no Brasil, cruzando estes pontos com a força da imagem no quesito de pertencimento através da representação.

[...] a existência de representantes de minorias em tais posições [de poder] seria a comprovação da meritocracia e do resultado de que o racismo pode ser combatido pelo esforço individual e pelo mérito. Essa visão, quase delirante, mas muito perigosa, serve, no fim das contas, apenas para naturalizar a desigualdade racial (Almeida, 2019, p. 109).

Outro marcador que a pesquisa apresenta é a primeira década de implementação da política de cotas no Brasil. A partir disso as fotografias das placas de formatura podem servir como um documento que atesta e marca nas paredes universitárias a imagem das pessoas que conseguiram ocupar no campo do visível este território, passar por todo o processo de formação, permanecer neste espaço e concluir sua formação. Mas o que dizem essas imagens que atravessam diariamente de forma inevitável uma diversa multiplicidade de estudantes dentro das universidades públicas, e o que essa imagem pode dizer para além de demarcar presenças? O quanto essas presenças se afirmam de fato em pertencimento? O que as fotografias falam sobre as ausências? Quais os silêncios infotografáveis que se escondem nas frestas destes documentos?

Para Didi-Huberman (2012, p. 214) uma das grandes forças da imagem é criar ao mesmo tempo sintoma e conhecimento. Aqui o autor pontua como as imagens podem ter um papel fundamental na subjetividade de quem as observa e também reverberar nas sensações de pertencimento ou não, a depender da forma como as imagens afetam os sujeitos. Para Espinosa (1988) a potência de vida se mede pelos afetos aos quais o sujeito é submetido. Afetos bons podem aumentar a vontade de potência, enquanto que afetos negativos podem diminuí-la. Com isso nasce a questão de como essas imagens afetam diretamente quem as observa, criando ou não uma potência que resultará em uma sensação de pertencimento ao espaço acadêmico por parte das pessoas negras, uma vez que seus corpos e imagens ocuparam poucas vezes aquele lugar.

A fotografia pode ser um instrumento importante na construção da memória coletiva e de um território, atravessado por subjetividades e pela potencialização do pertencimento. As fotografias de formatura presentes em placas universitárias contam histórias de corpos e falam sobre direitos e acolhimentos na trajetória do nosso País.

Nunca a imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político, histórico. Nunca mostrou tantas verdades tão cruas; nunca, sem dúvida, nos mentiu tanto solicitando nossa credulidade; nunca proliferou tanto e

nunca sofreu tanta censura e destruição. Nunca, portanto, esta impressão se deve sem dúvida ao próprio caráter da situação atual (Didi-Huberman, 2012, p. 209).

Didi-Huberman (2012, p. 209) aponta a influência que as imagens têm historicamente e a força que vêm criando dentro das narrativas de pertencimento. As fotografias de formatura, que compõem as placas de formaturas e estão dispostas pelos corredores da Universidade, se configuram para a pesquisa, como o ponto de partida, a principal matéria-prima para a compreensão do acolhimento de pessoas negras no ambiente acadêmico e como ferramenta na compreensão da construção dessa memória coletiva. Tendo em vista o poder que a imagem tem, Isabella Valle (2017, p. 83) destaca que, “a fotografia não só é fabricada por, como também fabrica a realidade, os corpos e os sujeitos”. Realidade essa que vem sendo fabricada em nosso país pela lógica do colonizador que historicamente reproduz as imagens de pessoas negras em lugar de reclusão, violência ou morte e quase nunca em lugares de produção de conhecimento.

Como educador, fazedor de imagens, trabalhando com fotografia de pessoas negras há aproximadamente uma década, tendo ingressado na Universidade pelo programa de cotas e observado que a existência e a permanência de pessoas negras seguem defasadas dentro das instituições de ensino superior, aflora em mim a necessidade de uma ação de enfrentamento ao racismo por meio da fotografia e do olhar, devido a uma questão pessoal, por ser uma pessoa que poucas vezes se viu representado em alguma dessas imagens dentro de uma instituição de ensino superior, em lugares de produção de conhecimento e tendo que lidar com todas as sensações que isso provoca, inclusive com os racismos cotidianos. Em segundo lugar, por um desassossego pela mudança, em acreditar que mora na memória coletiva das pessoas negras o desejo de pertencimento e representação de seus e suas iguais e, por confiar na fotografia enquanto uma potência de afeto que possibilita o agenciamento desse pertencimento. Pois, como Deleuze (1972, p. 178) anuncia a partir de Espinosa, um indivíduo é concebido “pelos afetos de que é capaz”, evidenciando a capacidade de afeto que a presença de um corpo em uma imagem carrega. A pesquisa, impulsionada pelos meus desejos e inquietações, se torna um atrativo para irmos além, e aqui o “além” é um convite sobre o olhar, pois como já cantava Racionais (2002) “cada favelado é um universo em crise”.

Tendo posto desejos e caminhos possíveis para a realização da pesquisa, se torna importante pontuar a importância da mesma para o campo social, através da análise de dados levantados sobre a defasagem de pessoas pretas nas universidades serem comuns no cotidiano do nosso país, o que acaba se tornando engrenagem de uma estrutura de racismo que se

perpetua em diversas instâncias, sejam conscientes ou inconscientes, dando continuidade ao genocídio do povo negro (Nascimento, 1978). Diante dos dados, torna-se relevante problematizar a situação, pois quando se trata de políticas de permanência o que se percebe é que não diz respeito apenas à moradia, alimentação e transporte. Se lidamos apenas com essas questões, a defasagem continua sendo realidade nas universidades. A proposta aqui é de repensar a construção do espaço político e social que atenda à multiplicidade, dando ênfase à memória coletiva que atravessa os territórios, sejam eles, espaços de identidade, alicerçados nos sentimentos e pertencimentos. Pertencimento este que pode ser possibilitado pela imagem. Para que a universidade, enquanto uma instituição também de acolhimento, possa rever esse aspecto de inclusão dentro do seu espaço e assim podendo pensar em outras propostas de políticas de permanência, a aposta se faz na imagem como uma possibilidade.

Através de tudo o que fora aqui apresentado e na intenção menor de aparar as arestas de minhas intencionalidades, minha investigação buscará trazer algumas saídas possíveis à pergunta: o que pode uma foto? se quisermos assim pensar com Deleuze. Desdobrando-se no seguinte objetivo geral: compreender como as fotografias das placas de formatura podem afetar a sensação de pertencimento das pessoas pretas nos espaços universitários. Para isto, a pesquisa se desenha em torno de três objetivos específicos: (i) no campo conceitual, buscaremos definir e elucidar os principais conceitos que norteiam a pesquisa, tais quais: fotografia, memória, pertencimento, afeto, racismo; (ii) no campo metodológico, buscamos cartografar os afetos em torno da relação dos sujeitos com as imagens fotográficas; por último, (iii) no campo analítico, buscaremos discutir os resultados cartografados nas oficinas fotográficas a partir do aporte teórico elegido na composição investigativa.

A pesquisa estruturalmente ainda se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentado aqui como: *O que diz uma imagem?: contextualizações de um corpo negro, fotógrafo e educador na academia* contextualizo a pesquisa de modo geral, apresento o que move o desejo de realizar a pesquisa e resumo quais os caminhos serão traçados para a realização da mesma; o segundo capítulo, *Cenários e sujeitos em (de/re)composição*, é composto por outros dois subcapítulos, sendo o primeiro *Sobre leis e políticas em torno da raça e do racismo*, onde faço um levantamento documental de leis que envolveram a questão do acesso à educação no Brasil desde o Império até os dias atuais, pensando nos espaços de ensino e aprendizagem como um território que historicamente foi ocupado por um perfil padrão, e relacionando essas questões com a construção do imaginário social brasileiro, e o

segundo, *Sobre fotografias e o pensamento contra-colonial no agenciamento dos afetos e das memórias*, onde busco apresentar os conceitos a serem trabalhados na pesquisa, como este pensamento, o agenciamento dos afetos e das memórias, fazendo uma análise de como as fotografias nas placas de formatura servem de disparadores da memória afetiva e coletiva; no terceiro capítulo, nomeado *Fabulações para um jogo fotográfico ou simplesmente procedimentos metodológicos de pesquisa*, iremos apresentar os caminhos metodológicos que iremos traçar durante a pesquisa para possibilitar a fabulação de um novo jogo, usando a oficina como uma ação contra-colonial apresentada por Nego Bispo dos Santos(2015); no quarto capítulo, intitulado *Cartografias imagéticas*, que também será dividido em dois subcapítulos, sendo o primeiro intitulado *Entendendo o que está posto: o jogo fotográfico nas placas de formatura*, que terá como objetivo entender o jogo fotográfico posto a partir do reconhecimento de campo. Também, a partir do Jogo Fotográfico apresentado por Soulages (2010) tentamos compreender o que levou aquelas fotos a ocupar aquele lugar, o que tem por trás do dispositivo e a que custo essas imagens foram criadas e postas nesses corredores. Iremos apontar os caminhos metodológicos que guiaram a pesquisa, tendo como base os movimentos cartográficos apresentados por Kastrup (2009) atrelado ao jogo fotográfico que Soulages (2010) traz em sua obra Estética da fotografia junto ao conceito de Pacto da Branquitude de Cida Bento (2022). No segundo subcapítulo, *Remexendo as peças e criando novas regras*, iremos (re)montar o jogo posto, pensar como criar outras formas de compor esse território a partir das fundamentações sobre fotografia, da perspectiva do documento fotográfico, articulando o processo de leituras decoloniais. No quinto e último capítulo, *Construindo mundos pertencíveis: a potência do encontro no jogo fotográfico*, iremos realizar as conclusões finais a partir dos movimentos cartográficos realizados, com apontamentos e as respostas ou ainda mais perguntas encontradas ao longo do percurso.

Vale ressaltar também que um dos maiores desafios dessa pesquisa, para além de realizar todo o percurso descrito acima, é não esquecer das reais motivações que me trouxeram até aqui. Talvez, um movimento paralelo a ser realizado com a pesquisa, é uma cartografia das minhas raízes, os afetos que me compõe enquanto sujeito no mundo, antes de me compor enquanto pesquisador. Estabelecer singularidades afetivas na troca com o que irei encontrar em campo.

Lembro-me de quando ainda estava na graduação de Serviço Social e pretendia falar de afetividade no meu trabalho de conclusão de curso, que depois do desejo se consolidou

com um TCC intitulado *O Serviço Social e a Afetividade no Processo de Ressocialização do Adolescente em Conflito com a Lei*. Recordo-me que na época de escrita passava horas pesquisando o conceito de afeto e afetividade, mas foi no contato com a pesquisa de campo, ministrando cursos voltados para a construção de imagem, fazendo visitas domiciliares, adentrando na casa de pessoas que muitas vezes viviam na iminência de não existir, que me encontrei na prática com o exercício da afetividade que tanto busquei. Ela se materializa quando uma das adolescentes que era acompanhada por mim, mesmo cansada após dividir o dia entre cumprir medida e catar material reciclável na rua para sobreviver, “passava os olhos” nas crianças da vizinha que resolveu voltar a estudar para tentar garantir o futuro melhor para os filhos. A afetividade se presentifica para mim vendo as meninas negras trançando o cabelo umas das outras, porque resolveram passar por transição capilar, mas eram xingadas na escola. Era saber a importância das cadeiras na calçada no final do dia. A afetividade ali era você compreender não só as marcas e feridas deixadas pelo processo de escravização, mas tatuagens feitas com agulha de costura e castanha de caju cravadas na pele desses jovens nas comunidades em que trabalha. Que aqui não seja diferente, que possamos alinhar prática e teoria, sem esquecer que nossa humanidade é inegociável.

2 CENÁRIOS E SUJEITOS EM (DE/RE)COMPOSIÇÃO

2.1 COMO A IMAGEM DO NEGRO NO BRASIL CONTRIBUIU PARA AS SUBJETIVIDADES DE RAÇA E DO RACISMO

Na escola não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado.

[Itamar Vieira Junior, Torto Arado, 2019]

O fragmento acima é do romance do escritor Itamar Vieira Junior, uma das mais premiadas e vendidas nos últimos anos no Brasil. A obra conta a história das dificuldades que uma família negra enfrenta em um período pós escravidão ao ter que trabalhar quase que em troca de casa e de comida. O livro conta como o racismo estrutural atravessa a vida das irmãs Belonisia e Bibiana numa tentativa de apagar desde a sua identidade até o seu direito à religiosidade africana. No fragmento acima Belonisia explica ao seu pai o porquê não queria frequentar as aulas com uma professora branca que sempre a olhava de forma estranha. Através desta provocação o intuito é pensar como esse espaço de ensino e aprendizagem que deveria ser um espaço democrático se tornou tão violento para nós pessoas negras, e como esse não lugar que atravessava Belonisia ainda reverbera a mesma sensação nos dias atuais?

Esse não lugar existente no imaginário social das pessoas negras desde do início do Brasil resultou em uma realidade onde as pessoas negras existissem nesses espaços de educação formal apenas enquanto objeto de estudo e poucas vezes como sujeitos de nossas próprias narrativas. Sobre isso Bell Hooks (1989, p. 42) aponta os dois conceitos (sujeito e objeto) a partir da seguinte perspectiva: os sujeitos são aqueles “que têm direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e nomear sua história”. Já ao existir enquanto objeto, nossas realidades são definidas por outros, nossas identidades são criadas por outros e nossa “história designada somente de maneira que definem nossas relações com aqueles que são sujeitos” (Hooks, 1989, p. 42).

A partir disso, tendo consciência do que é objeto e sujeito dentro do espaço acadêmico, trazer histórias em primeira pessoa se configura como um ato político. Escrever é

um recurso para tornar-se sujeito e não mais objeto, o exótico, o não humano, o hierarquicamente inferior, é ter o poder de contar suas próprias palavras: “eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (Kilomba, 2019, p. 28).

Buscando ser essa oposição e tornar-me sujeito no processo, o pontapé inicial para falar de racismo aqui envolve a minha subjetividade enquanto pessoa preta, pesquisador, educador e vítima de um sistema que historicamente vem tentando a todo custo apagar nossas existências e negociar a nossa humanidade, pois, assim como Belonisia também tive o desejo de não estar em uma escola por conta de violências sofridas não pela professora, mas por um imaginário que foi construído na sociedade brasileira fazendo com outras crianças tornassem a minha permanência em um lugar de ensino e aprendizagem um pesadelo, mesmo sem entender muito bem o que era racismo.

Considerando a definição de Almeida sobre racismo que “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (2019, p. 25), recordo-me da primeira memória de violência racial que atravessa o meu corpo em um espaço de multiplicação de saberes, ainda quando criança.

Na escola, lembro-me de adorar os festejos que marcam o mês de junho, festa nascida em forma de agradecimento dos trabalhadores do campo pela colheita do milho e nos quais se comemora o dia dos santos da igreja católica - Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo. A festa, para além das comidas, decorações e brincadeiras, tem no ponto mais alto da comemoração a dança da quadrilha, onde as pessoas se fantasiam de trabalhadores do campo e dançam situações cotidianas da vida desses trabalhadores. Na escola é comum que nessa época do ano se festeje convidando as crianças para dançarem a quadrilha. Dançava-se de casal e a professora sempre deixava as colegas mulheres escolherem seus pares. Eu adorava, ainda nos primeiros anos queria participar de todas. No entanto, conforme fui ficando mais velho fui percebendo que havia uma tensão na escolha, e por algum motivo que eu ainda não sabia identificar o que era.

Com o passar do tempo fui percebendo que não só eu, mas as outras crianças negras também eram as últimas, ou às vezes nem eram escolhidas. Quando chegavam nos últimos e só sobravam os meninos negros, as meninas por vezes optavam por não dançar. Até que um

dia, um pouco mais velho e com uma compreensão um pouco melhor do mundo, peço para uma amiguinha de sala me convidar pra dançar e ouço ela dizer não, pois eu era preto e a mãe dela havia dito que não queria o parceiro dela preto para não estragar as fotos que tirávamos na época. Lembro de ainda criança me questionar o que havia de errado com minha cor e sentir medo por isso. Depois do acontecido, nunca mais dancei quadrilha. Guardei uma fotografia minha do festejo do ano anterior, no qual fui noivo (o personagem mais importante da festa), segurando uma câmera fotográfica analógica que alguém tinha me deixado ver e fiquei encantado. Ancorei-me nesse registro sempre sentindo que a partir dele pude ter dois caminhos para pensar a fotografia, racismo e espaços de ensino e aprendizagem, o primeiro me faz lembrar que o Brasil é cruel com corpos negros e de todas as formas vai tentar eliminar nossos afetos e subtividades, o segundo para recordar que o registro também é um lugar de cura, que sempre que volto nele lembro da força que a fotografia e a memória têm, servindo como um retrovisor, que nos faz olhar para trás, mas para andar para a frente.

Figura 5 - Foto de foto de festa junina, não datada.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Esta fotografia, atrelada a história contada nos mostra a importância da escola na composição de nossas identidades, o espaço de ensino e aprendizagem é em sua grande maioria um dos primeiros contatos com vida em grupo que muitas pessoas irão ter. A escola é um espaço de se abrir ao novo e pode ter uma linha muito tênue entre ser vista como um espaço de opressão e acolhimento, sempre nesse lugar operando multiplicidades. Mas o que será que minha experiência enquanto um homem preto ainda criança, a fotografia que me cura ao passo que a observo e o jogo fotográfico apresentado por Soulages têm em comum?

Para respondermos essa questão precisamos nos aprofundar no que diz respeito à representatividade no Brasil. A construção da imagem do negro ao longo da história do Brasil revela uma trajetória complexa e perturbadora, na qual estereótipos, preconceitos e desigualdades foram amplamente perpetuados sobre a imagem da pessoa pessoa negra, seja ela na televisão ou nas fotografias dispostas em espaços públicos. Desde os primeiros contatos entre europeus e africanos na época da colonização, essa representação desempenhou um papel crucial na manutenção do racismo estrutural que ainda persiste em nossa sociedade contemporânea, assim como aponta Nascimento (1978, p.108) "A fertilidade racionalizadora do racismo brasileiro não tem limites: é dinâmica, polifacética e capaz das manipulações mais surpreendentes" fertilidade que continua impregnada em nossa imagem.

Nascimento (1978) aponta que "os negros lutam diariamente nessas sociedades contra o preconceito racial e a discriminação na moradia, na educação, e no emprego" (p.152) o autor aborda a representação do negro na sociedade através de sua obra "*O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*" (1978) onde denuncia a perpetuação do racismo estrutural e a marginalização dos negros no Brasil, destacando como a imagem negativa do negro era perpetuada em diversas esferas sociais. Ele apontou que a mídia, a educação e a cultura frequentemente reproduzem estereótipos e preconceitos raciais, contribuindo para a manutenção das desigualdades, sobre a mídia que é o maior meio de representação imagética que temos ao longo da história, Abdias aponta que quando os negros eram convidados para estarem nesses espaços em sua maioria era "para representar um papel exótico, grotesco ou subalterno; um dos muitos estereótipos negros destituídos de humanidade, tais como a criadinha de fácil abordagem sexual, o moleque careteiro levando cascudo, a Mãe Preta chorosa ou o domesticado Pai João" (Nascimento, 1978, p.162).

Com isso, podemos perceber como a história do Brasil foi construída sobre a negação e a distorção das contribuições dos negros para a sociedade, reforçando uma narrativa que

marginalizava e invisibilizava suas realizações desde a época que os colonizadores pisam nessa terra, pois ao fazermos uma busca das primeiras imagens do Brasil, como gravuras, pinturas e registros visuais, a representação do povo negro frequentemente refletia a hierarquia racial e social estabelecida durante a colonização. Os artistas em sua grande maioria retratavam os negros de maneira submissa, associando-os ao trabalho braçal e à exploração. As representações visuais costumavam reforçar a ideia de que os negros eram inferiores e destinados a papéis servis na sociedade colonial. Essas representações estão atribuídas à mentalidade colonialista da época, que buscava justificar a exploração e a escravidão dos povos africanos e tudo isso ainda está contribuindo para a criação de uma imagem negativa do povo negro.

A fotografia desempenhou um papel significativo na construção e perpetuação da contratualidade da subjetividade da pessoa negra por meio do racismo, influenciando a forma como eram apresentadas e percebidas ao longo da história. Ao longo dos anos, as imagens fotográficas foram utilizadas para reforçar estereótipos raciais e disseminar narrativas discriminatórias que contribuíram para a manutenção das desigualdades sociais. Frantz Fanon, em sua obra "Pele Negra, Máscaras Brancas" (1952, p. 91), observa como a fotografia se tornou um meio para fixar a identidade racial do negro, restringindo sua subjetividade: "Olhe-me com a objetividade que desejar, jamais encontrará em mim senão a negação da realidade." Nesse sentido, a fotografia desempenhou um papel fundamental ao solidificar a visão negativa que o racismo impõe sobre a pessoa negra.

As imagens fotográficas historicamente perpetuaram o racismo ao estigmatizar a pessoa negra como sendo inferior, selvagem e perigosa. Essas representações visuais frequentemente limitavam a complexidade da experiência humana negra a uma única dimensão, negando sua individualidade e humanidade. O fotógrafo e ativista Gordon Parks, em sua série fotográfica "Segregation Story" (1956), capturou a segregação racial nos Estados Unidos, revelando as profundas divisões sociais. Suas imagens ilustram como a fotografia documental também pode funcionar como um meio de exposição da contratualidade racista, ao evidenciar as injustiças sistêmicas enfrentadas pela comunidade negra.

A fotografia também foi usada como ferramenta de controle social, contribuindo para a submissão da pessoa negra às normas impostas pela sociedade dominante. Roland Barthes, em "A Câmara Clara" (1980, p. 87), discute como a fotografia congela o momento e cristaliza os significados atribuídos a determinada imagem: "Toda fotografia é um certificado de

presença." Essa certificação da presença, porém, frequentemente subjugou a pessoa negra a um papel marginalizado na história, perpetuando a ideia de que sua existência estava restrita aos limites estreitos definidos pelas estruturas racistas.

A desconstrução dessa contratualidade racial na fotografia requer um olhar crítico sobre as representações passadas e presentes, usando a recontextualização e a reinterpretação das imagens, com um outro olhar compreendendo que existe um jogo que está sendo jogado nessas fotografias, sabendo que a partir da identificação deste jogo é possível resistir ao impacto negativo que a fotografia historicamente exerceu sobre a subjetividade da pessoa negra, e contribuir para a formação de narrativas mais inclusivas e empoderadoras, uma vez que

A fotografia não é uma restituição do objeto mundo, mas a produção de imagens que interpretam alguns fenômenos visíveis e fotografáveis, de um modo particular existente num espaço e numa história dados: verdadeira revolução em relação à ideologia de [Henry] Luce [Diretor da Revista Life, 1934], que oculta a diversidade de realidades, a sociedade histórica em que são feitas as fotos, os processos de produção e de comunicação dessas fotos e o papel do sujeito que fotografa; são muitos os fatores que condicionam a foto do objeto a ser fotografado. Um acontecimento existe não só em função de seu reconhecimento por uma testemunha, mas principalmente em função de sua constituição como acontecimento por essa testemunha, seja ela fotógrafo ou historiador. Não há acontecimento pré-existente a seu reconhecimento. Não há um objeto-realidade a ser fotografado nem um sujeito que transforma um fenômeno visível em signo de um objeto a ser fotografado (Soulages, 2010, p. 31-35).

Compreendermos que a fotografia não é uma reprodução fidedigna do real é um dos passos iniciais que esta pesquisa convida a você leitor a pensar, aqui entenderemos a fotografia como uma dinâmica de jogo, um jogo de poder que pode ir mudando a realidade ao passo que ele vai sendo jogado. Soulages propõe que a fotografia não seja vista apenas como uma representação estática da realidade, mas como um jogo complexo entre elementos visuais, contextos culturais e percepções individuais. Esse jogo fotográfico desafia a ideia de uma imagem fotográfica como um mero reflexo da realidade objetiva, enfatizando a importância das escolhas do fotógrafo e das interpretações do espectador na criação de significados. O conceito de jogo fotográfico ressalta a natureza dinâmica e mutável da fotografia, convidando-nos a considerar as múltiplas camadas de significado presentes em uma imagem, e assim recriar estas imagens de modo que criem um ambiente mais acolhedor.

Para recriar a imagem do negro com um olhar antirracista na sociedade atual, é fundamental adotar abordagens educativas, culturais e políticas que promovam a igualdade e a

valorização da diversidade. Bell Hooks, em "Black Looks: Race and Representation" (1992, p. 131), ressalta a importância de reconstruir a imagem do negro através da educação: "A educação é um local crucial para a recriação da imagem negra, e todos os esforços precisam ser feitos para assegurar que ela esteja no centro da mudança." com isso, nada mais pertinente que discutir a imagem do negro que é apresentada num lugar de formação, ensino, troca e aprendizagem. É através do contato com as imagens que iremos problematizar as fotografias existentes e criar outras que ainda moram em nosso imaginário, e assim criar espaços mais democráticos observando as fotografias de formatura, pois como aponta Gomes (2013, p. 315) "Sim, podemos aprender ao observarmos imagens. Desde que haja a honesta disposição de renunciar aos esquemas explicativos apriorísticos, desde que nos habite a modéstia de querer aprender com as imagens". Sendo assim convido a você se embrenhar nesse caminho para juntos aprendermos com essas imagens.

2.2 SOBRE FOTOGRAFIAS E O PENSAMENTO CONTRA-COLONIAL NO AGENCIAMENTO DOS AFETOS E DAS MEMÓRIAS

O conceito de agenciamento proposto por Deleuze e Guattari (1980) apresenta uma visão complexa das interações entre diferentes elementos, sejam eles humanos ou não-humanos, na construção de processos e formas de existência, processos esses que serão usados aqui para guiarmos a oficina. Os autores destacam que agenciar não é apenas um ato isolado, mas uma rede dinâmica de conexões e relações que dão origem à multiplicidades. Como eles afirmam em "Mil Platôs" (1980, p. 34): "Não há indivíduos, mas termos, dimensões, direções, variações passíveis de agenciamentos variados". Aqui, eles enfatizam que os agenciamentos envolvem uma interação constante e que as entidades individuais são apenas pontos de convergência dessas relações mais amplas.

Os filósofos descrevem agenciamentos como encontros que geram novas possibilidades e formas de vida. Em "Mil Platôs" (1980, p. 293), eles escrevem: "Um agenciamento não é feito de relações entre termos (elementos) estáveis e constantes, mas de relações entre velocidades, entre direções variáveis". Aqui, eles enfatizam a natureza fluida e mutável dos agenciamentos, que envolvem não apenas elementos fixos, mas também movimentos, mudanças e fluxos. O agenciamento, portanto, é uma abordagem que reconhece a complexidade das interações e a constante criação de novas configurações a partir de

interações, serão essas novas configurações que usaremos como as novas peças desse jogo fotográfico, recriando essas imagens e possibilitando outras sensações.

Sendo assim, o que podemos dizer é que o conceito apresentado por Deleuze e Guattari, se configura como um trajeto de dois caminhos, um eixo horizontal e um vertical, que pode ser entendido como um conjunto de relações materiais e um regime de signos correspondente. O agenciamento é formado pela expressão e pelo conteúdo (Deleuze; Guattari, 1997).

Mas o que têm as fotografias das placas de formatura a ver com tudo? Aqui, a fotografia e o pensamento contra-colonial serão nosso caminho para uma desterritorialização do que está posto. A fotografia popularmente é considerada uma forma de expressão amplamente utilizada para capturar momentos significativos, registrar memórias e pautar os afetos. Ela se configura para a pesquisa enquanto um documento que irá nos dizer sobre questões políticas e de contexto histórico. Concordo com Azoulay (2019) quando a autora enfatiza que as fotografias não são neutras politicamente e também não se ausentam das relações de poder entre os corpos que participam de sua constituição. Com isso, é importante reconhecer que o fazer fotográfico está enraizado em estruturas coloniais que historicamente perpetuaram o racismo e a exclusão social.

...a fotografia não deu início a um novo mundo; contudo, sua construção foi beneficiada pela pilhagem, pelas divisões e pelos direitos imperiais que estavam operando na colonização do mundo-que-já-estava-lá, que coube à fotografia documentar, registrar e contemplar.(...) Tais reiterações não evidenciam a natureza da nova tecnologia, mas a maneira como a fotografia, entre outras tecnologias, estava enraizada nas estruturas imperiais de poder e de legitimação da violência na forma de direitos exercidos sobre o outro (Azoulay, 2019).

A relação entre fotografia e racismo pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas. Uma delas é que a fotografia tem sido usada como uma ferramenta para promover estereótipos raciais e reforçar a hierarquização das raças. Durante o período colonial, por exemplo, as imagens produzidas foram frequentemente utilizadas para retratar os povos negros de maneira exótica, inferiorizada no lugar de subserviência.

Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquinico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou

reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem." (Kplm. 1995. p.112).

Para compreendermos melhor o que essas imagens em questão podem nos falar sobre pertencimento e questões raciais, entendendo a fotografia como uma expressão a ser observada ao longo da história e sendo uma agenciadora para a criação de um imaginário social e coletivo em nosso país, sob a perspectiva do colonizador, trazemos a compreensão do *pacto da Branquitude* conceituado por Bento (2022), que irá tratar sobre como essa falta de representatividade de pessoas pretas pode ser vista como um pacto de pessoas não negras que contribuiu para a manutenção do racismo e como isso afeta a formulação da nossa subjetividade, dialogando ainda com as questões de pertencimento presentes no jogo fotográfico apresentado por Soulages (2010).

Bento (2022) aponta que esse pacto não é um pacto feito de forma direta mas que "trata-se de uma herança inscrita na subjetividade do coletivo, que não é reconhecida publicamente" (p.33), ou seja, algo que está implantado na história do povo brasileiro. Existe um sistema que busca a manutenção do racismo estrutural de forma muito sutil, e é singela porque ela não é dita diretamente, é o reconhecimento e o fortalecimento dos iguais, o herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia desta herança, seja concreta ou seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado. (Bento, 2022, p.48).

O silêncio capturado neste trabalho, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação enquanto grupo, como referência da condição humana. [...] É como se o diferente, o estranho pusesse em questão o “normal”, o “universal” exigindo que se modifique. Assim, a aversão e a antipatia emergem (Bento, 2002, p. 31).

Ou seja, as fotografias continuam a ser colocadas no mundo de modo a serem pensadas e elaboradas de uma forma que não levando em consideração as subjetividades de cada um, agindo sob a lógica do colonizador (já apontada aqui), fazendo com que as pessoas que fujam desse padrão não se sintam pertencentes àquele espaço no qual a fotografia está exposta, ou mesmo não atuem de forma ativa na produção, nem alimenta o desejo de participar da construção daquela fotografia. Enquanto isso, as pessoas que continuam a alimentar o padrão colonizador diariamente junto aos seus iguais, como no caso da presença e manutenção das fotografias em placas de formatura, que serve enquanto um documento para

atestar quem foram aqueles que conseguiram concluir o processo de estar ali, na chamada formação superior, e quem terá direito a essa memória, quem se sente pertencente àquele território, quem está acostumado a ver o seu reflexo neste espaço. O pacto da branquitude está lá, nas frestas no infalível, pois, como aponta Soulages (2010, p. 83), "o real é infotografável".

Com isso, podemos partir do ponto que a fotografia também desempenha um papel fundamental na preservação e na construção da memória coletiva. Ao colocar em imagens momentos históricos e experiências individuais, criamos uma narrativa visual que ajuda a moldar nossa compreensão do passado e assim talvez enxergar um futuro que queremos ou não. O que uma foto de um tempo passado pode dizer sobre o tempo presente dos alunos negros do curso de direito da Universidade Federal da Paraíba? É importante questionar as histórias que foram omitidas e marginalizadas nessa construção da memória?

Batchen destaca que "a fotografia é um conjunto de relações que carrega consigo o rastro de uma alteridade perene" (2004, p.179). Isso significa que as fotografias das placas de formatura podem servir para percebermos de forma não verbal esse pacto feito por esse sistema branco e colonizador apontado por Bento (2022) e como ele afeta diretamente e indiretamente a memória coletiva, influenciando a maneira como a subjetividade da população é construída e como isso pode afetar a sensação de pertencimento para quem observa diariamente essas imagens protagonizando o espaço universitário e assim passando a dar significado às coisas.

Mas e a colonialidade e a contra-colonialidade nisso tudo? Bom, se Batchen afirma que uma fotografia é um "momento dentro de um processo complexo e invisível de produção de significado" (2004, p.17), que emerge de uma ecologia complexa de ideias e circunstâncias que abrange o ambiente intelectual, o contexto político, a situação e a capacidade técnica (*ibid.*, p.25), precisamos pensar no cerne desta demanda. Podemos dizer que as fotografias das placas de formatura da forma que está diz muito sobre o contexto em que ela foi feita, o lugar que ocupa e o que ela busca afirmar e repetir.

A fotografia, então, se torna uma peça estratégica no jogo fotográfico também para deslocar, no tempo presente, esses sujeitos negros da universidade para estarem juntos contra o pensamento colonial apontado por Gonzalez (2020) como:

todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico

geográfico em que essa cultura se encontra chamaremos colonização, e por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios (Gonzalez, 2020, p.38)

Santos (2015) irá "compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios, dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios" (p.48). Ao passo que compreendemos o poder da prática contra colonial juntamente com a fotografia das placas de formatura como uma ferramenta de combate ao pacto narcísico da branquitude, buscaremos pensar a construção dessas imagens como um dispositivo contra-colonial, ou melhor, um contra dispositivo, um organismo lembrando que "desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a novas conexões. é necessário guardar o suficiente de organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-los a seu próprio sistema" (Deleuze; Guattari 2012a, p. 25), para assim darmos conta desses corpos negros na academia. A contra-colonialidade e as fotografias das placas de formatura são ferramentas para compreender as camadas que envolvem o jogo fotográfico presente nessas imagens e a partir daí buscar modos de remexer nas peças desse jogo, para que assim possamos traçar um elo na luta contra o racismo no espaço universitário entre esses dois pontos.

Um dos aspectos mais marcantes do pensamento contra-colonial é sua luta contra o racismo estrutural e suas ramificações no imaginário coletivo. Porém, para melhor entender o que é a contra-colonialidade, é preciso perceber que ela se expande para além de um conceito, uma prática. Compreendê-la como tal prática é um marcador fundamental para que o conceito não se perca e acabe se confundindo com o pensamento decolonial. A contra-colonialidade é uma dimensão crítica do pensamento decolonial, pois sempre pressupõe uma ação. Nego Bispo dos Santos (2015) nos aponta que a contra-colonialidade implica uma práxis, um fazer engajado em um projeto ancestral, político-social-cultural, uma cosmovisão que se entende, se articula e se efetiva em práticas.

Nesse contexto, o pensamento contra-colonial é então uma abordagem crítica e uma ação para desmantelar as estruturas coloniais, aqui apresentadas na forma de uma pesquisa teórica e prática, analítica das fotografias presentes nas placas de formatura e interventora, denunciando e rompendo com o pacto narcísico da branquitude. De acordo com Santos (2015), a contra-colonialidade envolve a descolonização do olhar e a valorização de diferentes

pontos de vista, privilegiando as vozes e perspectivas marginalizadas, que aqui o faremos através de uma proposta de remontar o jogo fotográfico como uma estratégia eficaz para promover o pensamento contra-colonial através da fotografia. Esse jogo envolve um olhar crítico sobre as imagens produzidas, buscando desconstruir estereótipos e fomentar a reflexão sobre as relações de poder que permeiam a criação e recepção das imagens, usando a capacidade histórica da população negra brasileira de se reinventar a nosso favor.

...nós, povos contra colonizadores, temos demonstrado em muitos momentos da história a nossa capacidade de compreender e até de conviver com a complexidade das questões que esses processos têm nos apresentado. Por exemplo: as sucessivas ressignificações das nossas identidades em meio aos mais perversos contextos de racismo, discriminação e estigma; a readaptação dos nossos modos de vida em territórios retalhados, descaracterizados e degradados; a interlocução de nossas linguagens orais com a linguagem escrita dos colonizadores. Esses sinais indicam que ainda existem muitas possibilidades de convivência entre os diversos povos, que as tentativas de confluência presentes na Constituição Federal podem sim avançar, desde que haja por parte dos colonizadores um real esforço para que isso ocorra (Santos, 2019, p. 74).

Nesse sentido as oficinas propostas como parte dessa dissertação se configuram para a pesquisa como uma ação contra-colonial que irá botar em questão o pacto da branquitude apresentado por Bento (2022, p. 16), que ressalta que ele “possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o diferente ameaçasse o normal, o universal”. Assim, usaremos as fotografias como agenciadoras da percepção do poder dessas imagens no espaço universitário, tendo como base essa cosmovisão, levando em consideração as emoções, a história dos sujeitos que estiveram envolvidos nas oficinas, seus antepassados e tudo que pode atravessar a subjetividade desses alunos e alunas negras que consomem estas imagens diariamente. A partir daí iremos movimentar as peças desse jogo, construindo uma sensação de pertencimento à população negra para quem participou da oficina e trazendo um deslocamento da população branca que alimenta esse pacto.

Essa prática contra-colonial foi construída em alguns passos, começando identificando o pacto narcísico da branquitude presente nas fotografias de placas de formatura, compreender quais as peças do jogo fotográfico que contribuíram, ou não, para a disseminação e manutenção do racismo dentro da universidade e, por fim, remexer as peças do jogo a partir deste projeto ancestral, essa cosmovisão que atenda as necessidades de se pensar o pertencimento da população negra dentro do espaço universitário buscando

compreender as diferenças e a interlocução entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contra-colonizadores, refletindo sobre os seus efeitos e consequências nos processos de colonização e de contra-colonização” (Santos, 2015, p. 20).

Com isso, o que podemos perceber com esses movimentos é que a fotografia desempenha um papel complexo na perpetuação do racismo, mas também oferece possibilidades de resistência e transformação. Através do pensamento/ação contra-colonial, podemos repensar as representações raciais na fotografia, promover o pertencimento e agenciar afetos e memórias de forma mais ativa, inclusiva e justa, onde possamos fabular novos mundos através da fotografia.

2.3 FABULAÇÕES PARA UM JOGO FOTOGRÁFICO OU SIMPLESMENTE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Por mais que popularmente a cartografia seja conhecida como uma ferramenta da geografia que é usada para a representação gráfica de superfícies terrestre e criação de mapas, aqui cartografar, terá outro sentido que se configura enquanto um método utilizado na pesquisa não como um caminho certo a ser percorrido entre pesquisador e objeto, mas como uma possibilidade de descoberta naquilo que pode existir nas frestas entre eles.

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebedor no mundo cartografado. (FONSECA e KIRST, 2003, p.92).

Sendo a cartografia desenvolvida conceitualmente por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) como auxílio nos processos de pensamento, e não como constituinte de objeto, ela se torna uma proposta metodológica de acompanhamento dos processos inventivos que irão compor a pesquisa. Com o objetivo de “justamente desenhar a rede de forças a qual o objeto ou o fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (Barros; Kastrup, 2009, p. 57), a cartografia ajudará no processo de pensar os corpos, territórios, potências, afetos e pertencimentos que as imagens e os sujeitos proporcionam.

Mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política,

olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (Prado Filho e Teti, 2013, p.47).

A cartografia, conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 10) propõe uma reversão metodológica “que consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”. Quando o pesquisador/cartógrafo adentra em um campo de pesquisa, é preciso ter consciência que ali já existem alguns processos em curso que moldam aquela realidade e que dele requer um olhar atento e respeitoso ao que veio antes, para isso se faz necessário uma vivência envolta de contato direto a partir da escuta, da troca e compreensão da realidade das pessoas que ocupam território a ser pesquisado.

Com isso, podemos dizer que a cartografia é esse processo de desenhar mapas, de traçar as linhas, de fazer conexões que vão se encontrando, se construindo, se reinventando, territórios outros que vão se edificando (Corrêa, 2017, p.29). Pois a cartografia se configura aqui como um modo de pesquisa sem forma, padrão e determinação. O cartógrafo/pesquisador tem a liberdade e a sensibilidade de escolher e inventar aquilo que lhe convém e/ou mesmo aquilo que a pesquisa vai ditando como necessidade no decorrer da investigação e na obtenção dos dados.

Para a realização dessa pesquisa a cartografia irá se dividir em cinco momentos, sendo eles: (a) revisão histórica; (b) revisão conceitual; (c) reconhecimento de campo; (d) oficina e (e) análise.

Ao fazer uma revisão de como o negro é representado na sociedade e como isso atravessa sua subjetividade, juntamente com o aparato de conceitos utilizados para pensar o corpo negro enquanto cidadão de direito, como o racismo se estrutura em nossa sociedade, questionando também o acesso do recorte à educação, para tanto, usamos como principal referência a obra *Racismo Estrutural* (2019) do autor Silvio de Almeida. Silvio é um advogado, filósofo e professor universitário negro que tem como base de sua pesquisa na academia compreender através do aparato jurídico, que é sua área de formação, como o racismo se estrutura no Brasil. Silvio é conhecido como um dos grandes especialistas nas questões raciais no Brasil. Para complementar a fundamentação desse primeiro momento trabalhamos também com autores como Bell Hooks, Paulo Freire, Grada Quilombo e Abdias Nascimento.

A revisão conceitual, é o segundo momento cartográfico desta pesquisa e tem como objetivo fundamentar os principais conceitos usados, sendo eles: fotografia, racismo, memória, pertencimento e território. Para trabalharmos o conceito de fotografia pretendemos ter como principais bases as literaturas de *Estética da fotografia: perda e permanência* (2010) de François Soulages, *Sobre Fotografia* (1977) de Susan Sontag e *O Ato Fotográfico* (1994) de Philippe Dubois. A proposta é usar essa bibliografia para conceituar a fotografia enquanto símbolo, pensar em como esse símbolo afeta a construção da subjetividades de quem a observa, e assim pensamos como ela pode, contribuir para a sensação de pertencimento, para, posteriormente, pensar em como usar desse símbolo para a fabulação de outro lugar mais acolhedor a partir da imagem. Além disso, trabalhamos a ideia do jogo fotográfico trazida por Soulages e articulá-la com estudos contra-coloniais, junto ao jogo fotográfico identificamos o que Cida Bento (2022) vai chamar de Pacto da Branquitude para pontuar as presenças existentes nessas fotografias. Para os conceitos que abrangeram as questões raciais da pesquisa, tivemos como as principais obras *Olhares Negros: Raça e Representação* (2019) de Bell Hoolks, *Racismo Estrutural* (2019) Silvio de Almeida e *O Quilombismo* (2020) de Abdias Nascimento, *Colonização, Quilombos, Modos e Significações* de Nego Bispo do Rosário (2015). A partir desta bibliografia, buscamos entender as questões que envolvem a realidade da população negra brasileira. Conceituamos as questões de memória, pertencimento e território Usando também o aporte teórico que abarca os três conceitos citados, sendo eles *Micropolítica: cartografias do desejo*. (1986) de Suely Rolnik, Félix Guattari, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1980) de Félix Guattari e Gilles Deleuze e *A memória coletiva* (1950) de Maurice Halbwachs. Com essa bibliografia, pretende-se fundamentar os três conceitos (memória, pertencimento e território) e compreender a melhor forma de subverter/profanar novas sensações a partir das imagens.

O terceiro movimento (reconhecimento de campo) da pesquisa ocorreu da seguinte forma. Primeiro contato com a Universidade Federal da Paraíba no Centro de Ciências Jurídicas no município Santa Rita - PB que ocorreu no mês de Outubro de 2022, onde, após pesquisas com alunos que estudam no campus, foi possível chegar ao nome do Professor Roberto Efrem. O mesmo utiliza das placas de formatura na disciplina de Sociologia Criminal que ele oferece, fazendo questionamento sobre os vazios existentes nessas fotos. A primeira visita ao campus foi no dia 26 de outubro. Roberto me recebeu, me mostrou as placas e apontou que o campus só foi inaugurado naquele local no ano de 2014. Nesse mesmo dia fotografei e cataloguei 14 placas de formatura, anexadas aqui, as placas vão do ano de 2014

ao ano de 2020. Roberto me apresentou o Professor Hugo Belarmino de Moraes, o docente é negro e além de professor lidera o Grupo de Pesquisa intitulado "Direitos Humanos, decolonialidades e movimentos" onde o debate de raça se faz presente. Hugo me ajudou a encontrar os alunos negros da intituição e me coligou aos alunos negros que fazem parte do Centro Acadêmico de Direito (CA).

A prática do campo ocorreu em três encontros, o primeiro no dia 18 de março de 2023, o segundo no dia 22 de março de 2023 e o terceiro e último no dia 1 de abril de 2023, acho que o mais importante para essa pesquisa, uma vez que este movimento foi o mais molecular, fluido e inventivo. O momento da oficina foi momento de lidar com as linguagens que pedem passagem. Momento de pura expressão do desejo, materialidade das memórias que buscam tradução. Momento de lidar com os devires, desterritorialização, de tornar outra coisa e fabular buscando profanar um novo território a partir de outros olhares.

A oficina, talvez, seja a ferramenta que melhor se articula com a cartografia. Não sendo um método, mas uma forma, ela pode instigar e estimular a criatividade na produção de algo que é desinteressado e desvinculado das propostas escolarizantes, dando passagem às intensidades que buscam expressão (CORRÊA, 2017, p. 33).

A oficina foi importante no âmbito da mediação para a construção de outras possibilidades de pertencimento e construção de imagem, assim como pontua Guilherme Corrêa (2000), abre-se para um campo onde a capacidade expressiva e o poder criador do oficineiro podem correr soltos. Com isso, realizou-se uma oficina com os estudantes do curso de direito em três encontros espaçados, que tiveram o objetivo de ajudar os envolvidos na fabulação de outras imagens (Correa, 2017), que não aquela clássica dos murais de formatura.

Diante de tal contexto, o mote central para a apreensão do nosso objeto de estudo precisa ser aprofundado, para chegarmos à seguinte questão: qual o jogo fotográfico implicado nas fotografias de placas de formatura? E pensando no caminho a ser percorrido ainda complementaria questionando: o que pode uma oficina de fotografia contra-colonial diante dessas imagens?

Para melhor detalhamento da oficina "*Por uma Fotografia Contra-colonial: a construção de imagem entre a memória e o pertencimento*" é preciso compreender o que é o pensamento contra-colonial trabalhado na oficina. Para melhor entender o que é a contra-colonialidade, primeiro precisamos entender o que foi, e o que é a colonialidade que Ballestrin (2013, p.100) vai definir como "o lado obscuro da modernidade" pois ela está

diretamente ligada a uma forma dominante de controle sempre visando o lucro do capital, então o pensamento colonial vai buscar de alguma forma que as relações de trabalho e dominação estejam sempre à frente das relações humanas e afetuosas, acaba-se com a humanidade de pessoas que têm menos acesso dentro de uma sociedade capitalista. De acordo com Ballestrin (2013, p.110), a colonialidade é a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser.

Começamos pela colonialidade do poder, ela está diretamente ligada a globalização e teve maior ênfase no processo de constituição das amérias que é resultado da proliferação do capitalismo eurocentrado, tendo como padrão de poder a classificação por raça, isto porque, na América Latina, a ideia de raça foi uma forma de legitimar as relações de dominação europeia, visto que o padrão do homem europeu era tido como superior e dotado de uma estrutura biológica/racial diferenciada (Quijano, 2005). Com isso, a colonialidade de poder coloca os dominados/colonizados em uma condição de extrema inferiorização e diversas violências sofridas por essas pessoas até os dias atuais. Com isso, percebe-se que a raça tornou-se o instrumento de dominação mais eficaz e durável, influenciando também outros aspectos que foram utilizados para a propagação da modernidade e do pensamento eurocêntrico, como o gênero, a sexualidade, o conhecimento, as relações políticas, ambientais e econômicas (Quijano, 2005).

No que tange a colonialidade de saber, que é um pensamento de dominação que propaga um padrão eurocentrado onde dita o que é conhecimento válido ou não válido, o colonialismo do saber, pregar um padrão de conhecimento global, hegemônico, superior e naturalizado (Lander, 2005), invalidando tudo que foge deste padrão e é construído por países marginalizados, negando a individualidade e a intelectualidade dos sujeitos destes países, não levando em consideração todas as coisas que atravessam a cada um que não nasceu em um países de "primeiro mundo", nem tiveram as mesmas oportunidades que os europeus tiveram e têm até hoje, o que resulta no apagamento dos menos desfavorecidos e na propagação dos diversos preconceitos vividos por esses recortes até os dias atuais.

A colonialidade do ser está ligada a junção da colonização do poder e a colonização do saber, onde o resultado dessas violências propagadas nesses pensamentos é a inferiorização atribuída aos povos subalternizados, ou seja, aqueles grupos que foram silenciados, oprimidos e colocados à margem da sociedade, como os negros, os índios, as mulheres, os mestiços, os

LGBTQIAPN+ dentre outros (Alcântara; Serra; Miranda, 2017). A colonialidade do ser resulta no apagamento desses povos, trazendos-os, ainda nos dias atuais, ocupando os maiores índices de vítimas de violências diversas mundo afora.

A partir disso, podemos pensar sobre o que é a contra-colonialidade. A contra-colonialidade, conforme abordada por Nego Bispo do Rosário, envolve uma reinterpretação crítica do colonialismo e uma busca por formas alternativas de resistência e empoderamento para recortes sociais marginalizados, principalmente para a população negra. Em sua obra "Caminhos Contra a Colonização Mental" (2019, p. 23), Bispo destaca a importância de rejeitar as narrativas hegemônicas que perpetuam o domínio colonial e resgatar as vozes, histórias e saberes das populações historicamente oprimidas. Ele promove a ideia de descolonizar as mentes, questionar os padrões de pensamento colonizados e reconstruir uma identidade cultural baseada em suas próprias raízes e perspectivas. A contra-colonialidade de Nego Bispo surge como um movimento de resistência intelectual e cultural, que busca não apenas desconstruir os vestígios do colonialismo, mas também construir novas formas de compreensão, valorização e celebração das identidades subalternizadas, essa proposta de construção de novas formas é entendida pelo autor como ação contra-colonial. Sobre isso Fanon aponta que:

a violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados, fazendo com que, por uma justa inversão das coisas, o colonizado escarneça quando se evocam na sua presença esses valores (2022, p.79)

O que a oficina propõe é exatamente questionar os padrões de pensamento colonizados e reconstruir uma identidade cultural baseada em suas próprias raízes e perspectivas através da troca mútua, da valorização dos afetos e das emoções, levando em conta a subjetividade individual de cada um dos envolvidos e a partir desta ação contra-colonial buscamos fabular novos caminhos, construindo um território mais afetuoso e acolhedor, dando voz não só aos alunos que participaram, mas a todos aqueles que nunca tiveram o direito de adentrar o espaço universitário por conta de sua cor, classe social, gênero ou algum condicionamento que lhe foi designado por esse sistema.

A oficina nasce e é aplicada ao longo desses três anos em cinco Estados e como metodologia do estágio docência nas disciplinas de Fotografia Digital na Universidade Federal da Paraíba (2021) e a disciplina de Fotografia e Iluminação na Universidade Estadual

da Paraíba (2021), buscando construir novas possibilidades de existir no mundo através da construção de imagem e da problematização das mesmas. O curso, assim como toda experiência que envolve afeto, nasce do encontro. Encontro de um corpo negro, periférico, produtor e pesquisador das imagens e dos afetos relacionado a população negra, com o desassossego pela inexistência de mais lugares onde possamos construir novas e outras possibilidades de existir no mundo, de memórias que passaram despercebidas no processo de construção de narrativas e de fazeres artísticos, de um lugar político que diz respeito a um território interno de um amontoado de desejos e esperança de que ainda dá tempo, da importância de se discutir as emoções e valorizar a ancestralidade no processo de multiplicação de saberes como uma ferramenta de mobilidade social fundamental através das fotografias.

O objetivo do oficina *“Por uma fotografia contra-colonial: a criação de imagem entre a memória e o pertencimento”* foi criar um espaço de troca pedagógica com os envolvidos, interessados em debater, experienciar, vivenciar e construir coletivamente outras concepções de criação de imagens através da memória afetiva e da perspectiva contra-colonial já citada aqui. A partir da partilha com o outro, da troca sobre o encantamento do mundo, do mistério como conhecimento e do mapeamento das inúmeras possibilidades de mediação/encaminhamento pedagógico no fazer fotográfico buscando um entrelaçamento ainda mais amplo entre a prática e a teoria.

Para cada um dos dias de curso a ideia é discutir com o grupo um tema relacionado a produção de imagens, memória coletiva e o poder da fabulação numa perspectiva anti-racista, para isso as aulas seguem da seguinte forma:

Na primeira aula, a proposta é apresentar as fotografias de formatura que estão sendo utilizadas na pesquisa, perguntar quais os vazios que essas pessoas enxergam nos retratos e como isso atinge cada um. Posteriormente, aconteceu uma contação de história africana que trata de imagem e construção de mundo. Os participantes foram convidados a se apresentarem de uma forma lúdica a partir da pergunta provocação que é "qual seu super poder no mundo?". A partir dessa pergunta os alunos começaram esse processo investigativo encontrando pontos onde os "superpoderes" dos envolvidos tem um ponto em comum, buscando onde nos encontramos que não é no aqui e agora. Esse encontro que se deu num lugar que não é o aqui e o agora diz respeito às memórias afetivas de cada um, trouxe os envolvidos enquanto sujeitos e não mais como objeto, quebrando com o padrão colonial onde

apenas as memórias e histórias dos dominantes eram validadas, agora as suas histórias vêm para o centro da roda. Com isso, começo a dar forma na ação contra-colonial no processo. Achando esses pontos de encontro, discutindo como as ações passadas, refletem na atualidade e finalizamos a aula com essas reflexões que atravessam as questões apontadas na pesquisa.

Por uma questão de tempo, reduzimos a oficina que a princípio eram quatro e quando formos pra campo se transformaram em três, aqui ainda faço uma provocação para uma criação onde a proposta foi que a partir da exposição de mapas que são diferentes dos mapas convencionais. Como por exemplo a obra de Jaime Lauriano *Pontos* (2015), pintura das rotas dos navios negreiros que saem de África para o Brasil com pessoas pretas escravizadas, feito com pemba branca (giz branco usado na umbanda), entre outros artistas que recriam mapas de diversas formas e com materiais diversos. os alunos foram convidados a criar individualmente um mapa, tendo como base as fotografias de formatura já mapeadas e o que precisava para que esses alunos e alunas negras se sentissem pertencentes a esse espaço universitário.

Na segunda aula foram apresentados fragmentos textuais e imagéticos que discutem a fotografia contra-colonial, aponta o que foi criado no mapa da aula anterior e abre possibilidades de se pensar numa fotografia ainda inexistente. Nessa aula tivemos o segundo produto de intervenção artístico criado, onde a partir do fragmento do texto *Reescrevendo o futuro: usando a ficção científica para reescrever a justiça*, convidamos os envolvidos a produzirem essa primeira criação. Sendo assim Walidah Imarisha (2016) aponta:

Somos o sonho das gentes Pretas escravizadas, a quem foi dito que seria "irrealista" imaginar um dia em que elas não seriam chamadas de propriedade. Essas pessoas Pretas recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim elas curvam a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos. (p.8)

A partir dessa provocação, os alunos foram convidados a recriar a imagem de uma pessoa que atravessa a sua existência e sonhou de alguma forma, porém, não tiveram acesso ao ambiente universitário nem ao direito da imagem. A proposta é pensar em como criar uma imagem a partir das fotografias das placas de formaturas, dando vida às pessoas que esperaram por toda uma existência e nunca conseguiram adentrar no espaço universitário, usando assim, a fotografia como uma ferramenta de efetivação da garantia de direito de ocupação dessa instituição, mesmo que depois de muitos anos, por mais que seu corpo não

ocupe, a imagem ocupará. Sodré (2017, p.204) aponta em seu livro *O Pensar Nagô* que "Exu² Matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje", com isso a criação destas fotografias nos abre o horizonte para novas discussões. A ideia é repensar e recriar o espaço acadêmico e as imagens que compõem os mesmos, trazendo os corpos pretos como protagonistas, dando o direito à imagem a essas pessoas que viveram durante muito tempo nos vazios e silêncios das placas de formatura, imagens estas que ocupam os espaço universitários.

Na terceira e última aula, a ideia foi trazer *feedback* e apontamentos, apresentando para todos o resultado final, e pensando a partir das produções como podemos fazer coletivamente uma nova cartografia do território, que agora temos outros significados. Após subverter o que estava posto, profanar uma nova possibilidade de existência, fabular um novo território dentro do espaço acadêmico num movimento de desterritorialização, de devir, de tornar-se outra coisa.

A forma de registro da oficina foi feita em alguns passos, no primeiro, foi feito o uso de um diário de campo, onde neste diário foram anotados os acontecimentos de maior relevância encontrados durante esse trajeto cartográfico, anotações imprescindíveis para a produção de dados, visto que a função da cartografia é a de transformar essas anotações em conhecimentos e modos de fazer (Barros, Kastrup, 2009). Para ter a certeza que nada passou despercebido no processo, o segundo passo que foi tomado para registro é a gravação de áudio, onde tive uma maior riqueza de detalhes e que pode ser revisitado quando necessário no processo de análise. Como terceiro e último passo, o registro fotográfico, que ajuda a reviver a memória e contribuir com a escrita do que compõe a pesquisa.

Com isso, a oficina se configura como o quarto movimento cartográfico que compõe a pesquisa e busca adentrar em movimentos que por vezes passaram despercebidos, que se olhados de longe podem parecer simples e ingênuos, como perguntar para as pessoas negras que ocupam os espaços acadêmicos quais são seus super poderes ou onde mora a memória afetiva de cada um e onde elas podem se encontrar, é uma forma de seguir acreditando que ainda temos muito para percorrer nessa luta antirracista, muitos nós para desatar, muitos dores que ainda teremos que lidar. No entanto, ainda existe beleza em nossas existências, muitas vezes apagadas pelo colonialismo, mas presente nos detalhes.

² Exu é um orixá guardião da comunicação, que faz parte das religiões brasileiras de matriz africana como Candomblé e da Umbanda. É uma das entidades mais conhecidas e cultuadas pelos adeptos dessas religiões no Brasil.

Como último movimento cartográfico teremos uma análise do material produzido, e dos atravessamentos que nasceram durante a pesquisa e que compõe a escrita que é composta para mostrar que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 1997, P. 19). A investigação e sistematização das informações coletadas nos documentos, na aplicação do curso e no material artístico construído foram atrelados às dinâmicas do jogo fotográfico apresentado por Soulages (2010) e complementado por Valle (2017). Tudo isso complementado pelas leituras de base dos estudos contra-coloniais.

A cartografia nos ajudou a partir dos caminhos, marcando movimentos, deslocamentos, usando da função dela de analisar as linhas, os espaços, os devires (Deleuze, 2013). A análise dos componentes cartografados foi feita a partir da análise das imagens produzidas ao longo da pesquisa relacionando-as com as descobertas que foram atravessando a pesquisa. Um dos pontos que buscamos trazer para a discussão foi o infotografável no jogo fotográfico, nos silêncios, nas frestas, pois como aponta Soulages (2010) a fotografia é em função do inacabado, uma arte dos possíveis, por isso o jogo aqui ainda estará sendo jogado, percebido, provocando e provocado.

3 CARTOGRAFIAS IMAGÉTICAS

3.1 ENTENDENDO O QUE ESTÁ POSTO: O JOGO FOTOGRÁFICO NAS PLACAS DE FORMATURA

O método da cartografia proposto por Deleuze e Guattari oferece uma abordagem propícia para a análise destas fotografias de formatura, permitindo explorar as complexidades das imagens de maneira não-linear e multidimensional. Ao invés de buscar uma interpretação única e definitiva, a cartografia enfatiza a criação de mapas conceituais que revelam as diferentes camadas e conexões presentes nas fotografias, onde aqui buscaremos evidenciar os silêncios e o não lugar de um recorte em específico. A cartografia, assim como o Jogo Fotográfico, reconhecem que as imagens não possuem significados fixos, mas são zonas de intensidade e multiplicidade, sujeitas a diversas leituras e contextos. Como Deleuze e Guattari apontam em "Mil Platôs" (1997, p. 12), a cartografia permite "mapear as multiplicidades, seguindo os traços dos processos de diferenciação que as constituem". Ao aplicar a cartografia na análise fotográfica, o cartógrafo pode mapear as interações entre elementos visuais, contextos históricos, narrativas culturais e emoções evocadas, proporcionando uma compreensão mais detalhada e diversificada das imagens.

A cartografia também é valiosa na análise fotográfica ao destacar as linhas de fuga e as rupturas presentes nas imagens. Deleuze e Guattari explicam em "Mil Platôs" (1997, p. 12) que "os pontos de fuga são as zonas de vizinhança que permitem a passagem de uma dimensão para outra". Ao identificar essas zonas de vizinhança nas fotografias, os analistas podem explorar como as imagens desafiam as categorias convencionais e abrem espaço para interpretações que vão além do óbvio. A cartografia também permite traçar as conexões entre diferentes elementos dentro de uma imagem e entre várias imagens, revelando padrões, fluxos e relações não evidentes à primeira vista. Dessa forma, o método da cartografia oferece uma ferramenta valiosa para desvendar a riqueza e a profundidade das fotografias, indo além das análises tradicionais e lineares e abrindo novos horizontes interpretativos.

Mas para que esses novos horizontes sejam abertos é preciso pensarmos a fotografia, assim como as questões de raça, como um jogo de sentidos e sujeitos, desejos e pertencimento, memória e disputa de poder. É tudo pensado através das frestas e dos silêncios existentes nessas fotografias, ou melhor, do infotografável em suas ramificações como

criadores, ou não, de lugares de pertencimento através da imagem. A fotografia, como signo vivo e plural, visível, sensível e encarnado, joga com tudo o que é infotografável (Soulages, 2010), que também é invisível, ou melhor, invisibilizado. O que proponho aqui é que pensemos qual foi o jogo está sendo jogado com fotografias de placas de formatura para que essas fotos existissem no território da academia? Quem ganhou e quem perdeu? Quem ditou as regras do jogo? Contra quem estamos jogando? Aqui, tudo isso se dá através de uma estética, de um jogo.

O jogo fotográfico é uma dinâmica, um processo de negociação que vai existir sempre no dispositivo fotográfico, no processo de existência das fotografias que acontece desde a fabricação das imagens até a circulação dessas fotos, onde elas circulam, como elas circulam, como se dá o consumo dessas imagens, a recepção dessas imagens, os contextos sociais, pessoais, subjetivos e os contextos políticos existentes no atravessamento de todos os processos que envolvem materialidades dessas fotografias nesse jogo, como aponta Valle (2017) sobre a fotografia.

... é produção de sentido. É estímulo sensível constantemente criado e recebido, que se partilha ou se deixa de partilhar. O jogo invisível tenta tornar-se visível e se constitui como conteúdo, como objeto dinâmico da fotografia, como um campo disperso de práticas. O próprio infotografável se dá de maneira prática. Porque, como vimos, o objeto deste jogo é fluido, mutante, complexo e plural. (Valle, 2017, p.88).

Uma das grandes características desse jogo, e que faz ele continuar sendo um jogo antes de qualquer coisa, é que ele nunca está ganho, está sempre sendo jogado, por isso as fotos nunca *são*, elas *estão*. E para entender como elas estão postas, as fotografias vivem um processo de atravessamento constante e por isso “A obra não é fruto de uma grande ideia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso” (Salles, 2008, p.36). É esse passeio por tudo que envolve esse percurso que iremos percorrer para compreender como o jogo fotográfico pode afetar a sensação de pertencimento de pessoas negras dentro do espaço universitário e como ele comunica uma realidade.

Se tratando de comunicar a realidade, Sontag (2004) aponta que as pinturas, desenhos e escritas até podem transparecer ou contar um fragmento do que é real, mas como interpretação de quem a faz. Quando se tratam de fotos, ela afirma que o mundo se torna uma série de películas individuais, que de algum modo também terá uma interpretação da pessoa que produziu a foto.

Há na fotografia um fragmento de realidade registrada que pode ser contestada, e não será vista enquanto realidade única, ou a reprodução de uma certa realidade, mas sim um convite para que possamos compreender que a sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: "Aí está a superfície. Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto" (Sontag, 2004, p. 33).

E o que é fabular quando a imagem, que atesta a existência de pessoas que deveriam ocupar aquele lugar que também é seu por direito, não te representa? Uma coisa é lidar com as imagens em fluxo nas redes, nas ruas, nos meios de comunicação, em que hoje você pode até escolher de certa maneira o que consumir, tendo em vista o avanço da internet, mas, e a imagem que você é obrigado a consumir diariamente completamente diferente de você?

Como assinala Soulages (2010), os desafios da fotografia estão ligados à esfera da filosofia, o real e suas representações, o sujeito e objeto, o ser e o tempo, a vida e a morte da estética em particular como por exemplo, arte e o sem arte, a criação e a técnica, o fragmento e a obra, arte fotográfica e as outras artes.

Para entender o jogo fotográfico existente nas fotografias de formatura, e os afetos que atravessam a quem observa, a proposta é pensarmos na dinâmica de engolir essas fotografias (da forma que está posta), mastigar essas fotografias (entender o infotografável, os silenciados e as frestas que existem nessas fotos) e cuspir para o mundo de forma alterada (trazer para o visível aquilo que não é visível de forma ética, política e poética).

Figura 03 - Placa de formatura turma de direito 2014.1



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 04 - Placa de formatura turma de direito 2015.1



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 05 - Placa de formatura turma de direito 2015.1



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 06- Placa de formatura turma de direito 2016.1



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 07 - Placa de formatura turma de direito 2017.1



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 08 - Placa de formatura turma de direito 2017.1



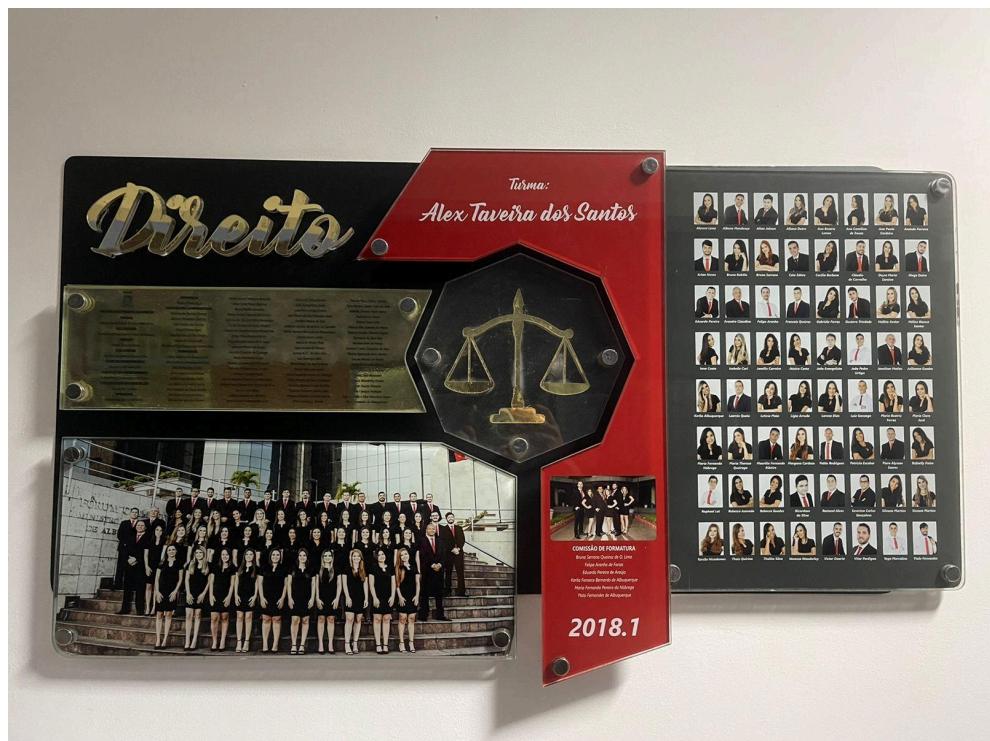
Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 09 - Placa de formatura turma de direito 2017.2



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 10 - Placa de formatura turma de direito 2018.1



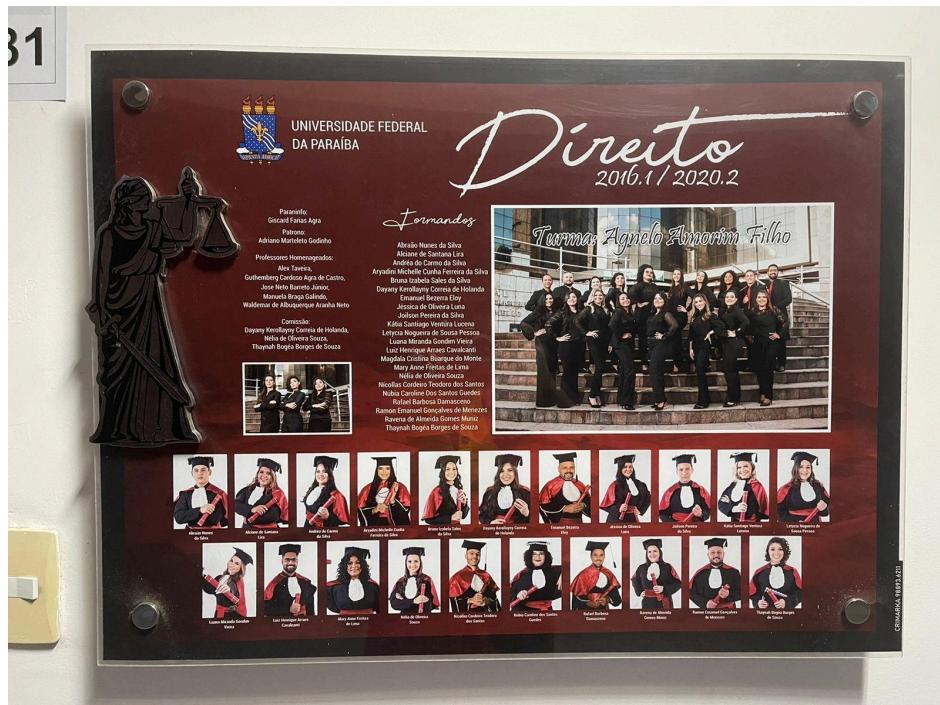
Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 11 - Placa de formatura turma de direito 2019.1



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 12 - Placa de formatura turma de direito 2020.2



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 13 - Placa de formatura turma de direito não datada



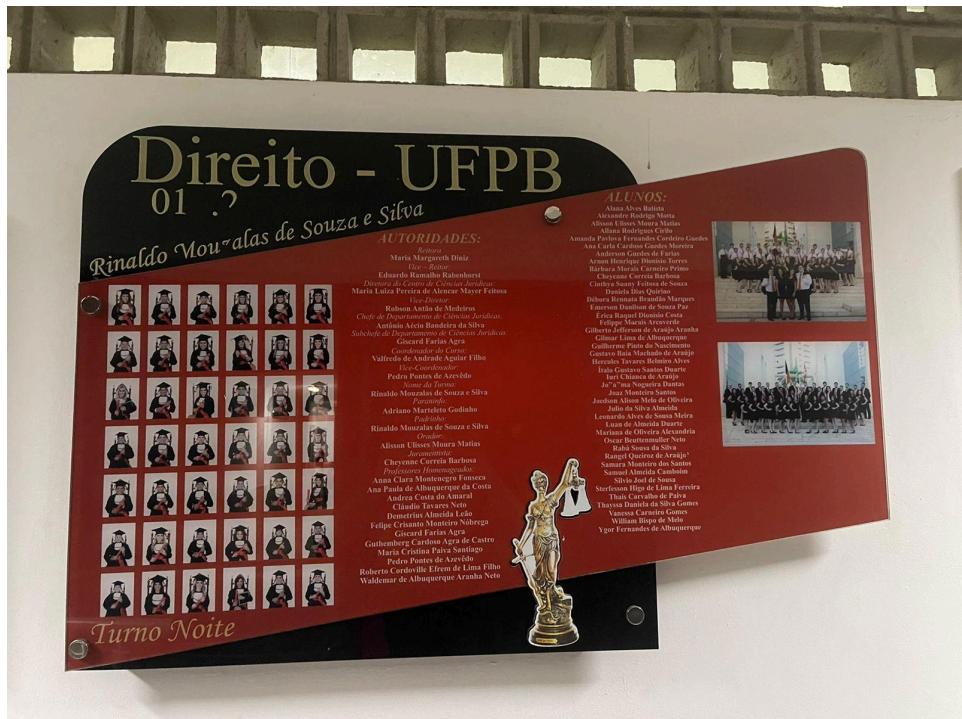
Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 14 - Placa de formatura turma de direito não datada



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Figura 15 - Placa de formatura turma de direito não datada



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Para darmos o pontapé inicial na análise do jogo fotográfico inserido nas fotografias de formatura das turmas de direito do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB, no *campus* Santa Rita - PB, é preciso localizar o processo de implementação de cotas raciais ocorrido no Brasil a partir do ano de 2012 com a promulgação da Lei nº 12.711 do mesmo ano que passamos a ter um aumento no ingresso de alunos negros nas universidades, com isso, se faz importante ressaltar aqui que o curso de direito no *campus* Santa Rita foi criado no ano de 2009, e como o curso tem uma grade curricular composta por 10 semestres letivos, precisa-se de no mínimo 5 anos para se formar, ou seja, apenas as placas do ano de 2017 em diante terá a imagem o resultado do ingresso de pessoas negras que adentraram na universidade por meio das cotas.

A implementação das cotas na Universidade Federal da Paraíba ocorreu no ano de 2012, às placas de formatura que terão algum resquício das cotas raciais serão apenas do ano de 2017 em diante, que seria quando os alunos da primeira turma contemplados pela política de cotas se formaram, mas vale ressaltar aqui que a pesquisa não buscou criar um tribunal para atestar quem é negro nas fotos, a identificação acontecerá de forma orgânica a partir dos elementos trazidos e apresentados, tanto em análise ao jogo fotográfico quanto nas trocas que

tivemos com alunos que se declaram negros e fazem parte de movimentos antirracistas dentro da universidade.

Chamo atenção também para uma das justificativas da abertura do departamento do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB Santa Rita: Santa Rita é um município que fica na região metropolitana da Paraíba, o *campus* fica a uma distância de 14 km do centro da cidade de João Pessoa, capital do estado, em uma região mais periférica da metrópole. Um dos motivos da abertura de um *campus* mais distante segundo a conversa com os envolvidas no campo de pesquisa, foi também uma tentativa de trazer para o ambiente universitário as pessoas que não estão nos grandes centros e por isso acabam tendo dificuldade de adentrar no ensino superior. Mas será que isso de fato está acontecendo? Quais os dispositivos que a instituição oferece para a garantia de uma Universidade mais diversa e democrática? Sobre o conceito de dispositivo Agamben (1977) irá apontar que é:

Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre estes elementos. (p.12)

A partir dessa concepção de que dispositivo seria tudo aquilo que produz discurso e o discurso é aquilo que daria sentido às questões abordadas aqui, como memória, pertencimento, raça, afetos e fotografia, é importante pensar em como esse jogo é montado no espaço, pensar que nas fotografias das placas de formatura existe todo um dispositivo que funciona para que essas placas existam e que passam por entender como essas fotografias foram feitas, em determinada pose, produzidas por determinado código, *status*, vestimentas, com uma referência estética e visual, pois, "a fotografia não é mais a citação da realidade, mas uma história encenada" (Soulages, 2010, p.79), e essa história tem pacto com a branquitude e a colonialidade. Por isso, é importante pensar essa produção exibida em espaço de prestígio e privilégio, como os corredores dos cursos de direito, nessas placas muitas vezes adornadas, com fontes rebuscadas, fazendo com que essas imagens conformem um dispositivo, um código que é feito de um jogo, que é feito para reiterar a presença em sua grande maioria de um modelo de pessoa branca, masculina, cisheteronormativizada, perfil esse que atesta os lugares impostos pela lógica colonizadora, deixando de lado tudo aquilo que destoa ou diverge deste padrão. Assim, a fotografia reitera lugares dentro desse jogo, as fotografias postas como estão ditam as regras sobre pertencimento, memórias e afetos e sobre os sujeitos

que gozam dos discursos e sensações que essa imagem vai atestar. Por isso enxergo uma importância e uma urgência para observarmos essa imagem, fazermos com que elas criem outros sentidos, despertam a curiosidade e o interesse sobre elas e, assim, poder usá-las como ferramenta a favor da inclusão.

As experiências carregadas pela fotógrafa estão na fotografia, visível ou invisivelmente: são as interações com a cultura, a história e o contexto. É, inclusive, a partir de seu lugar no mundo que alguém pode vir a se interessar por fotografia, ter possibilidade de praticá-la ou manifestar desejos que impulsionam a produção de uma obra. Viver, experimentar, conhecer pessoas, ver fotografias, ter acesso a este universo, são interações que vão desde sempre se conectando e atravessam a produção de imagens. (Valle, 2017, p.91)

A partir da compreensão de como nasce o jogo fotográfico e como o mesmo dita algumas regras sobre pertencimento dentro da instituição através das fotografias nas placas de formatura, se faz necessário entender as regras que este jogo está ditando quando diz respeito à população negra e à população não negra que está inserida nesse território. Para isso, podemos entender o conceito de Bento (2022) já apontado aqui como *Pacto Narcísico da Branquitude*, como uma estratégia de guerrilha usada por um sistema que busca manter as pessoas brancas ocupando e se sentindo parte predominante de todos os espaços institucionais.

Se historicamente as pessoas brancas ocuparam esse lugar, e existe um impedimento para que pessoas negras sejam inseridas no ambiente universitário, é evidente que essa estratégia do jogo de manutenção do "Pacto Narcísico é fortalecimento, é proteção, é assegurar lugar de privilégio para os iguais" (Bento, 2002. p. 169). O fato de pessoas brancas lutarem para que outras pessoas brancas também ocupem lugares de privilégio é um fator que favorece os mesmos dentro desse jogo, pois, como eles sempre estiveram lá, se torna mais fácil a manutenção dos seus iguais nesse espaço. Sobre isso, Kaes (1997) aponta que "o narcisismo solicita a cumplicidade narcísica do conjunto dos membros do grupo e do grupo em seu conjunto" (p.262)

Com isso, nós pessoas negras que estamos inseridas nesse espaço de alguma maneira, passamos a sempre ver o outro como legítimos integrantes desse território, sendo o outro aqui como o sujeito oposto a mim, e vemos esse outro em todos os lugares no espaço público visual, além de ver o outro em lugares hierárquicos superiores dentro da instituição. Somos obrigados a lidar cotidianamente com essas imagens que atestam, como espelhos nos corredores universitários, quem conseguiu chegar ao final dessa caminhada que é a formação

acadêmica, e quase nunca vemos o nosso reflexo ali, pois mesmo os corpos negros possivelmente presentes naquelas imagens estão tão embranquecidos pela estética do pacto agindo como dispositivo no espaço público, com códigos da colonialidade, que acabam por se misturar, se confundir, se apagar.

Ao passo que isso pode ser identificado, existe outro fator que também dificulta o rompimento do pacto, que é a normalização, que está sempre nos silêncios, nas entrelinhas, nos olhares, no sentir, e sobre isso Kilomba (2020) aponta que “a negritude é sempre vista, mas é ausente. A branquitude nunca se vê, mas está sempre presente”, por isso eles estão sempre à frente nesse jogo, porque eles ditam as regras, constroem as regras, se articulam e se fortalecem já dentro do sistema, enquanto as pessoas negras precisam fazer todos esses movimentos, porém, ainda do lado de fora, nas margens.

Ele [o pacto] não é uma coisa instintiva, mas fala de uma grande cumplicidade, que faz com que o branco acredite no outro branco, acha que o outro branco é realmente mais bonito, que aquele cabelo é o que funciona bem dentro de instituições, que aquela pessoa branca vai seguir as regras, vai assegurar que tudo funcione direito. Por isso, esta confiabilidade no branco e essa tendência a trazer outros iguais para o seu entorno, para lugares onde a competência, segundo o conceito da instituição, precisa estar assegurada (Bento, 2002, p.169)

Sendo assim, a fotografia das placas de formatura aqui, é uma forma poderosa de expressão, capaz de transmitir mensagens na sensação de pertencimento da manutenção de quem já ocupa o espaço de privilégio, e o não pertencimento para quem está de fora do espaço de privilégio. Com isso, quando analisamos a representatividade nas fotografias de formatura, é possível identificar a presença do racismo e da falta de diversidade nos espaços acadêmicos e a partir daí pensarmos quem está à frente nesse jogo fotográfico.

Quando paramos para fazer uma análise mais técnica dessas imagens, nos chama a atenção esse embranquecimento geral dos indivíduos em todas as imagens e podemos perceber isso observando que as roupas utilizadas para a feitura das imagens são em sua grande maioria pretas ou escuras, em contraste com um fundo claro, o que nos parece uma ferramenta do olhar do fotógrafo para acentuar o contraste junto à pele, mesmo quem é mais escuro fica claro, outro fator técnico que também atravessa a feitura dessa imagens é a luz direta, de frente, acendendo esse fundo branco, que contrasta com a roupa preta e resulta novamente em uma pele mais clara, ou seja, mesmo quem é negro fica embranquecido, apagado, longe da sua real identidade pois podemos perceber que “valores comunicacionais que atribuímos aos gestos, à postura corporal, à aparência dos elementos da cena e à

expressão fisionômica momentânea dos agentes, assim como a relação que estes elementos podem manter entre si e com o espaço restante” (Picado, 2013, p. 31). E assim, a branquitude continua operando na lógica colonial que não se apresenta apenas na individualidade, mas na performance do todo, do coletivo, de tudo que vem junto com essa foto, todos os códigos coloniais, do pertencimento, da memória e dos afetos, evidenciando assim, a segregação entre os grupos, sobre isso, Almeida (2019) pontua:

Essa segregação entre negros e brancos que vigora em certos espaços sociais desafia as mais diversas explicações. Eis algumas delas: pessoas negras são menos aptas para a vida acadêmica e para a advocacia; pessoas negras, como todas as outras pessoas, são afetadas por suas escolhas individuais, e sua condição racial nada tem a ver com a situação socioeconômica; pessoas negras, por fatores históricos, têm menos acesso à educação e, por isso, estão alocadas em trabalhos menos qualificados, os quais, consequentemente, são mal remunerados; pessoas negras estão sob o domínio de uma supremacia branca politicamente construída e que está presente em todos os espaços de poder e de prestígio social. (p.39)

Com isso, o que podemos perceber até aqui é que existe de fato uma intenção desde a feitura até a disposição desta fotografias nos espaços da academia, que elas nos dizem muito mais sobre um movimento político do que um simples registro de quem concluiu essa etapa. Mas e agora? Depois de identificar tudo isso, como podemos usar o jogo fotográfico a favor da população negra que está ocupando esse espaço e sendo vítima destas ações?

O convite aqui é para pensarmos em como mexer nas peças desse jogo, trazer novos jogadores, traçar estratégias, atacar, recuar, blefar e tudo que um jogo permitir. Para isso usaremos das ferramentas que estão sendo criadas após muita luta, ao nosso favor, como por exemplo a Lei nº 12.711/2012 mais conhecida como lei de cotas, como a lei pode servir de desmonte dos modelos de instituição universitária para um novo lugar, uma grande reparação histórica, uma nova perspectiva social ou a gente mexe com as presenças com o objetivo de evidenciar as ausências, onde esses sujeitos que historicamente foram apagados passam a ser percebidos de outra forma, eles passam a significar outras coisas, é quando essas ausências passam a ser percebidas no momento que a presença passa a existir na realidade, pois essa fotografia é uma materialidade que afirma alguns significados, em outros problemas que despertam e movem essa pesquisa.

A representação majoritariamente de pessoas brancas nas placas de formatura reflete uma história de sub-representação e invisibilidade das pessoas negras nas instituições de ensino. Isso reforça a ideia de que o sucesso acadêmico é mais facilmente associado à identidade branca, excluindo as experiências e conquistas das pessoas negras. A ausência de

diversidade nas placas de formatura reforça a sensação de que as pessoas negras são invisíveis ou não pertencem a esses espaços, o que pode afetar negativamente sua autoestima e autoconfiança.

Essa falta de representatividade nas placas de formatura também reforça a noção de que o ambiente acadêmico é um espaço exclusivo para pessoas brancas, perpetuando uma estrutura de poder que marginaliza as vozes e perspectivas das pessoas negras. A ausência de imagens de formandos negros envia uma mensagem implícita de que suas contribuições não são valorizadas e não fazem parte da narrativa oficial da instituição.

Para combater esse problema, é fundamental implementar políticas de representatividade que garantam a inclusão de pessoas negras nas imagens oficiais que permeiam o ambiente universitário. Isso não apenas reconhecerá suas realizações, mas também enviará uma mensagem importante de que o ambiente acadêmico é diverso e acolhedor para todos os grupos raciais. Ao promover a representação inclusiva, as instituições podem contribuir para a desconstrução das estruturas racistas e proporcionar um ambiente mais igualitário e respeitoso para todas as pessoas, independentemente de sua origem racial.

Foi pensando em como remexer as peças do jogo fotográfico inserido nas fotografias de formatura, para pensarmos em outras possibilidades de existir dentro do espaço universitário, que fiz o convite aos alunos e alunas do curso de direito, autodeclarados negros, do Centro de Ciências Jurídicas da UFPB de Santa Rita. Um convite para observarmos essas fotos e a partir dela construirmos coletivamente ações contra-coloniais que visam desmantelar as narrativas, instituições, sistemas que perpetuam as desigualdades, injustiças decorrentes do passado colonial, e com isso trazer para a vista aquilo que está escondido nessas fotografias, fabulando um espaço mais democrático e acolhedor para nossos semelhantes dentro da Universidade.

4. CONSTRUINDO MUNDOS PERECÍVEIS: A POTÊNCIA DO ENCONTRO E DA CRIAÇÃO DE NOVOS MUNDOS NISSO TUDO

*A gente principia as coisas,
no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação
porque a vida é mutirão de todos,
por todos remexida e temperada.*

*O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas,
mas que elas vão sempre mudando.*

[Guimarães Rosa, 1986]

Evoco as palavras de Guimarães Rosa para pensar antes de tudo o porquê de chegar até aqui. Tenho a certeza de que o desejo e a realização da pesquisa que foi se formando durante esses anos se dá não só da vontade de constatar as ausências dos meus pares dentro deste espaço, mas ela se põe no mundo como uma maneira de afirmar que sempre há uma outra forma de enxergar as coisas, e que as coisas nunca estão findadas, estão sempre em movimento e como Guimarães coloca muito bem quando pontua que a vida segue sendo temperada por diversos sujeitos que atravessam e são atravessados diariamente, aqui no caso, pelas fotografias, por isso, assim como o jogo fotográfico, acredito que as estruturas não são, elas estão, mas que isso pode ser movido ao passo que trazemos à vista outras possibilidades de se pensar, existir e fabular o mundo e pra mim isso se dá num momento mágico chamado encontro, por isso a insistência em ir para campo, experienciar meu corpo de encontro a outros que sofriam das mesmas dores e saber como a gente caminha junto, buscando desterritorializar esse território e coletivamente criar linhas de fuga.

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (Guattari e Rolnik, 1986:323).

Dos movimentos da cartografia, espera-se que a oficina nos ajude a traçar linhas de fuga, que é um conceito central na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente apresentado em sua obra "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia". Esse conceito se refere a

caminhos, trajetórias ou movimentos que escapam das estruturas rígidas e das normas estabelecidas pela sociedade, permitindo a criação de novas possibilidades e formas de pensamento. Em um sentido mais amplo, as "linhas de fuga" representam as maneiras pelas quais os indivíduos e sistemas podem romper com as limitações impostas pelo controle, pela organização hierárquica e pelo padrão social. Essas linhas podem ser tanto físicas quanto mentais, representando a busca por liberdade, criatividade e expressão autêntica.

Nesse sentido as linhas de fuga têm a capacidade de questionar estruturas de poder opressivas e de criar espaços de resistência e transformação. Elas desafiam as categorias estabelecidas, desestabilizam as normas e geram possibilidades de mudança, a oficina se insere nessa pesquisa como ação, como uma linha de fuga de uma ação contra-colonial já citada aqui e para além desta ação, gostaria de trazer a fala de uma das alunas envolvidas no processo que em nosso terceiro encontro disse "isso aqui é um benzimento" fazendo alusão ao ato de benzer. Benzer é uma ferramenta ancestral muito comum do povo preto, benze-se aqueles que precisam tirar algo que não os fazem bem, ou que diminuem sua potência de vida, de certo modo este ato traz para o visível algo que estava escondido em algum lugar dentro de nós. Benze-se porque está com a espinhela caída, criança com o vento virado, com "maloiado", assombros, com mau que médico nenhum dá jeito, medo que não passa e benzer até para acabar o soluço, tudo isso a benzedura dava jeito. Quando pesquisamos de forma direta o que significa, a resposta que é dada é o *"ato de abençoar alguém ou algo, com o objetivo de afastar o mal de todas as origens"* quando buscamos de onde vem a origem da palavra, a resposta encontrada é que a palavra vem de "tornar bento", e isso vale para quem aplica a benzedura e para quem recebe, portanto, enxergar esse processo como uma linha de fuga é essencial para darmos o primeiro passo.

Ouvir que a oficina se configura para uma participante como um processo de cura me fez ter certeza que estava no caminho certo, ainda mais sendo um processo de cura que não é via de mão única, ele é duplo, a gente se cura ao passo que vai curando. Dito isso, acho que é importante também dizer sobre a tentativa frustrada de reencontrar o mesmo desejo do início de tudo, porém reencontrar já não faz mais sentido, levando em consideração que é a linha em movimento que indica vida e não sua fluidez. O movimento é um devir constante, que desloca múltiplas direções e encontros. É intensidade "que acontece sempre nas costas do pensador, ou no momento em que ele pisca" (Deleuze; Parnet, 1998, p. 09-10) e foi assim que cheguei nesse espaço de troca de saberes, sem saber onde seria o início e o fim da ontologia dos

envolvidos, mas certo de que dali, sairiam todos curados de algo.

Ao me encontrar com a metodologia de pesquisa da cartografia, tive um imenso incômodo, uma não lugar, uma dificuldade de compreensão, parecia que estava prestes a começar uma grande viagem mas sem qualquer tipo de mapa ou alguma coisa que me fosse localizar no espaço-tempo dentro desse processo. A princípio entendia a cartografia apenas como uma ferramenta utilizada pela geografia para o desenho de mapas, ao passo que fui me aproximando de Gilles Deleuze e Félix Guattari compreendia a metodologia como um jogo que consiste em encontrar pistas para realizar uma pesquisa composta por um desafio contínuo de acompanhar o processo de investigação onde o interesse maior não se dá na determinação de onde saímos e onde iremos chegar, mas sim nas intencionalidades que compõem as linhas que cruzam os dois pontos.

Rolnik (2014, p. 55) nos aponta que “O mundo vive efetivamente em nosso corpo e nele produz germes de outros mundos em estado virtual” (Rolnik, 2014, p. 55), a partir disso, eu como cartógrafo me proponho a criar, ou talvez desenhar outros mundo a partir da “língua dos afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2014, p. 23). Ao dar essa passagem me pergunto, como cartografar essas fotografias, os corpos e o território da universidade, sensação de pertencimento, os afetos e até mesmo os vazios, como cartografar algo que não existe a olho nú? Ou seria viável pensar em como fazer da cartografia uma metodologia que atrelada ao jogo fotográfico pudesse nos desterritorializar e reterritorializar para uma investigação dentro do campo da comunicação? Aqui começa meu grande desafio.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (Rolnik, 2011, p. 23).

Segundo Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p. 10) a cartografia propõe uma reversão metodológica, “que consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”. O benzimento, as pessoas que estão temperando a vida, a descontinuidade do ser, o que está, e não é, e a busca por um olhar avesso e os atravessamentos, foram levados em consideração o encontro para a realização da oficina.

A oficina aconteceu em três encontros de aproximadamente 3 horas cada, tendo o primeiro ocorrido na data de 18 de março de 2023, o segundo em 20 de março e o último no

dia 01 de abril e cada encontro tinha um tema central a ser trabalhado. O primeiro encontro intitulado como *Girando a Roda dos Superpoderes* foi trabalhado as relações como um todo, o reconhecimento dos pares naquele espaço, o impacto do racismo nas fotografias de formatura e, como a oficina teve que ser diminuída por conta do tempo disponível dos alunos, o segundo foi atrelado a esse primeiro, onde trabalhamos também o encontro *Traçando Rotas de Fuga*, onde pretendia-se trabalhar a compreensão do espaço em que ocupamos e a fabulação de um novo lugar. No segundo movimento do primeiro encontro trabalhamos o tema *Exu Matou o Pássaro de Ontem com a Pedra que só Jogou Hoje* onde a partir das imagens existentes, a proposta era trazer para a materialidade as ausências presentes nas fotografias de formatura a partir da fabulação. E por fim, fizemos o último encontro intitulado *O Que Fica Depois disto tudo?* A ideia é apresentar os trabalhos de forma geral, pensar como eles atravessam e o que fica deste processo.

Outro ponto que a gente propõe aqui como também uma linha de fuga é trazer o sujeito para o centro sem que nada desse sujeito, que forma a sua identidade e sua subjetividade seja apagado, ou escondido, por isso, em consenso geral, os envolvidos da oficina assinam um documento solicitando que se use os verdadeiros nomes deles na pesquisa para que num futuro saibam quem foi que passou por ali, que os identificam em suas futuras placas de formatura e saibam que ela existiu depois desse processo, por mais que isso não seja comum ou seja negado, e a partir disso pensar que assim “Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 17), sujeito esse que agora é convidado a começar esse percurso.

Sentados em meia lua, em um formato simbólico de roda, onde todas as fotografias das placas que estamos analisando estão dispostas no chão, de frente para os alunos, eu juntamente com Ismael Cardoso da Silva, Maykon Costa Serrão, Ysmaia Nobrega Tavares e Vitória Evelly Simões de Oliveira Silva damos o pontapé inicial nesse trajeto, aqui também é importante pontuar que trazer o nome verídico das pessoas envolvidas na pesquisa se configura como um ato político, dar nome a essas pessoas negras que ocupam esse lugar, registrar o nome de nossas famílias que nunca estiveram nos espaços universitários também é um caminho para se criar reflexos e os espaços de pertencimento para nossos pares.

Figura 16 - Registro da oficina.



Fonte: Acervo PERAZZO JR (2023), Registro da Oficina realizada em 18 de março de 2023.

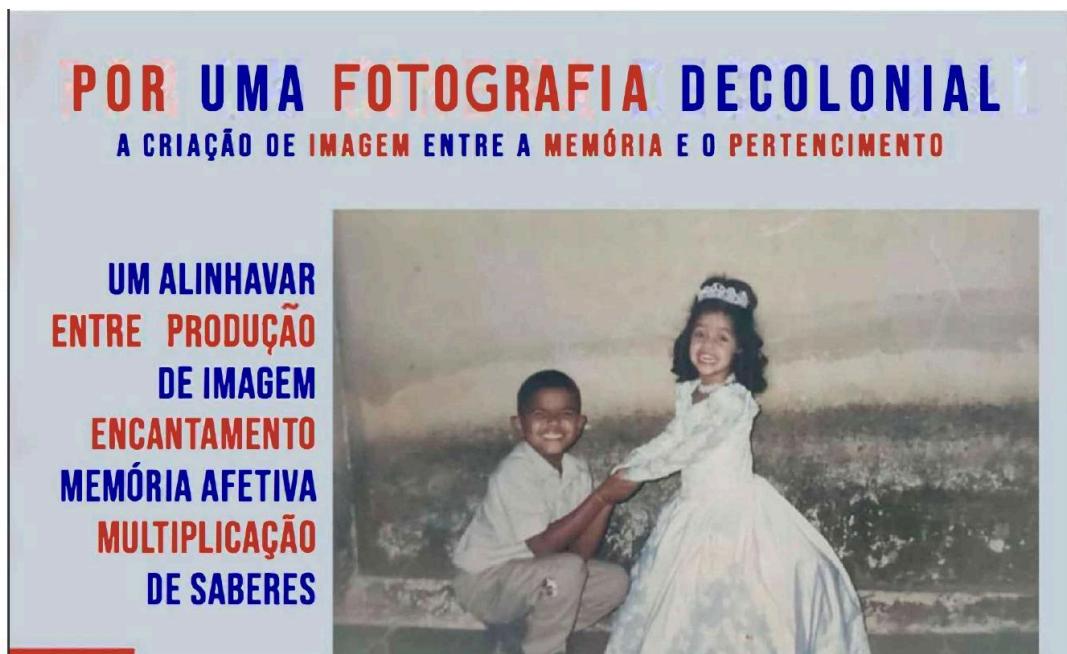
Para darmos inicio na análise cruzando teoria/prática e encontro, acho importante trazer Muniz Sodré (2017, p.92) que nos aponta um traço moral de território espacial que deve ser levado em consideração quando vamos tratar de corpos negros e pertenciamento advinda de uma diáspora forçada, que irá dizer sobre uma desterritorialização que nos possibilite pensar em “um local que contrai, por metáfora espacial, o solo mítico da origem e o faz equivaler-se a uma parte do território histórico da diáspora”. Sodré (2017), aponta sobre a importância de um espaço ritualístico, “um espaço nostálgico” (p.92), para a desterritorializar esse espaço que nos apresenta como um não lugar, e abre possibilidades de reterritorialização a partir da cultura do povo preto, e nostálgico porque trata de um lugar que existe em nossa memória afetiva. As reflexões de Sodré (2017) nos convocam a entender essa ancestralidade trazida nesse espaço que nos propomos a construir coletivamente como um “traço memorial da espacialidade” (p.92).

Ao evocar esse território mítico, uma saudade ancestral, a oficina estaria dialogando com um “pacto simbólico em torno da restauração de poderes míticos e representações que se projetam na linguagem – atuada, proferida, cantada – do terreiro e nos modos afetivos (fé, crenças, alegria) de articulação das experiências” (Sodré, 2017, p. 94) para a fabulação que estava por vir. O primeiro estranhamento que é causado nos alunos é a falta de uma apresentação formal onde eles apresentassem os títulos, grupos de pesquisa que fazem parte, o

que pesquisam na graduação entre outros. Maykon me questiona "Acho que faltou a gente se apresentar, falar um pouco da nossa pesquisa e o que a gente faz aqui", respondo que aqui a proposta a princípio é outra, pensar em uma construção de conhecimento que parta por outro viés que não os títulos, que possamos trazer nossos antepassados, nossos afetos e nossas emoções em primeiro lugar para podermos pensar nesse espaço acadêmico e que ao final da minha fala de abertura teríamos um momento de apresentação um pouco diferente.

Com isso, abro o primeiro encontro da oficina falando desse lugar, que é um território interno já citado aqui, e para que haja essa proximidade a aula se dá em um tom de troca, trago para essa roda fotografias para a partir de minhas memórias afetivas buscar trazer esses alunos pra perto, fazendo com que os mesmos se identifiquem com o que me atravessa enquanto pesquisador, e o que me impulsiona a realizar esta pesquisa, esse movimento se dá com o compartilhamento de alguns slides onde "o leitor da imagem, se torna mote de um novo jogo, um novo objeto, uma nova dinâmica, uma nova prática, diferentes daquelas que motivaram a sua construção" (Valle, 2017, p.89), as fotografias apresentadas no slide foram as seguintes:

Figura 17 - Slide 01 do curso “Por uma fotografia Decolonial”



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 18 - Slide 02 do curso “Por uma fotografia Decolonial”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 19 - Slide 03 do curso “Por uma fotografia Decolonial”.



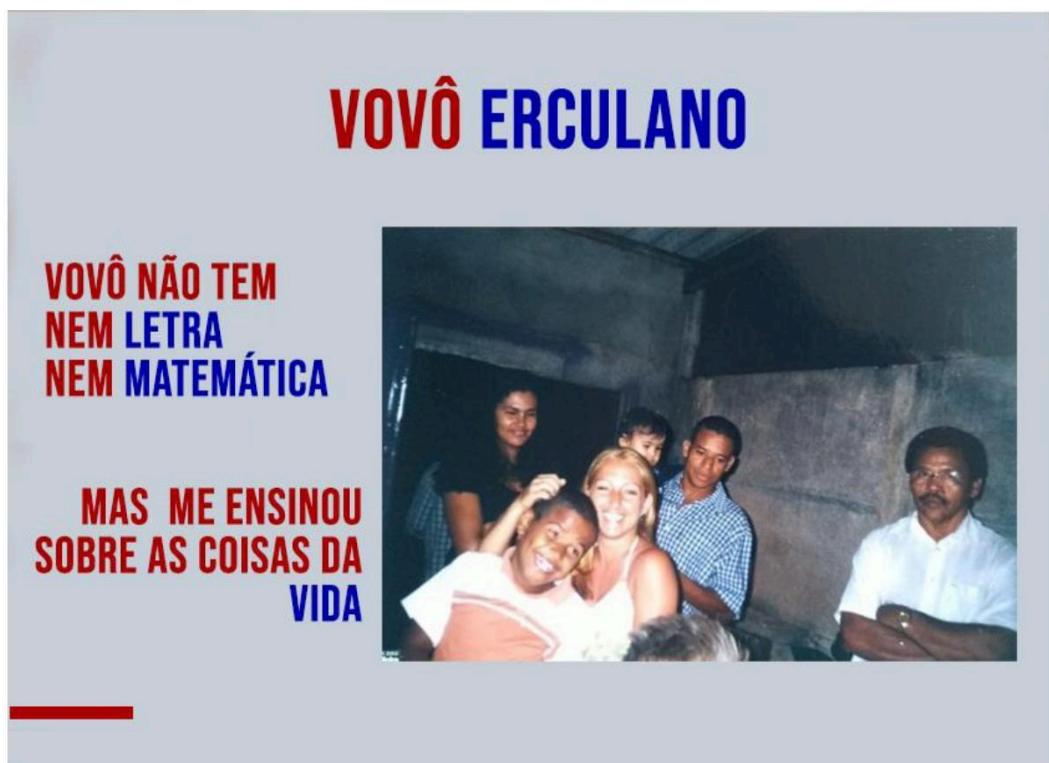
Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 20 - Slide 04 do curso “Por uma fotografia Decolonial”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 21 - Slide 06 do curso “Por uma fotografia Decolonial”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Figura 22 - Slide 07 do curso “Por uma fotografia Decolonial”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

É preciso trazer as fotografias utilizadas na oficina para esse lugar de análise pois, usar imagens tão íntimas para mim, trata-se de uma estratégia contra-colonial, de um convite para que entendamos o poder das fotografias através da emoção e do reconhecimento com o outro modo, sobre isso, Didi-Huberman (2012, p.216) aponta que “uma imagem bem olhada seria, portanto, uma imagem que soube desconcertar, depois renovar nossa linguagem, e portanto nosso pensamento” então a ideia aqui era esse lugar da imagem bem olhada, antes de identificar as imagens que estavam fora, reconhecer o que nos atravessa e onde nos encontramos para assim “compreender as diferenças e a interlocução entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores e a cosmovisão politeísta dos contra-colonizadores, refletindo sobre os seus efeitos e consequências nos processos de colonização e de contra-colonização” (Santos, 2015, p. 20).

Ainda com o objetivo de criar um ambiente de aproximação dos envolvidos a mim, apresento-lhes também meu filme, intitulado *Avôa*³ onde eu trato a partir de vários arquivos da minha família, questões de raça e pertencimento a partir da relação com meu avô, e neste

³ Filme Avô de Lucas Mendes, finalizado em janeiro de 2022 disponível em <<https://youtu.be/TqaiMBWdvE8>>. Acessado em 12 de agosto de 2023.

filme eu trato de uma questão que é o fato de meu avô nunca ter pisado numa instituição de ensino pensando como corpos como os nossos ou de nossos antepassados ocuparam esse lugar uma vez que vivemos em uma democracia e uma vez que uma cultura democrática implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política (Sodré, 2017, p.21).

Ao final desta minha apresentação, aproveito o gancho do último slide apresentado aqui, para pedir para que esses alunos peçam a benção para um ancestral seu, negro, que nunca ocupou aquele espaço, mas que de alguma forma nos transmitiu um super poder e esse super poder ajudou a gente a ocupar aquele lugar, digo que quem se sentir a vontade pode começar, Ismael se propõe a começar e de forma mais direta diz "gostaria de pedir a benção a minha mainha Josefa, e o super poder que ela me ensinou foi aprender a dar carinho e dar afeto". Em seguida Maikon com olhos marejados e emocionado compartilha com a gente "Vou pedir a benção pra minha mãe Valdirene, minha mãe que assim como o seu avô, Lucas (diz olhando para mim) é uma mulher semi-analfabeta e o super poder que ela ensinou foi entender o quanto a educação é uma coisa fundamental em nossas vidas". Em seguida Yasnaia dá continuidade e diz:

Eu vou pedir a benção a Dona Bete que mora lá em cabo verde, eu não sei nem o nome dela de verdade, por ela morar lá na África não temos tanta proximidade, e mesmo com esses tantos quilômetros de distância o super poder que ela me ensina é sempre fazer as coisas com amor e não ter preconceito.

Por fim Victória, visivelmente emocionada e com dificuldade de falar junto com o choro, começa dizendo "Eu tô chorando, mas quero pedir a benção à minha avó Gorete, e o super poder que ela me ensinou é nunca desistir e seguir em frente" buscando justificar o motivo pelo qual ela não conseguia parar de chorar complementa:

Eu to muito emocionada e chorando assim porque é interessante como do modo que é colocado a família do outro e o que o outro passa toca na gente, eu não tive relação com meu avô, nem por parte de pai nem por parte de mãe, a minha família é uma família composta por mulheres, um matriarcado, mas do modo que você coloca a história do seu avô eu reconheço a minha avó nas imagens, nos sentimentos, fui me identificando e não consegui segurar o choro porque de algum modo tem alguém que sente o mesmo que eu e consegui trazer isso pra academia.

Nesse primeiro passo o campo começa a mostrar que algumas das hipóteses que foram levantadas lá no início se fundamentam quando chegamos na prática, a respeito do que foi colocado pelos alunos nesse primeiro momento com o que Halbwachs (1990) analisa o poder

da memória que tem um caráter coletivo e o mesmo que dizer ao o indivíduo que o mesmo só é capaz de recordar ao passo que pertence a algum grupo social, ou seja, o autor aponta que uma memória individual é sempre resquício de uma memória de grupo e ainda completa dizendo "recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação." (Halbwachs, 1990, p.29). O evento aqui na prática da oficina seria pensar em uma nova forma de se construir um "conhecimento" que acolha as múltiplas realidades existentes dentro do espaço universitário, e assim, como dito antes, a oficina vai se configurando pra gente "como um laboratório de pesquisas: dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que sabe" (Deleuze, 1972, p. 173).

Tendo consciência deste feito, parto para nosso próximo passo, explico aos envolvidos que o processo de cartografar esses territórios junto a eles, tendo em mente que a "cartografia é esse processo de desenhar mapas, de traçar as linhas, de fazer conexões que vão se encontrando, se construindo, se reinventando, territórios outros que vão se edificando." (Corrêa, 2017, p.19) será um dos movimentos desta oficina para discutir as questões do pertencimento e de territorialização e desterritorialização para que possamos remexer as peças desse jogo fotográfico do modo que está posto e abrir um lugar para um novo jogo, um novo dispositivo, ou melhor, um contra-dispositivo que irá nos ajudar nesse processo, para isso começo esse próximo passo com uma pergunta provocação: "para que serve um mapa?"

Respostas saem da boca deles de forma rápida e sem muito pensar, "para se situar", "para termos direcionamentos", "para a gente se deslocar", "se localizar", "marcar onde fomos e onde queremos voltar" ao término das respostas deles complemento dizendo que concordo com os mesmos, mas para além dessa relação pontuar que o mapa foi criado como uma ferramenta de poder, explico que alguns estudos mostram que durante muito tempo a África foi retratada nos mapas oficiais sendo muito menor do que ela realmente é, para que diminuíssem a sua importância no mundo e consequentemente diminuir também a importância dada à população negra que é quem ocupa o continente. Dialogo com eles sobre como a cartografia que a princípio é entendida como uma ciência apenas de desenhar mapas geográficos, acaba virando um método de pesquisa voltado para as ciências humanas e que compõem essa dissertação, enquanto a cartografia na geografia é usada para demarcar espaços físicos e criar mapas, aqui "o mapa reporta-se a um rizoma, com formas muito diversas, com ramificações que se conectam por todas as partes, linhas que não param de se remeter uma às

outras" (Correa, 2017, p.29), com isso iremos buscar essas linhas que nos conectam recriando um mapa afetuoso que irá nos localizar sempre que pensarmos em traçar rotas de fuga para nosso pares dentro e fora da universidade, desenhando esse mapa dos afetos a partir dos desejos e da subjetividade de cada um deles, o encontro se finaliza tendo essa atividade.

Então, resumidamente a proposta era que eles elaborassem em casa, um mapa com desejos que envolvessem afeto, pertencimento e suas subjetividades pontuando as faltas que eles observam que estão presentes no ambiente universitário e que de alguma forma podem afetar o pertencimento deles nesse lugar. Um mapa que não necessariamente seja um mapa convencional como conhecemos, poderia ser um mapa reinventado, trazendo fatores que os mesmos achassem importantes e que servirá futuramente para nos localizarmos dentro da feitura desse novo jogo, um mapa que pontue os vazios, as faltas, as lacunas e as frestas existentes nos espaços universitários.

Nosso segundo encontro aconteceu no dia vinte e um de março de dois mil e vinte e três, no Centro de Ciências Jurídicas de Santa Rita e iniciamos o encontro apresentando os mapas que foram construídos como proposta da aula passada, começando por Ismael.

Figura 23 - Mapa Ismael

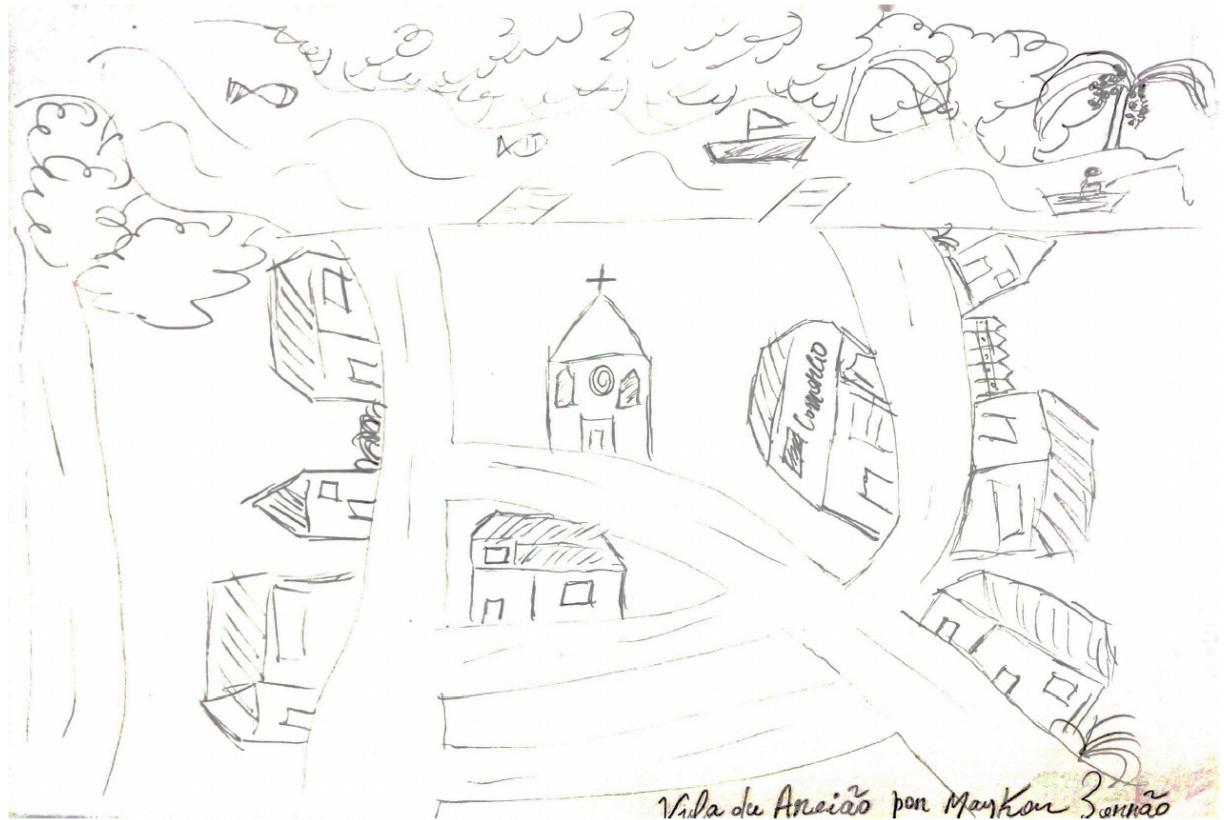


Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 21 de março de 2023. Autoria de Ismael Cardoso.

Ao explicar o mapa desenhado o aluno disse:

Aí eu pensei que esse aqui sou eu, e esse outro aqui também sou eu, quer dizer, que sou eu nos lugares da minha cabeça. Eu não pensei em nada assim de localização, porque eu não tenho essa questão comigo, eu estou perdido mesmo. Aí vou me achando e me perdendo. Aí isso aqui como já disse, também sou eu e os lugares da minha cabeça, e eu me encontro quando eu encontro outro, eu pergunto ao outro, onde é que eu estou? Pra onde vou? Coisas do tipo. Eu tentei fazer um mapa moderno, sei lá, louco, maluco, com vários sons e vários lugares, vários mundos... Enfim, foi isso que eu pensei. (Ismael, 2023, Diário De Campo)

Figura 24 - Mapa Maikon



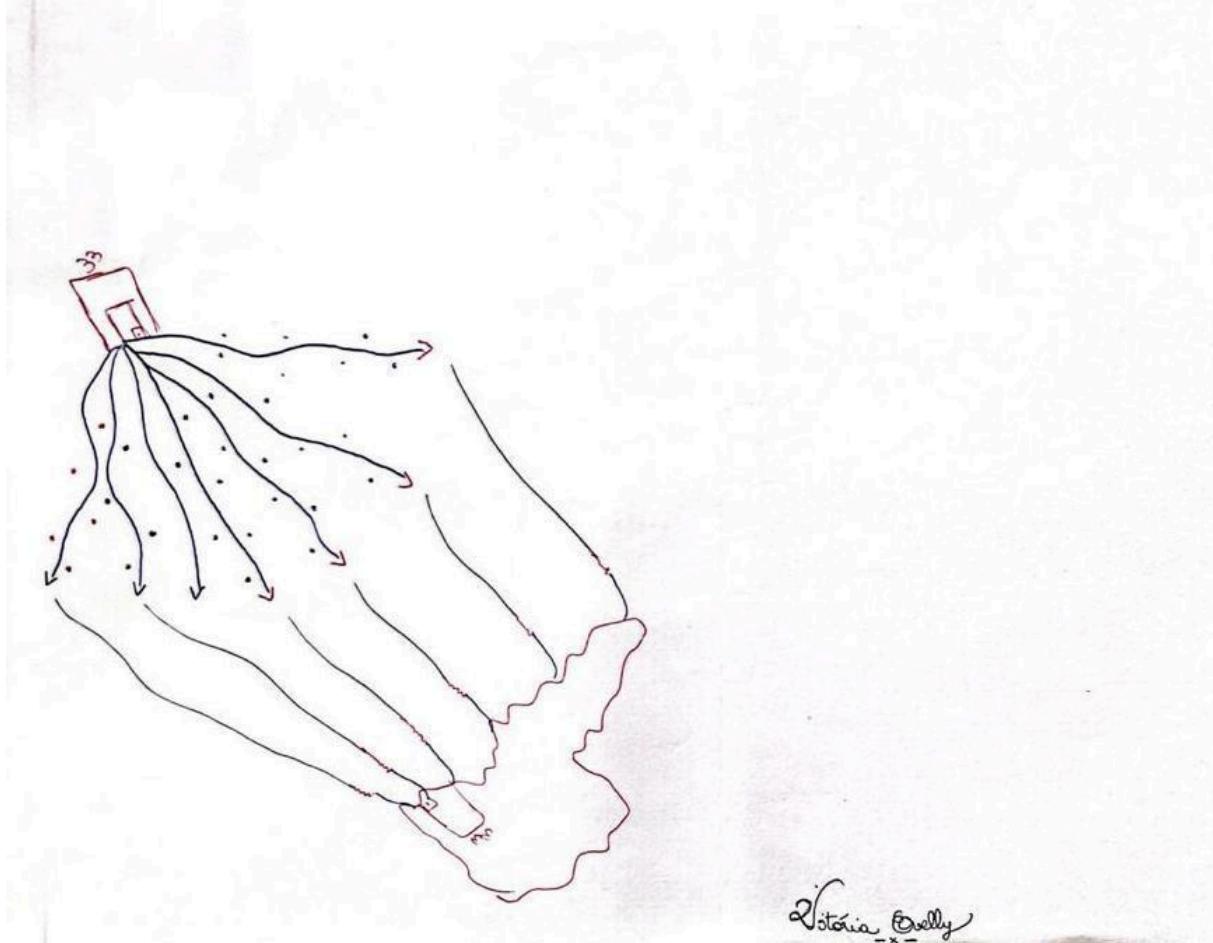
Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 21 de março de 2023. Autoria de Maikon Serrão.

Ao explicar o mapa desenhado o aluno disse:

Eu fiquei muito comovido com o nosso primeiro encontro e eu tentei retornar da vila de onde eu vim, que fica em Cametá, no interior do Pará. Então, é uma vila tradicional, ribeirinha que gira em torno da pesca e da agricultura. Então eu tentei retornar e foi muito louco porque eu senti um pouco de dificuldade também, sem saber lembrar das coisas, lembrar de poucas coisas, mas coisas que são muito

importantes como o rio, que a vila fica às margens do rio, que é um braço do rio Tocantins, essa vila é cercada por floresta amazônica. O destaque para a Palmeira, que é o açaí, que é uma fonte de nutrição muito importante, na Amazônia, enfim. Minha casa fica por trás da igreja. É muito, muito legal. E essa janela aqui em cima é de onde eu me recordo que foi as primeiras vezes que eu comecei a literalmente viajar, através dos meus sonhos, sabe? Desse janela eu viajei muito, eu sempre fico emocionado e acho muito legal quando eu lembro disso. É isso. (Maikon, 2023, Diário De Campo)

Figura 25 - Mapa Vitória



Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 21 de março de 2023. Autoria de Vitória Silva.

Ao explicar o mapa desenhado a aluna disse:

O meu é minimalista, eu já peguei metade da folha, pronto. Aqui é minha casa, aqui é minha casa. Aí eu pensei assim, tipo, aqui é de onde eu vim, de onde vieram os meus, antes de mim, na minha casa. E aí a gente saiu e chegou aqui, que é a minha casa daqui do Brasil. Então essa foi nossa, do lado do outro. E eu ainda não vim pra cá, mas um dia eu vou. Aqui é o continente africano, entendeu? Pronto, que foi de

onde eu vim, em algum lugar, pronto. E daqui é minha casa realmente aqui, no Brasil, que é a 33, entendeu? (Vitória, 2023, Diário De Campo)

Figura 26 - Mapa Yasnaia



Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 21 de março de 2023. Autoria de Yasnaia Tavares.

Ao explicar o mapa desenhado a aluna disse:

Eu coloquei a minha família, lógico, não só a minha família da África, tem minha mãe também, que ela é daqui eu sempre tento buscar voltar ao passado pra me lembrar de onde é que eu vim, lembrar de onde veio que iremos chegar em melhores locais, e esse pensamento veio desde a escola mesmo, pq a escola sempre foi um lugar muito precarizado, onde os professores chegavam na gente e dizia: você não vai chegar a lugar nenhum e isso quer queira, quer não, acontece dentro da universidade também, mas aí eu penso, na escola os professores disseram que eu não ia chegar nem na universidade, então tá muito bom. E é claro também que tem essa questão da ancestralidade e a gente vai pensando muito nesse lugar. Uma rota de fuga que tenho muito forte são livros revolucionários, mas não só livros, mas arte a cultura e a música, enfim, a arte é um local muito revolucionário, é o único local que a gente consegue colocar nossas ideias e continuar a resistência, é isso. (Yasnaia, 2023, Diário De Campo)

As linhas riscadas nos mapas apresentados começam a me mostrar as respostas que pretendíamos buscar desde o início dessa jornada, além disso, mais que linhas traçadas para realizar a feitura dos mapas e da fotografia fabulosa

não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas. (Deleuze; Guattarí, 2012a, p. 72,).

Sobre isso, Martins (2007) aponta que "o corpo, em contínuo processo de deslocamento e de ressignificação, torna-se ele próprio uma geografia" (p.68). usando do mesmo para identificar o que nos afeta e afeta nossos pares, de forma direta externalizando o que se sente, pois "o próprio ato de narrar torna-se veículo de transformação da memória do narrador" (Martins, 2007, p.169) e é no ato de narrar que a gente vai costurando essa nova forma de ver essas imagens. Podemos notar que existem vários pontos de encontro entre os mapas, um deles que me chama a atenção está relacionado ao reconhecimento com o outro, com seus iguais, nos mapas são apontados como rotas de fuga e o que falta nesse ambiente é exatamente o reconhecimento no outro, seja na família, na cidade ou nos múltiplos lugares de sociabilidade, sobre esse reconhecimento Almeida nos aponta que

a forma com que os indivíduos atuam na sociedade, seu reconhecimento enquanto integrantes de determinados grupos e classes, bem como a constituição de suas identidades, relacionam-se às estruturas que regem a sociabilidade capitalista. (Almeida, 2019, p.58)

É como se o reconhecimento e rememoração apresentada nos mapas, fossem vistas como ferramentas de luta.

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados, nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. [...] Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. (Halbwachs, 1990, p. 14)

Outro ponto que também chama atenção e se entrecruzam nos mapas feitos são aspectos que dizem respeito ao território, ao lugar, a cultura, a memória, a casa que teve, a janela que olhava e por ela viajava, o desejo de um dia pisar na África de novo, sendo que nunca estiveram lá antes. Todos esses vazios existentes no espaço universitário e apontados nesses mapas dizem respeito sobre como é construído este ambiente, das faltas que fazem os símbolos, os signos e até mesmo a teoria sobre esses saberes que estão ligado a história da

população negra Brasileira, essa ausência significativa de representatividade da população negra no espaço universitário, pode ser comprovada em nosso primeiro passo dessa oficina e se configura como uma lacuna preocupante pois ela potencializa a perpetuação do racismo e do não pertencimento.

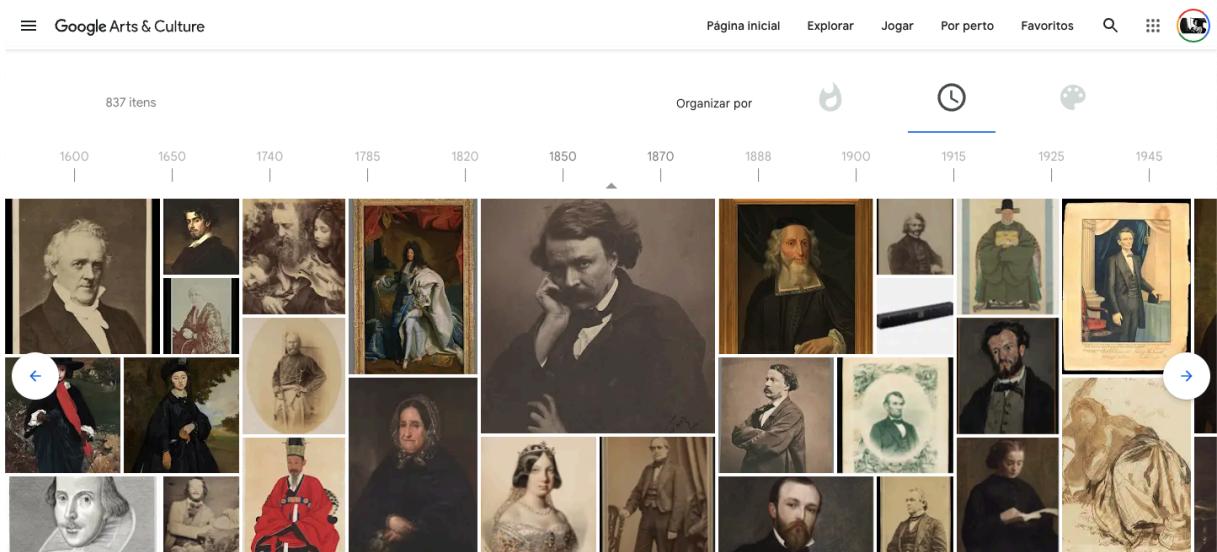
Outro fator que também me chama a atenção e está grifado no diário de campo é que no final dessa atividade em que eu abro perguntando se alguém tem mais alguma pontuação a fazer antes de passarmos para o próximo tópico foi a pontuação da aluna Vitória onde ela chama a atenção que não só alunos, mas também os professores negros no campus dão pra contar nos dedos de uma mão. Com isso o que podemos perceber é que quando estudantes e profissionais negros não estão representados nos corpos docentes, nas lideranças administrativas e nos conteúdos curriculares, isso não apenas reflete uma desigualdade estrutural, mas também reforça estereótipos prejudiciais e limita as perspectivas culturais. A falta de diversidade étnica contribui para a marginalização das vozes negras, minando suas experiências, conhecimentos e contribuições para a academia. Isso, por sua vez, cria um ambiente onde preconceitos, estigmas e evasão do recorte em questão podem prosperar, alimentando atitudes racistas e impedindo a formação de uma comunidade administrativa inclusiva e enriquecedora no contexto universitário. Portanto, abordar a falta de representatividade negra aqui é nosso primeiro passo para essa ação contra-colonial que vai buscar desmantelar as raízes do racismo e promover um ambiente educacional que valorize a diversidade e a igualdade.

Findado esse primeiro momento dos mapas, após a apresentação dos mesmos, seguimos para nossa segunda proposta que é intitulada "*Construindo Mundos Possíveis*" aqui a proposta parte da fabulação de novas imagens pensando em representatividade, imagens essas inexistentes fisicamente, porém existentes na memória afetiva e coletiva de cada um dos participantes, essas imagens seriam concebidas a partir de provocações que eu iria fazer. Começo projetando a tela do meu computador, onde nela abro uma aba do *Google Arts & Culture*⁴, uma galeria virtual do google que tem a opção de fazer uma linha do tempo mostrando diversos tipos de expressões artísticas que mais circularam no mundo, em museus e galerias de arte, separado por datas, em um carrossel é possível ir andando com as imagens. Coloco "retratos" na busca começando no ano de 1826 e vou rodando a até chegarmos nos

⁴ Google Arts & Culture, anteriormente chamado Google Art Project, é um site mantido pelo Google em colaboração com museus espalhados por diversos países. Utilizando tecnologia do Street View, o site oferece visitas virtuais gratuitas a algumas das maiores galerias de arte do mundo. Disponível em <https://artsandculture.google.com>

dias atuais. Antes de começar a observar essas imagens, peço para os alunos irem me dizendo em voz alta o que eles vêem nessas imagens. Quais corpos foram retratados ao longo da história? Quem teve direito à memória e ao pertencimento? E o que eles sentem falta nessas imagens que representam as pessoas mundo afora desde muito tempo.

Figura 27 - Captura de tela retirada da internet.



Fonte: Captura de tela da página na internet, Google Arts & Culture.

Entre as diversas pontuações feitas pelos alunos, elenquei em meu diário de campo as que mais me chamaram atenção: "falta de pessoas negras, a baixa quantidade de mulheres, a grande quantidades de homens brancos mais velhos, todas as pessoas retratadas de cabelo liso e a pose quase sempre as mesmas, lembrando um padrão das obras europeias". Após algum tempo rolando a barra de linha do tempo, pouquíssimas pessoas negras eram retratadas, em sua grande maioria em lugar de subserviência, ou de cabeça baixa, ou em situação de escravidão, quando chegamos ao ano de 2007 temos um retrato de Barack Hussein Obama⁵ que é o primeiro retrato de uma pessoa negra sorrindo num total de 837 fotos, porém ainda assim algo chama a atenção de Ismael em relação a foto de Obama.

"Você estava falando e mostrando a imagem do Obama parado, a gente vê que mesmo ele sendo uma pessoa negra, ele está reproduzindo o comportamento das pessoas brancas, da estética branca, a forma de se portar branca, sabe? E eu

⁵ Barack Hussein Obama II é um advogado e político norte-americano que serviu como o 44.º presidente dos Estados Unidos de 2009 a 2017, sendo o primeiro afro-americano a ocupar o cargo.

imaginava quebrar com isso, quebrar com esse padrão, sabe? Eu pular, eu saltar, eu estar sorrindo de forma exagerada, eu estar me movimentando, mostrando meu corpo inteiro, não só essa parte daqui [do peito pra cima]. Enfim, ter essa Fixação por esse tipo de retrato, sabe? A gente não é só isso, sabe? A gente tem mais coisas, a gente tem o nosso entorno também. Cadê o ambiente, cadê as pessoas, cadê todo mundo?" (Ismael, 2023, Diário De Campo)

Os questionamentos de Ismael aqui estão ligados ao que falamos sobre o jogo fotográfico, que está incluso nele uma certa pose, pensada para ressaltar um lugar, um certo status social. Ainda sobre a fala de Ismael, Maikon complementa.

"Primeiro que eu não tinha parado realmente pra pensar sobre isso da pose e tudo mais, e comparado com as fotos que tu vem nos mostrando, é surreal, tipo assim, como vai se repetindo dessa forma em que as mulheres literalmente de um jeito com a mão na cintura, e os homens com o braço cruzado, e é realmente muito estranho porque não tem muita expressão, assim, não tem, são corpos que parecem não terem muita felicidade, querem passar muito além de que o grande ápice chegou, vai se resumir tudo isso aqui, tá todo mundo bonitinho, assim e parece que objetivo é ser padrão mesmo." (Maikon, 2023, Diário De Campo)

Vitória ainda complementa trazendo questões de gênero para a discussão.

"E assim, para a gente que somos mulheres, o fato é mais escancarado por conta do cabelo. Por exemplo, não tem gente de cabelo cacheado aqui ou se tem tá escovado, então assim a pessoa precisa perder sua identidade para ficar retratada nessas fotos. É aí que tá, eu quero minha foto nessas placas, mas por mais que esteja aqui com meu cabelo do jeito que é, terei que estar numa pose dessa. (Vitória, 2023, Diário De Campo)

Yasnaia complementa partilhando um relato que passou dentro do curso na modalidade remota.

Uma vez estava numa aula pelo google meet, aí acabou a aula e a professora disse: "vamos tirar uma foto" aí eu fiz uma pose bem pose mesmo, [demonstrou ela com um sorriso exagerado e os dedos na frente do rosto] e a professora viu e disse: "Oxe, o que isso esquisito aqui? Não, vamos tirar outra" e não aceitou a pose que eu fiz pra foto. Ai eu fico pensando como iríamos causar um grande estranhamento se começássemos a usar poses para fotos que nos represente nesses espaços. (Yasnaia, 2023, Diário De Campo)

O que podemos perceber é que pensar essa fotografia articulando com ações contra-coloniais de representação da população negra, aqui nos referindo as que ocupam o espaço universitário, pensando em novas estratégias de representatividade, avessa ao que a fotografia pensada do ponto de vista do colonizador tradicional nos apresenta, é um caminho para se pensar em um novo jogo fotográfico onde "as suas vidas [dos alunos negros] só podem vir a existir através da manutenção dos padrões da branquitude" (Sealy, 2019, p. 195). Se as fotografias de formatura reproduzissem a imagem de pessoas negras levando em

consideração seus símbolos e signos, como por exemplo a questão do cabelo cacheado ou crespo que é uma poderosa marca das pessoas negras (Kilomba, 2019) que por muito tempo esteve no inconsciente da branquitude como a “maldição corpórea” (Fanon, 1967, p. 122), talvez esses alunos se sentissem mais à vontade nesse espaço. Mas se essas imagens não existem até então, o que poderíamos fazer para que elas passassem a existir?

A resposta dessa pergunta virá no próximo movimento desta oficina. Pensando em todas essas questões e em como dar vida a essas imagens, compartilho com os alunos alguns artistas visuais que trazem no seu trabalho essa referência de criar a fotografia através da fabulação de uma imagem que dê conta da dignidade humana de pessoas que não tiveram direito ao registro, ou foram registrados dentro da perspectiva colonial ocidental. Para o feito apresento o trabalho de duas artistas, uma mulher negra e uma mulher indígena. A primeira artista que eu apresentei foi Gê Viana que é uma mulher, artista maranhense e de origem indígena, que tem desenvolvido seus trabalhos investigando as suas identidades, de gênero e étnica. Para ela, sua ancestralidade é o fio condutor de todo o processo. Seus trabalhos são desenvolvidos especialmente a partir da fotografia e da fotomontagem.

Criar um caminho na arte hoje parte da ideia de denúncia, lançando mão das categorias estéticas. Penso no legado deixado pelas fotógrafas que denunciaram em cliques o cotidiano das grandes metrópoles, guetos e povos tradicionais. O meu trabalho se desenvolve no ato de fotografar corpos que assumem vários recortes com a fotomontagem, retornando um segundo corpo e gerando lambe-lambe em experimentos de intervenção urbana/rural. Venho na busca por uma expressão artística não-linear, lanço-me sobre a pesquisa do corpo performático e dos corpos abjetos pela cultura colonizadora hegemônica e seus sistemas de arte e comunicação, (corpos marginalizados e invisibilizados). A partir de um processo em Santos com Lívia Aquino, pesquisadora do campo das artes visuais, resolvi pesquisar a “imagem precária” e os meios de apropriação das fotos históricas de fotojornalistas, já que na maioria dos meus trabalhos ver-se o uso de outras camadas fotográficas. (Gê Viana, 2019, Site Prêmio Pipa)

Gê realiza um trabalho lindo de sobreposição de imagens nas fotografias de sua comunidade, recontando as imagens que historicamente representaram seu povo de forma distorcida.

Figura 28 - Paridade.



Fonte: VIANA, Gê. Paridade. 2018.

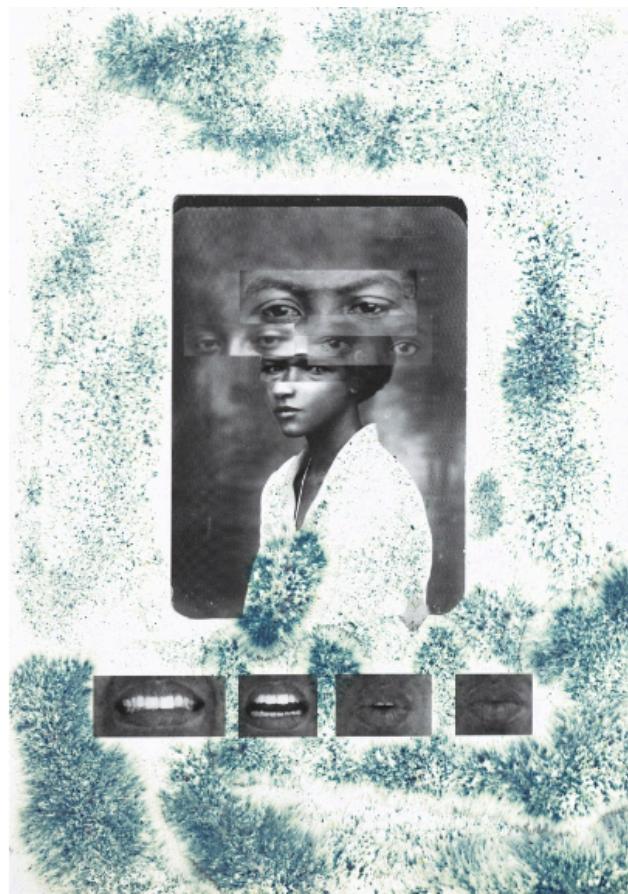
A outra artista apresentada como referência na criação das imagens foi a Juliana dos Santos, mulher preta, artista selecionada na Temporada de Projetos do Paço das Artes de 2019. Premiada em terceiro lugar no 16 Salão de Artes Visuais de Ubatuba de 2020 e selecionada na 12 Abre-Alas da A Gentil Carioca galeria (RJ). Participou da 12ª edição da Bienal do Mercosul. Juliana também trabalha a fabulação através da fotografia e para essa provação eu trouxe o seu trabalho *"Caetana e nossos Não's"* que ao descrever o processo de recriar a imagem de Caetana, a artista diz

O desafio foi tamanho que fiquei obstinada na impossibilidade de fazê-lo. É que nesse momento venho numa toada de pensar os limites da representação em tempos de representatividade como máxima. Como "tornar" forma pessoas que viveram num outro tempo, com tão pouco arquivo e documentação sobre elas? Me vi diante da impossibilidade de atribuir feições que não fossem as conhecidas por mim. Seria o exercício do retrato atribuir olhos, bocas e nariz? E o sentimento? Mais um cabelo talvez... um certo tipo de nariz, lábios grossos, olhos "sudaneses" cabelos Bantus, o que chamariam de traços negroides? Forjar alguma escarificação que conferisse autenticidade do grupo étnico mais aproximado, a partir do recorte geográfico que o documento forneceu? Sei não... ainda mais para mim que na convivência com amigos historiadores passei a duvidar de todo e qualquer documento como verdade absoluta... Seria o retrato o árduo exercício de habilitar os sentidos, de tal forma que o ser retratado venha ressuscitado passar a nos indagar com olhos turvos a insatisfação de sua nova feição? Caberia a mim agora como resposta um discurso inflamado sobre como foi conferir orgulhosamente com dignidade essas histórias

que retratei? Afinal, por sair de minhas mãos, eles dizem muito mais sobre mim do que sobre os sujeitos que me foram apresentados. Biografias fraturadas pelo tempo, nossa história recorrente em arquivos mortos de processos judiciais. Escolhi ficcionalizar a partir do que era possível de minha história alcançar com a deles. Como se fosse possível uma regressão. Dessa forma pedi licença ao que chamamos de ancestrais, aos alheios e aos da minha família paterna para lançar mão dos retratos da década de 1920 de minha tataravó Luiza (1849), bisavô Vivi (?) tia bisavó Alzirinha (?) e Tia Avó Benedita (?) Eu e o anacronismo, me coloco no retrato com Bernarda e sua mãe e convido minha tata para testemunhar a catástrofe. E onde fica o Azul com tudo isso? Trago-o sempre comigo como nódoa que se fará no futuro. Pintar fotografias não foi fácil revelou-me diante do tempo a impossibilidade de contê-lo. (Juliana dos Santos, 2020)

Juliana trabalha a sobreposição de imagens com intervenções de tinta azul e impressa em tecido de algodão.

Figura 29 - Caetana e nossos Nãoos.



Fonte: SANTOS, Juliana dos. Caetana e Nossos Nãoos, 2020.

Depois de trazer as referências históricas de como e quais pessoas foram retratadas ao longo da história da humanidade, pensar nos vazios que essas imagens causaram no mundo e como afetam a vida desses alunos até os dias de hoje, e apresentar para eles artistas que

trabalham com a fabulação de imagem a partir das fotografias, eu peço para que os mesmos me trouxessem no próximo encontro uma fotografia que eles pudessem fabular de alguém que não teve o direito de ocupar a universidade por fatores de exclusão já apontados aqui, mas que de alguma forma a existência dessa pessoa atravessa o espaço universitário, porque de algum modo essa pessoa te ensinou algo que você deve compartilhar no processo de multiplicação de saberes, então se o conhecimento dessa pessoa está aqui, mesmo ela nunca ocupando esse lugar. como seria uma placa de formatura desse sujeito com todos os elementos que compõem essa figura que vc quer representar? O que não poderia faltar nessas placas? O que essas placas poderiam conter para deixar esses ambientes mais acolhedores para as pessoas negras dentro do espaço universitário? Este seria o gancho para nosso próximo e último encontro.

O encontro subsequente ocorreu no dia primeiro de abril de dois mil e vinte e três, nosso último encontro para a apresentação das placas de formatura criadas a partir da provocação do último encontro e fazer uma roda de conversa sobre o que acharam da oficina e dos assuntos abordados. Começamos pela apresentação das placas criadas.

Figura 30 - Placa Ismael.



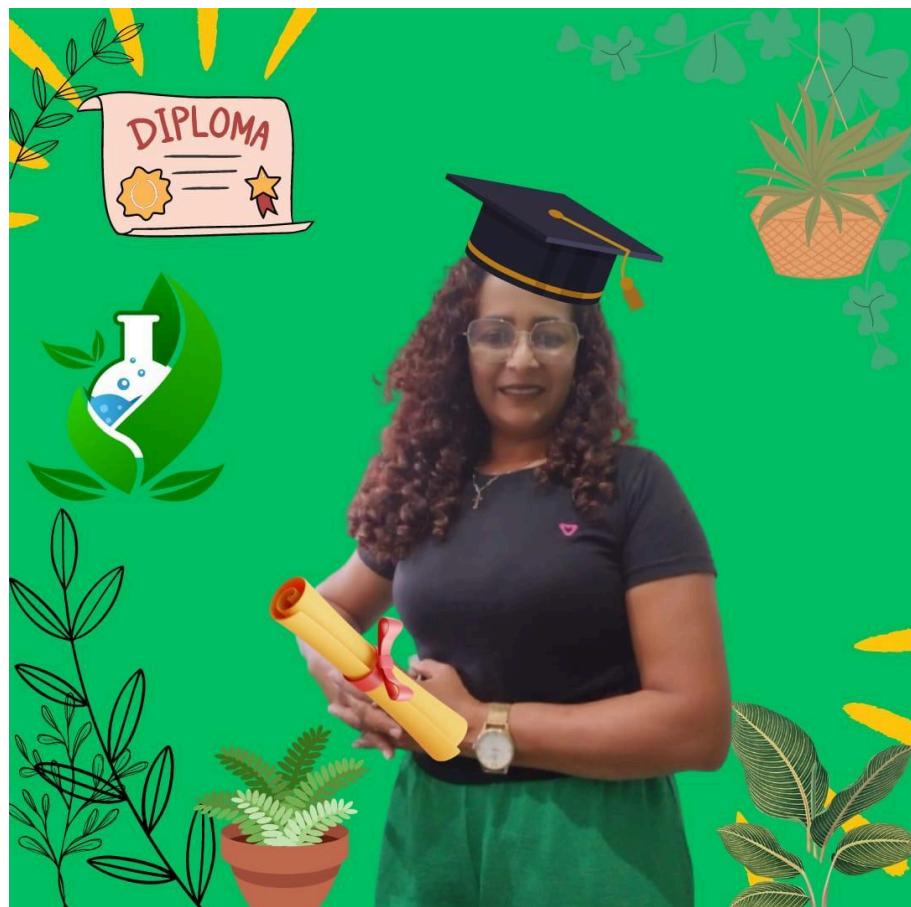
Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 01º de 2 de abril de 2023. Autoria de Ismael Cardoso.

Sobre a placa fabulada Ismael explicou:

Olha, tem uns erros aqui de escrita mas eu deixei porque também fala sobre mim. Eu fiz mamãe e coloquei tipo uma coroa né pra colocar ela nesse lugar de realeza e escrevi um poema sobre amor [...]. Primeiro, antes de tudo, mainha ela tem costume de quando ela está com raiva de alguém e ela tirou uma foto com essa pessoa, ela se recorta da foto, que está com essa pessoa que ela não gosta. Quando pedi pra mainha uma foto 3x4 ela disse que não tinha, mas tinha essa que ela tinha recortado porque estava com alguma pessoa que ela não gostava. Ai pronto, eu peguei essa imagem e coloquei ai e montei. Aí pensei em escrever um poema, aí lembrei que no nosso primeiro encontro eu havia dito que mainha me ensinou a ter afeto, amar e etc. Ai escolhi o amor, pra ficar gravado aí como se fosse uma música e fazer um poema pra ela a partir das experiências que a gente vive, do que eu enxergo nela e ela enxerga em mim, o que eu aprendi com ela na vida que compartilho aqui na universidade, enfim, para criar esse diálogo aí [...]. Pra mim pertencimento está no olhar da minha mãe, no olhar das pessoas que eu gosto, das pessoas que eu tenho afeto, não é muito do lugar físico, é mais do corpo enquanto um lugar físico. (Ismael, 2023, Diário De Campo).

Em seguida, Maikon compartilhou com o grupo a sua placa fabulada.

Figura 31 - Placa Maikon



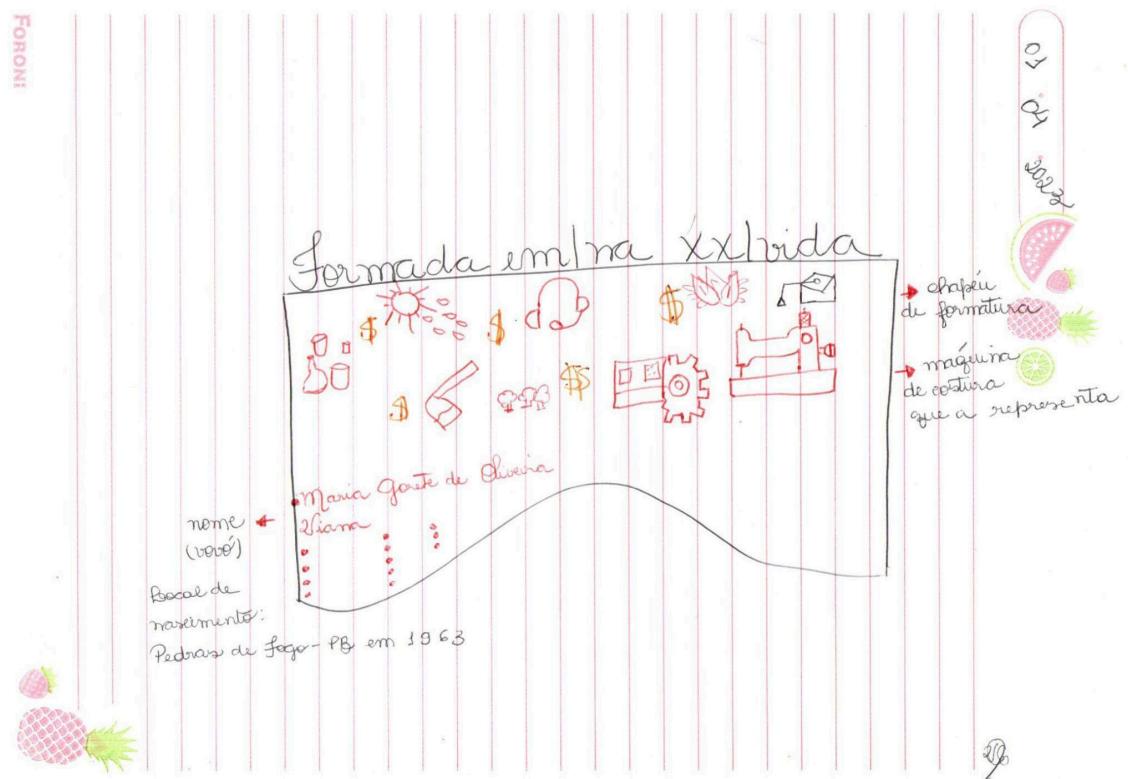
Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 01º de abril de 2023. Autoria de Maikon Serrão.

Sobre a placa fabulada Maikon explicou:

Eu fiz a minha mãe, ela é uma pessoa semianalfabeta, ela consegue ler mas tem muita dificuldade na escrita, e ela estudou só até metade do ensino fundamental e mesmo assim minha mãe me ensinou muita coisa, ela é uma pessoa muito sábia, ela é muito jovem também, e ela é uma pessoa empreendedora que sempre buscou ter a sua independência financeira sabe? E aí mesmo perpassando por todas as dificuldades e limitações que ela tem ela sempre conseguiu se manter através de uma ciência muito importante. Hoje a minha mãe vende ervas e remédios naturais, então ela literalmente cuida da saúde de uma gama de pessoas ao redor da comunidade, é como se, literalmente ela fosse uma médica. Então, ela se sente assim, se sente importante hoje, ela gosta muito de dizer "Eu mereço ser feliz" porque ela aprendeu isso ao longo da vida, ela diz que merece ser feliz, porque ela está trabalhando e ela confia no trabalho dela e as pessoas que estão aqui estão lá ficando curadas. Então, meu sonho é minha mãe formada no curso de medicina ou psicologia, alguma dessas pessoas que cuidam da saúde das outras, sabe? E que um dia a universidade valide a sabedoria dela, o lugar dela de mulher de cura porque minha mãe acha que saúde das pessoas é muito importante e por isso dedica sua vida a cuidar dessas pessoas. Por isso quis representar ela dentro da universidade, sabendo da importância que ela tem mesmo sem os saberes acadêmicos, por isso quis representar assim com coisas do lado, plantas, muito verde das ervas que ela manipula, um diploma, uma médica formada com base na medicina natural, existe isso, existe médica que são formadas assim. Seria incrível, seria histórico, uma placa assim. (Maikon, 2023, Diário De Campo)

Em seguida, Vitória compartilhou com o grupo a sua placa fabulada.

FIGURA 32 - Placa Vitória.



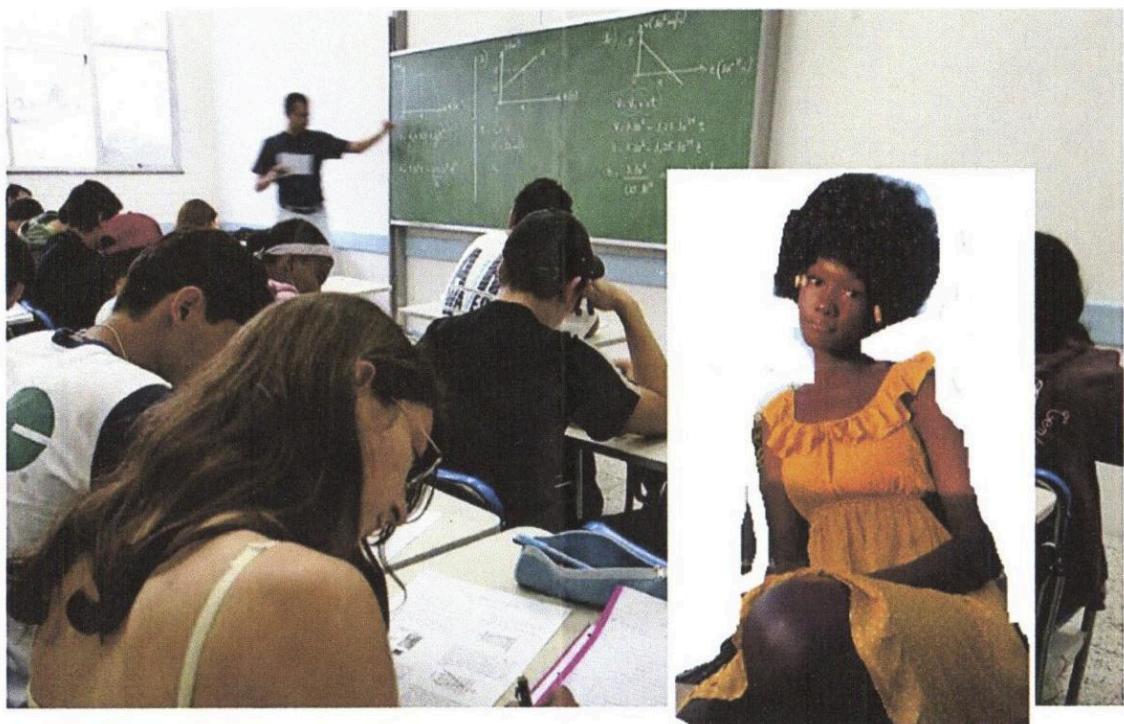
Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 01º de abril de 2023. Autoria de Vitória Silva.

Sobre a placa fábula da Vitória explicou:

O meu foi um desenho gente, eu falei vovó me dê uma foto sua, ela falou, mulher tem que procurar, e ela não achou a tempo, por isso o meu é um desenho. Aqui está a minha placa de formatura, certo! Explicando os elementos, eu coloquei formada em ... eu coloquei xxx, não coloquei no concurso, e formada na vida. Aqui está minha plaqinha, eu representei ela nessa placa através da costura, que toda a vida que ela trabalhou em alguma empresa foi como costureira, e até hoje ela costura. Aí aqui desse lado é aquele chapeuzinho de formatura. Pronto, e assim, pra mim a placa ideal seria ela, no curso que ela quisesse, porque vovó parou de estudar no segundo ano do ensino médio. Aí eu coloquei ela representada através da máquina de costura, e a placa ideal seria, onde pessoas que têm dinheiro, fossem minorias, e pessoas que sonham em ir pra uma universidade, estudar, sejam catadores de material recicláveis, pessoas que trabalham sob o sol, pessoas que são da área rural, que trabalham com o enxada, atendentes de telemarketing, enfim, os trabalhadores que mantém o nosso país e nunca ocupa a universidade, essas folhinhas usei para representar os indígenas e quilombolas, pessoas da mata, pessoas que trabalham em produção mesmo, sabe? E a partir da sua provocação eu pensei que uma universidade mais acolhedora para gente seria oportunizar que essas pessoas estivessem aqui, pra gente se reconhecer. Aí eu coloquei o nome dela Maria Goreti Oliveira Viana, aí eu trouxe o local, porque ele falou muito da territorialidade, ela nasceu em Pedras de Fogo - Paraíba, enfim, essa seria, pra mim, uma placa de formatura ideal. (Vitória, 2023, Diário De Campo).

Em seguida, Yasnaia compartilhou com o grupo a sua placa fabulada.

FIGURA 33 - Placa Yasnaia



Fonte: Resultado da Oficina ministrada em 21 de março de 2023. Autoria de Yasnaia Tavares.

Sobre a placa fábula da Vitória explicou:

Mais que uma placa eu imaginei a imagem de uma pessoa na universidade, como eu já disse a minha família é de cabo verde na África e eu não conheço minha família de lá, não tenho fotos nem nada mas sei que eles não tiveram acesso à universidade, aí peguei a foto de uma pessoa que pra mim poderia parecer ela mais jovem, coloquei dentro de uma sala de aula, e olhando pra essa imagem fico pensando como que seria ela, com todos os saberes tradicionais que deve ter dentro dentro de uma sala de aula com a gente, pelo muito pouco que sei dela, sei que ela gosta de dinheiro, então coloquei uns cálculos ali no quadro. Enfim, a fotografia me proporciona materializar o que eu sempre sonhei. (Yasnaia, 2023, Diário De Campo)

Esse movimento de prática e feitura das placas fabuladas e de discorrer na reflexão sobre essa prática é uma abertura muito significativa para atestarmos que o jogo fotográfico inserido nas fotografias de formatura do Centro de Ciências Jurídicas no Campus Santa Rita é excludente e contribui para que as pessoas negras inseridas naquele ambiente não se sintam pertencentes, contribuindo assim para a manutenção do racismo estrutural, uma vez que como podemos ver no material apresentado elas apagam a identidade e a subjetividade do sujeito em questão, ressaltando não apenas a imagem da pessoa branca, mas também tudo que é ligado à cultura branca, eurocentrada e colonial.

Observando as placas de formatura é evidente que as cotas raciais mexeram nas estruturas desse jogo de poder que sempre existiu nessas fotografias, porém, é evidente também que apenas as políticas de cota ainda não dão conta da permanência dos corpos negros no espaço universitário. As cotas raciais representam um passo significativo na direção de combater o racismo estrutural ao oferecer oportunidades de acesso à educação superior para grupos historicamente marginalizados. No entanto, é importante reconhecer que, embora as cotas tenham um impacto positivo na diversificação das universidades, elas sozinhas não conseguem criar automaticamente um ambiente acolhedor e promover a equidade dentro das instituições acadêmicas. Como aponta Gomes (2013, p. 55), "as cotas constituem uma medida importante, mas ainda insuficiente para superar os obstáculos que dificultam a equidade no acesso e a permanência desses estudantes nas universidades." A implementação bem-sucedida de cotas raciais requer abordagens que levem em consideração a real subjetividade dos alunos negros que adentrarem, precisa que se incluam políticas de apoio à permanência, programas de sensibilização, criação de espaços inclusivos e levantar o debate Sobre as violências racistas que esses alunos passam cotidianamente dentro da universidade, a fim de combater efetivamente a discriminação e garantir que a diversidade seja valorizada e respeitada em todos os aspectos da experiência universitária.

E aqui nesse espaço, essas discussões só aconteceram de forma tão significativa e tão cheia de emoções por ter levado em consideração as particularidades e subjetividades de cada um daqueles ali envolvidos, particularidades muitas vezes anuladas pela academia. A avó que também ocupa aquele lugar, a janela da casa humilde por onde viaja, a máquina de costura, a foto recortada por não querer mais estar registrado com aquela pessoa, super poder de dar e receber afeto, os saberes populares e estar atento aos múltiplos corpos que encontramos nesse espaço, como anuncia Corrêa (2017, p.102) "o corpo é uma matéria onde se exprime a linguagem dos afetos. Ele tem o poder de afetar e ser afetado. Os afetos vão constituindo e modificando o corpo, bem como podendo diminuir ou aumentar a potência de ser e agir do mesmo" e Dossin (2018, p. 363) complementa ainda que "o afeto do sujeito ao olhar completa a potência da imagem" foi essa a função da oficina, apenas ajudar a olhar uma fotografia, por um outro viés.

Ao olharmos para essas fotografias nos deparamos com o que Kilomba vai chamar de "princípio da ausência" (prefácio de Fanon, 2020) dentro das discussões sobre raça, e que Soulages (2010) vai chamar de infotografável dentro do campo da construção de imagens, os dois conceitos atrelados a prática nos apontam os silêncios existentes nessas fotografias, o silêncio daqueles que construíram esse país e dele quase nada podem usar, o silêncio daquelas mães negras que não puderam maternar os seus filhos por serem babás e maternar os filhos brancos de suas patroas ensinando tudo que esses filhos compartilham hoje na universidade, onde elas mesmas não podem ocupar, o silêncio de nossos corpos que foram obrigados a adentrar no processo de ensino e aprendizagem com a referência do colonizador, negando nossa corporalidade no aprendizado, os silêncios dos nossos afetos, onde as emoções nesse espaço muitas vezes são negadas.

Ainda no último encontro da oficina, quando pergunto se eles querem fazer mais alguma pontuação Ismael sem hesitar diz: "Antes eu via essas placas com desprezo, algo pra mim que é insignificante por não me representar, agora eu não consigo mais desver agora para mim, elas representam um problema", de certo modo todos eles concordam com Ismael porque agora eles vão "inquietar-se diante de cada imagem" (Didi-Huberman, 2003) de placas de formatura que encontrarem por aí. E essa imagem é um problema porque ela documenta quem conseguiu permanecer naquele espaço, mas ela não diz daqueles que resistiram e vem resistindo para que esse espaço seja um lugar mais democrático, ela é um problema porque ela alimenta um imaginário social e coletivo de que só as pessoas brancas são capazes de produzir

ciência, ela é um problema porque nega toda identidade negra e indígena da acadêmia, silêncios esses todos existentes nas frestas não materializadas dessas fotografias, sobre o que foi apontado concordo com Rufino (2019) quando ele diz

Não creio na redenção colonial, aposto na fresta, defendo que há outros caminhos possíveis. Contudo, essas possibilidades, para se manterem operando na luta por justiças cognitivas/sociais, terão de atravessar o contínuo colonial, terão de emergir como ações de transgressão e resiliência. A dimensão da perpetuação dessa esfera de terror reflete o quanto são adoecidas as nossas mentalidades, o quanto blindados são os nossos esquemas de saber, o quanto regulados são os nossos corpos, tornando-nos impedidos/as cognitivamente de nos desvencilhar dessa trama. (Rufino. 2019. p.37).

Para que isso acontecesse, foi necessário criar linhas de fuga propostas aqui no contexto sociopolítico, as linhas de fuga têm a capacidade de questionar estruturas de poder opressivas e de criar espaços de resistência e transformação. Elas desafiam as categorias estabelecidas, desestabilizam as normas e geram possibilidades de mudança. Para Deleuze e Guattari, as linhas de fuga são parte integrante de uma abordagem de pensamento nômade e não hierárquico, onde a multiplicidade, a diferença e a complexidade são celebradas.

Batchen (2004, p.177) aponta que “os significados e valores de qualquer fotografia individual estão absolutamente determinados por seu contexto, pelas atividades da cultura que a rodeia e a inspira”, aqui podemos perceber que as fotografias das placas de formatura ainda estão rodeadas de ações pautadas no pacto narcísico apontado por Bento (2022) que argumenta sobre como esse pacto opera através da negação do racismo e da responsabilidade individual, resultando em uma resistência à mudança estrutural e na manutenção da supremacia branca. Ela argumenta que é fundamental romper com esse pacto para efetivamente enfrentar o racismo sistêmico e construir uma sociedade mais justa e igualitária, ou seja, esse “pacto da branquitude” de Cida Bento refere-se a um conjunto de normas sociais, implícitas e explícitas, que sustentam o privilégio branco e mantêm a hierarquia racial, invisibilizando tudo que diz respeito ao povo negro.

Sobre as referências ancestrais que estão presentes em todas as placas fabuladas, que se configura pra gente como uma linha de fuga que vai combater esse pacto da branquitude, podemos afirmar que é uma ferramenta indispensável para falarmos de pertencimento do povo negro brasileiro. Sobre trazer para a vista essas referências ancestrais, Sodré (2017) vai destacar que existe uma importância de reconhecer e valorizar essa ancestralidade negra como parte fundamental da identidade brasileira, o autor enfatiza a necessidade de reivindicar e

celebrar a contribuição histórica, cultural e artística da população negra brasileira e seus descendentes, que frequentemente foi subestimada, apagada ou negada o acesso a esse lugar da universidade devido à herança colonial e ao racismo estrutural. Essa reivindicação aqui foi feita através da fabulação dessas imagens, fabulação essa que opera fora da lógica tradicional dentro da academia, de se pensar ciência muitas vezes apenas através da razão, excluindo todo que envolve a emoção como ciência ou potência criadora.

Fora do tradicionalismo e, portanto, longe das ilusões de se encontrar uma aura de autenticidade no passado, a tradição inscrita na ancestralidade representa um momento de autonomia grupal enquanto memória continuada e vigilante de um conjunto de regras e de personagens historicamente afinados com uma maneira particular de ordenamento do real. Esse conjunto perfaz uma constelação de valores coletivos (compartilhados, bem holístico, communalismo etc.) historicamente apresentada como um pensamento social ético que reflete as estruturas comunitárias das sociedades africanas tradicionais. (Sodré, 2017, p.128).

As abordagens sobre a ancestralidade negra, para as discussões de pertencimento e questões raciais, muitas vezes envolvem uma análise crítica das políticas de embranquecimento e da invisibilidade histórica dos negros na formação da subjetividade brasileira. Sodré (2017) também destaca como a valorização da ancestralidade pode contribuir para a construção de uma autoestima positiva entre os afrodescendentes, empoderando-os a enfrentar os desafios do racismo e a criar novas narrativas de identidade e representatividade, através também da sensibilidade "é o sensível enquanto pré disposição originária do comum que engendra a unidade dos sentidos e a conversão analógica (não dialética) de uns nos outros, desvelando a conaturalidade ou o copertencimento entre corpo e mundo" (Sodré, 2017, p.135).

Sobre o assunto, HOOKS (1989, p.89) aponta que "Representação significa mais do que sermos vistos. Significa como somos vistos e como interpretamos o que vemos." por isso essa pesquisa buscou um movimento de não só retratar esses alunos negros que hoje ocupam o espaço universitário, busquei ir além, mostrar os afetos e as emoções que compõe um corpo negro num espaço de criação de conhecimento para além da mera imagem, e assim criar, reformular a memória coletiva sobre as pessoas negras, na representação e nos espaços.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade" (Halbwachs, 1990, p.35)

Por fim, vale destacar aqui que a afetividade foi a força motriz para reger essa oficina, e para encontrarmos as respostas que estavam sendo buscadas de forma muito singular desde o início dessa caminhada. Sodré (2017, p. 170) vai apontar que "essas 'singularidades' são formações impessoais que atravessam o corpo coletivo como afetos ou intensidades". Esse encontro que formou um corpo coletivo em busca de entender o que está posto no jogo fotográfico nas placas de formatura do curso de direito do CCJ Santa Rita nos comprovou que ainda temos muito a percorrer quando se trata de corpos negros dentro desse espaço acadêmico. Existem inúmeros vazios nessas fotografias que não dizem respeito apenas a nós, pessoas negras que ocupam esse lugar no presente. Mas também dizem respeito aos nossos que nem tiveram o direito de sonhar em ocupar este lugar, ou seja, as políticas de cotas mexeram nas peças do jogo, o reformularam, criaram novas regras, estipularam novas estratégias, trouxeram novos jogadores, mas ainda falta muito para conseguirmos alcançar uma democratização deste jogo que está posto.

Compreendo que esta pesquisa até aqui nos mostrou que a troca afetiva emanada por pessoas negras pode desempenhar um papel fundamental na luta antirracista, alimentando uma resistência inspiradora e poderosa contra as ideologias de opressão e exclusão, ao passo que as experiências pessoais e emocionais de pessoas negras ganham voz e vez dentro dos espaços hegemônicos, criamos o poder de criar outros mundos, mundos mais pertencíveis. Essas vozes iluminam as realidades complexas da discriminação racial, promovendo democracia e pertencimento de uma gama de pessoas negras que passou ou passará por esse lugar. Quando proponho para essas pessoas negras que hoje estão dentro da universidade a criação dessas fotografias, comprehendo que essas imagens contém tudo que elas foram, tudo que elas são e tudo que um dia elas ainda virão a ser, e por isso essa imagem agora faz parte de um outro jogo fotográfico, um jogo que não nos deixará esquecer que quando falamos de pessoas negras e da construção de suas subjetividades, não podemos esquecer que a sensibilidade será sempre nosso maior feitiço.

Figura 34 - Registro da finalização da oficina.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

5 O QUE FICA E O QUE SE DESFAZ: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além de todos os fatores externos que problematizam a pesquisa, houve também um conflito interno que me atravessa a todo instante, não só aqui enquanto pesquisador, mas no existir no mundo de modo geral, me recusando a ser o que o olhar colonial me condiciona, não só a mim, mas todas as pessoas negras. Ser um homem preto que fala e existe através das emoções e enxerga no afeto uma possibilidade de mobilização social veio à tona de forma mais evidente no momento em que coloco meu corpo em contato com essas fotografias, e percebo esses silêncios que se desdobram em tantas violências direcionadas para os meus iguais. Percebo aqui que esse modo que as coisas vão se pondo, são de fato aspectos muito parecidos com um jogo, jogo esse que me recusei a jogar com as regras que me foram ofertadas, quando compartilho com a academia a ideia de analisar essas placas e pensar nesse território tendo a afetividade e as emoções como agenciadores de um novo jogo as coisas começam a fazer sentido para mim, me recordo da canção Era Nova de Gilberto Gil que diz "só você poder me ouvir agora, já significa que dá pé" saio dessas águas que me afogavam, com todas essas questões postas e percebo que sou ouvido nesse espaço, sinto que esse rio de sentimento dá pé, e me dá mais segurança para continuar a caminhada.

Quando explico aqui o percurso metodológico que a pesquisa iria percorrer, pontuo que chegaríamos em um certo lugar onde iríamos engolir essas fotografias, mastigá-las e cuspirmos para o mundo de forma alterada, confesso que em alguns momentos me peguei num imenso conflito, sem saber se eu engolia as fotografias ou se elas que estavam me engolindo, de certo modo posso dizer com toda certeza que essa alternância aconteceu a todo momento.

Num primeiro momento o desafio foi pensar em quais placas eu queria analisar, percorri durante um ano os corredores da Universidade Federal da Paraíba e, ao passo que andava por eles e observava essas imagens, pude perceber inúmeros fatores escondidos nessas fotografias. Questões de gênero, quando percebo que todos os cursos que estão relacionados ao cuidar do outro de certo modo, tem em sua grande maioria mulheres se formando, questões geracionais quando percebo que pessoas mais velhas estão ali ocupando o curso de ciências da religião, questões de classe, quando sou impedido de adentrar no campus da medicina e dialogar com os departamentos ou alunos com a justificativa que lá não há pessoas negras entre tantas outras questões que essas fotos atestam diariamente.

A partir desse meu encontro com essas fotografias começo a concordar com a abordagem de Soulages (2010) que diz que a fotografia tem capacidade de desafiar a percepção e de questionar a realidade. Ele argumenta que a fotografia não apenas reflete o mundo, mas também cria uma nova realidade visual por meio de sua composição, enquadramento e manipulação. Com isso, vou percebendo que a fotografia é uma forma de arte que possui uma linguagem própria, capaz de comunicar ideias e sentimentos de maneira única, e é em busca dessa comunicação da fotografia que começo minha caminhada em busca de entender o que aquelas fotos poderiam dizer sobre meus pares na academia, e a cada passo que dou na caminhada, janelas que vão abrindo e surgem inúmeros questionamentos sobre o assunto.

Acho que o mais difícil de tudo nesse primeiro momento foi pensar em como identificar as pessoas negras nas placas de formatura, o que poderia ser considerado como negro ou não ali na imagem, uma vez que o Brasil é conhecido pela sua diversidade racial e étnica, resultado de uma história de miscigenação que misturou povos indígenas, africanos e europeus onde essa diversidade resultou em uma gama de tons de pele, desde os mais claros até os mais escuros. Por mais que saibamos que no Brasil não é negro apenas aquele que tem a pele retinta, podemos afirmar que essa mestiçagem nos trouxe grandes desafios, pois os padrões de beleza eurocêntricos muitas vezes privilegiam tons de pele mais claros em detrimento dos mais escuros. Mas quem era eu para dizer quem era e quem não era negro?

Outro fator me fazia pensar como era complexo pontuar as pessoas negras naquelas imagens, pois se Soulages (2010) já havia me apontado que a fotografia não é apenas uma representação estática da realidade, mas sim um campo de significados e possibilidades que transcende sua aparência superficial, o que nos garantiria que aquelas imagens dispostas nas paredes da universidade dentro desse modo de pensar e de registrar branco não poderiam ter sido manipuladas também a cor de pele no tratamento dessas fotos?

Tentei de diversas maneiras encontrar alguma daquelas fotos antes do tratamento, não obtive sucesso, como as fotografias eram mais antigas as empresas que fizeram as fotos não tinham mais a imagem original, porém, com isso ainda inquieto dentro de mim, pedi para um amigo cujo pai tem uma empresa de fotografia que atende as universidades particulares na cidade, para que eu pudesse ter contato com as imagens antes e depois de tratadas, e então pude confirmar minha suspeita ao observar o quanto as pessoas são embranquecidas da imagem sem tratamento para a imagem tratada, o que comprova o que Soulages (2010) diz

quando aponta que fotografia não é apenas uma representação estática da realidade, mas sim um campo de significados e possibilidades que transcende sua aparência superficial.

Essa transcendência aqui se deu a partir de um pacto, que utilizei Cida Bento (2022) para falar do *Pacto da Branquitude*, é evidente que todos os signos corroboram para haver uma manutenção da branquitude no poder, as roupas, o cabelo, o modo de vestir o tratamento da fotografia. A pesquisa começou a fundamentar tudo aquilo que eu tinha quase certeza quando iniciei este percurso, só que ela me mostrava o tempo todo que as fotografias poderiam dizer muito mais, e disseram.

Ao passo que a pesquisa vai tomando forma, o pesquisador vai vivendo diariamente aquele movimento, não foi diferente comigo, obcecado pelas fotografias de formatura passei a perguntar a todas as pessoas negras que tiveram a oportunidade de adentrar e concluir essa fase acadêmica, como havia sido a experiência na hora do registro fotográfico das placas, e a resposta quase sempre a mesma "eu não quis aparecer na foto", quando questionava o porquê, muito do que foi discutido aqui era levantado, "não se sentiam pertencentes", "não achava bonito", "não tinha grana", "não tinha roupa" entre tantos outros, e quando perguntada se tivesse condições ou se a foto valorizasse o que é importante para aquelas pessoas, se elas desejariam ter esse registro, a maioria dizia que sim, muitas vezes para dar para suas mães e avós como um troféu que iria dizer que se recusaram a ser o que o projeto colonial quis para elas, e elas chegaram lá.

Foi necessário examinar como as narrativas dominantes, muitas vezes produzidas por pessoas brancas, moldaram como os indivíduos e grupos racializados são retratados e percebidos. Para podermos entender tudo que envolve a criação de imagem de pessoas negras ao longo da história, as narrativas muitas vezes marginalizam e objetificam as pessoas não brancas, reduzindo-as a estereótipos simplistas e desumanizadoras que precisam ser revisitados, entrarem na discussão, serem apontadas e problematizados e foi exatamente isso que busquei, falar das ausências, mas antes mostrar as presenças existentes nessas imagens.

Mas até então, tudo que está aqui pontuado tinha sido apenas uma percepção minha do mundo, precisava ouvir mais gente, pois eu acredito que "um corpo não cessa de ser submetido à erupção contínua de encontros, encontro com a luz, com o oxigênio, com os alimentos, com os sons e palavras cortantes" (Lapoujade, 2002, p. 86) então fui em busca destes encontros tendo consciência de que as potências do corpo se manifestam neles, é

preciso frisar que a Universidade é um espaço que propicia múltiplos atravessamentos e foi através de um deles que cheguei no NEAB - Baobá Ymyrapytã um projeto de extensão que atua no combate aos racismos, no acesso à justiça e na difusão das lutas afro-indígenas, lá tive a oportunidade de me encontrar com Ismael Cardoso da Silva, Maykon Costa Serrão, Vitória Evelly Simões de Oliveira Silva e Yasnaia Nóbrega Tavares e foi a partir desse encontro que aconteceu mais uma desterritorialização, entre tantas que ocorreram durante o processo.

Quando Deleuze e Guattari tratam de "agenciamento", dentro da cartografia, apontam sobre o ato de formar conexões e interações entre elementos diversos, sejam eles humanos, não humanos, materiais ou conceituais. Que a cartografia não é apenas um mapeamento geográfico, mas também uma representação dessas relações que vão se criando ao longo do caminho, e dentro desses agenciamentos nos deparamos com o encontro que é um elemento crucial para que tudo isso aconteça, que é no ato de se tangenciar a partir do contato com o outro que diferentes elementos se conectam e interagem, criando novas possibilidades e transformações, sabendo que não são previsíveis e podendo levar a resultados não-lineares. E digo isso porque durante toda a pesquisa me encontrei conflituoso por falar de contra-colonialidade e acabar por usar uma metodologia colonial, de pensadores europeus, brancos e cisgêneros, conflito esse até pontuado na qualificação por Daniel Meirinho.

Por questões de tempo de não conseguir absorver outra metodologia (de forma convencional) ou por estar focado em aprimorar a metodologia das minhas oficinas, e já ter uma proximidade com a cartografia, decidi continuar, e me lembrei de algo que aprendi quando fazia parte de um grupo de capoeira há muito tempo, que o cruzo, movimento de cruzar saberes, é importante para a feitura de um sujeito preto como eu entender o mundo, gingar entre o que não deveria ser, e o que procuramos fabular para existir, por isso, a cartografia (sendo essa metodologia colonial) atrelada a minha trajetória, além de trazer todo esse movimento de beleza e poesia, me proporcionou uma ginga, como quando estamos em uma roda de capoeira, um pé vai dentro, e em seguida o outro vai para fora, buscando o movimento dentro, para quando estivermos aqui fora, sabermos a hora exata de atacar, recuar, se defender, lutar e dançar.

E foi essa a sensação que tive estando em campo, me encontrando com esses alunos, compartilhando sentimentos tão íntimos e profundos, aprendendo com a palavra molhada, (molhada pelas lágrimas que nos fizeram lembrar de nossas potências, e do que nos move no mundo) que ainda dá tempo, e que na realidade ainda é como Vitória bem apontou em um de

nossos encontros: "É estranho chorar na Universidade e não ser por um motivo de tristeza, raiva ou desespero", ao passo que me aliava saber que estávamos juntos construindo um território acolhedor, mesmo que momentaneamente, me preocupava enxergar que "Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com as heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas" Bento, 2022, p.23) porém, na vida de pessoas negras os reflexos continuam sendo muito cruel, enquanto as pessoas não negras continuam alimentando o pacto, muitas vezes até inconscientemente, esse movimento me fez perceber que também precisamos apontar para essas pessoas não negras o lugar que elas ocupam e trazer para a consciência, o pacto, o jogo e tudo que está posto.

Outro fator que o campo me aponta nesse processo de pesquisa foi o que essas fotos das placas de formatura podem nos dizer sobre o que é ciência, foi através das fotos que essa questão ficou muito latente em mim, durante o processo me questionava se o que estava fazendo era ciência de fato, por ouvir diversas vezes que onde a ciência faz morada a poesia não ganhava passagem, depois de todo esse processo envolvendo muita poesia científica, fizemos um triero na morada da ciência, que junto a Martins (2007) que diz que "a reficcionalização da persona negra como corpo de memória do conhecimento, conotando o adjetivo negro como uma episteme, um saber e, não apenas, como uma epiderme, uma causa, um lamento ou um pesar" podemos afirmar que não só é ciência, como também uma proposta de outra forma de fazer ciência.

Foi por toda poética encontrada ao longo do caminho que nos foi permitido evidenciar as ausências, os vazios, as permanências e discutir novas possibilidades de existir no mundo e no espaço acadêmico, possibilidades estas vistas durante muito tempo como impossíveis, assim como explanou um dos alunos durante a oficina, após muito estranhamento da metodologia, Maikon enfatiza "Nunca tinha imaginado poder ver minha mãe numa dissertação construindo ciência". E foi a partir do ato de imaginar e fabular que ela chegou aqui, ajudando a comprovar que a Universidade ainda não dá conta da existência de corpos negros nesse espaço, e só as políticas de permanência, assim como a política de cotas também não dão conta na nossa existência nesse território, precisa-se ir além, buscar meios de quebrar o pacto da branquitude, de ressignificar os espaços, refletir sobre quais memórias coletivas ocupam aquele lugar, entender o jogo fotográfico existente nas imagens que criam a representação da "cara da universidade" e assim efetivar o nosso modo de ocupar esse lugar,

aqui, apresento um deles, neste ambiente de memória que o corpo se transveste em uma nova fotografia e esculpe uma produção científica singular, democrática e afetuosa.

Se faz necessário aqui também botar reparo de forma ainda mais intensa e profunda do papel da comunicação enquanto ciência, de como ela pode por outros olhares, abrir portas para a democratização da sociedade, pois nesse trajeto pude perceber como a comunicação desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade democrática, pois é através do intercâmbio de informações, ideias e perspectivas que os sujeitos podem participar desde o processo de tomada de decisões e no funcionamento das instituições públicas, até a construção da subjetividade dos indivíduos, foi através desta ciência que pude construir todo esse caminho até aqui, com isso, saio dessa experiência com mais orgulho do comunicador que estou me tornando diariamente.

Com tudo isso, o que posso dizer é que as fotografias de formatura são registros visuais que quando olhadas com um olhar mais crítico, conseguimos visualizar as normas culturais e sociais de uma determinada época, lugar e território, aqui elas nos serviu como um documento que atesta uma falha na sociedade democrática de direito, podemos ver através dos silêncios, das frestas e do infotografável existentes nessas imagens que elas não só mostram predominante ou exclusivamente pessoas brancas, mas elas mostram a não existência de pessoas negras. E vale atentar-se que em nenhum momento eu pontuei quem são as pessoas negras ou brancas que estão nas fotos, a ideia aqui não era criar um negrômetro, o pacto é tão bem acordado que não se precisa dizer, ele já está lá. A intensão aqui não era criar um negrômetro e dizer quem é ou não é negro, até porque no Brasil isso é uma tarefa muito difícil, não precisou muito para que as ausências aparecem nesse percurso, ausências que falam mais alto, porém continuamos não existindo, e a partir dai vai se criando um espaço de universidade pública, não tão publica assim, políticas de permanência que não garantem tanta permanência assim, uma política de inclusão, não tão inclusa assim.

Quando observo a ausência de pessoas negras ou a presença limitada delas nas fotografias de formatura, sobre os negros que entraram na Universidade, reflito como o direito a essa memória os foram negados, uma vez que não quiseram sair nessas fotos por não se sentirem representados, ou tiveram que se render as amarras do colonialismo e serem padronizados, padrão essa que anulava toda a sua subjetividade negra, a quem não teve nem o direito de entrar, reflito sobre o pertencimento de um espaço que teoricamente seria direito de todos, mas na prática muitas vezes tem uma cor, um CEP e uma realidade específica. Em sua

grande maioria, as conquistas acadêmicas e sociais são associadas predominantemente à comunidade branca, reforçando uma narrativa de supremacia colonial e desvalorizando as realizações de grupos negros. Isso pode subconscientemente reforçar a ideia de que as pessoas brancas são as únicas dignas de reconhecimento e sucesso, marginalizando e invisibilizando as realizações de outras comunidades.

Por isto, também vale ressaltar que nós, população negra não deixamos morrer os nossos saberes, nossa cultura, nossos afetos, por mais que a branquitude tente a todo custo inconsciente ou não, apagar nossas subjetividades ou nos medir por uma única régua, essa pesquisa também é a comprovação que existem outras ciências sendo feitas, outros saberes, um exemplo é a máquina de costura de Dona Maria Gorete, avó da estudante Vitória Evelly, mulher negra, cacheada, primeira advogada da família que também nos ensina o que é ciência, e nos mostra que não nos silenciaram, que muitas vezes, mesmo não tendo voz, nem voz, fomos traçando rotas/linhas de fuga para que não fossem exterminados ao longo da história.

Outro ponto que também chama atenção é que essa pesquisa não buscava defender que todas as pessoas negras precisam necessariamente ocupar este lugar, mas sim que todas as pessoas negras tivessem a escolha de querer ou não ocupar esse lugar, o que levantamos analisando as fotografias é que de formatura é que para termos a escolha ainda falta um longo caminho, que depende de muita luta e resistência, mas lembrando que a resistência também é deles, que resistem ao nosso modo negro de pensar no mundo e fazer ciência.

Enquanto cartógrafo que percorreu e mapeou esses lugares, sentimentos, encontros, afetos e vazios, buscarei não esquecer todas essas miudezas que a pesquisa me proporcionou e fíndo com mais vontade que nunca de continuar dando importância ao que elas podem nos oferecer, como uma cantiga que se usa na umbanda para chamar a entidade do Boiadeiro que diz "pedrinha, miudinha, pedrinha de aruanda aê, uma é maior, outra é menor, mas a pequena é que me alumeia" percebo que a academia é sim um lugar de construção de conhecimento e de encontros bonitos e importantes, mas também é preciso dizer da importância que se tem em fazer o curso em outros territórios que também nos formam enquanto pesquisadores, territórios esses vistos como menos importantes pelo olhar colonizador, as imagens não fotografadas, as avós, a janela que é a porta para o mundo, as rodas de capoeira, o silêncio, o poder da memória afetiva, a palavra molhada, o encontro com outro, e a ciência, ou melhor, as ciências. O convite que fica é que possamos estar sempre atentos aos mistérios, por menores que sejam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ALCÂNTARA, RL de S.; SERRA, Elizabeth de Oliveira; MIRANDA, Osmilde Augusto. **O que eu falo, o que eu faço, o que eu sou: colonialidade do saber, do poder e do ser como perspectiva analítica das questões étnico-raciais no Brasil**. 2017.

A Voz da Raça. São Paulo, 20 abr. 1932; 18 mar. 1933; 25 mar. Disponível em <http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1933_00024.pdf> Acesso em: 23/10/2022

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **Outra travessia**, n. 5, p. 9-16, 2005.

AZOULAY, Ariella. Desaprendendo as origens da fotografia. **ZUM - Revista de Fotografia**, n. 17, 2019.

BAGGI, Cristiane Aparecida dos Santos; LOPES, Doraci Alves. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 16, n. 02, p. 355-374, 2011.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira De Ciência Política**, p. 89-117, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, Edições Loyola, 2010.

BATCHEN, Geoffrey. **Arder en deseos: la concepción de la fotografía**. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BRASIL, Antônio Cláudio. **A revolução das imagens**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

BRASIL. **Constituição (1824)** Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em 23 out. 2022.

_____. **Constituição (1891)**. Lex: Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de fevereiro de 1891. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 23 out. 2022.

_____. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 23 out. 2022.

_____. **Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854.** Aprova o Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Corte. Lex: Município da Corte, Província do Rio de Janeiro, 1854.

_____. **Decreto nº 7.030-A, de 6 de setembro de 1878.** Crêa cursos nocturnos para adultos nas escolas publicas de instruçao primaria do 1º gráo do sexo masculino do municipio da Corte. Pasta de Negócios do Império, Província do Rio de Janeiro, 1878.

_____. **Decreto nº 7.824 de 11 de outubro de 2012.** Regulamenta a Lei nº 12.711/2012. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF: 15 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm>. Acesso em: 22/10/2023.

_____. **Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834.** Dispõe sobre alterações e adições à Constituição Politica do Imperio, nos termos da Lei de 12 de Outubro de 1832. Casa Civil, Província do Rio de Janeiro, RJ: 12 de agosto de 1834. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim16.htm>. Acesso em: 22/10/2022.

_____. **Lei nº 2.040 de 28 de setembro de 1871.** Lei do Ventre Livre que Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos. disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm> acesso em: 23/10/2022.

_____. **Lei nº 3.270 de 28 de setembro de 1885.** Lei dos Sexagenários que Regula a extinção gradual do elemento servil. disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3270.htm>. Acesso em: 23/10/2022.

_____. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. Lei Áurea** que Declara extinta a escravidão no Brasil.. disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm>. Acesso em: 23/10/2022.

_____. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF: 30 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 22/10/2020.

BARTHES, R. (1980). **A câmara clara: Nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BORGES, Edson. A rota da liberdade do negro Cosme Bento das Chagas e a Balaiada (1838-1841). **Portal Geledés**, v. 17, 2009.

BORGES, M. C. A. **Parecer de reserva de vagas**. UFPB: CONSELHO SUPERIOR DE PESQUISA E EXTENSÃO (CONSEPE), João Pessoa: 2010.

HOOKS, Bell. **Talking back: Thinking feminist, thinking black**. South End Press, 1989.

HOOKS, Bell. **Black Looks: Race and Representation**. Boston: South End Press. 1992.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante, 2019.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2). Jul-dez, 2013, 179-181.

CAPLAN, S. Using focus group methodology for ergonomic design. **Ergonomics**, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

CARNEIRO, Édison. A Lei do Ventre-livre. **Afro-Ásia**, n. 13, 1980.

CORRÊA, M. **O que pode um corpo na escola?** Uma cartografia das potencialidades do corpo em espaço de escolarização. 2017. 121 f. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

DANTAS, Carolina Vianna et al. Racialização e mobilização negra nas primeiras décadas republicanas. **Educação e Relações Raciais**, 2010.

DELEUZE, G. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 3^a ed. 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Images malgré tout**. Paris: Minuit, 2003.

_____. Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, p. 206-219, 2012.

_____. Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DOMINGUES, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 517-534, 2008.

DOSSIN, Francielly Rocha. Sobre o regime de visualidade racializado e a violência da imageria racista: notas para os estudos da imagem. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 25, n. 48, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.22456/1983-201x.77582>. Acesso em 23 out. 2022.

DUBOIS, Philippe. **Ato Fotográfico (o)**. Papirus Editora, 1994.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

- ESPINOSA, B. **Ética**. Tradução e prefácio de Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1988.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- Fanon, F. (1952). **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Salvador: Editora UFBA.
- FERREIRA, Jackson. "Por hoje se acaba a lida": suicídio escravo na Bahia (1850-1888). **Afro-Ásia**, n. 31, 2004.
- FLUSSER, Vilém. **Fotografia: para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998. GREIMAS
- FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- GOIÁS. [1835] **Lei n.º 13 de 23 de junho de 1835**. In: DVD Coleção de Documentos de História da Educação de Goiás (vol. 01): legislação. Goiânia: UFG, REHEG.
- GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUIMARÃES ROSA, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1986.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARAZIM, Dorrit. 2016. **O instante certo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008**. IBGE; 2008. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 10 out. 2020.
- Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008. IBGE; 2008. [acessado 201020 out 20]. Disponível em: www.ibge.gov.br.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios - Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2016). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD 2016. Rio de Janeiro: IBGE.
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em 21 out 2022.

IMARISHA, Walidah et al. **Reescrevendo o futuro**: usando ficção científica para rever a justiça. Trad.: Jota Mombaça. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Balaíada: Construção Da Memória Histórica. **História** (São Paulo), v. 24, p. 41-76, 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/his/a/8hSqyNvfZJp6mRbSPkKKxPy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 out. 2022.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. Todavia, 2019.

KPLM, Kafka. **Pour une littérature mineur**, com Félix Guattari, Paris, Minuit, 1975. [Ed bras.: Kafka. Por uma literatura menor, Rio de Janeiro, Imago, 1977].

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In: **Nietzsche e Deleuze - Que pode o corpo**. Org. Daniel Lins e Sylvio Gadelha. Rio de Janeiro, p. 81-90. 2002.

LISSOVSKY, Mauricio. A vida póstuma de Aby Warburg: por que seu pensamento seduz os pesquisadores contemporâneos da imagem? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. Belém. v. 9, nº 2, p. 305-322, maio-ago. 2014.

MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. **O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira**, v. 15, p. 55-84, 2007.

MAZZA, Débora; SPIGOLON, Nima Imaculada. Educação, exílio e revolução: o camarada Paulo Freire. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 3, n. 7, 2018.

MOURA, Carla Borin. Cartografia como método de pesquisa em arte. **Seminário de História da Arte-UFPel**, n. 2, 2012.

MOURA, Clóvis. Rebeliões da senzala. **Porto Alegre: Mercado Aberto**, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio Do Negro Brasileiro: Processo De Um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. Editora Perspectiva SA, 2020.

PICADO, Benjamin. Os regimes do acontecimento na imagem fotográfica. Do “estilo documentário” à “imersão testemunhal”, no fotojornalismo e na fotografia documental. In: BRASIL, André; MORETTIN, Eduardo; LISSOVISKY, Mauricio. **Visualidades hoje**. Brasília: EDUFBA; Salvador: COMPÓS, 2013, p. 15-40.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Estruturas intocadas: Racismo e ditadura no Rio de Janeiro. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, p. 1054-1079, 2018.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, p. 45-59, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do saber, eurocentrismo e América Latina. In.: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso Livros, 2005.

RACIONAIS. **Da ponte pra cá**. São Paulo: Zimbabwe Records: 2002. 8:47 min. Disponível em
https://www.youtube.com/watch?v=Xe8DN92jtbg&list=OLAK5uy_mAtZHHv4fBd-f2iczEFb3cuBILQMWqsw&index=21. Acesso em 08 out. 2020.

RIBEIRO, Bianca Zanella. **Inclusão e diversidade racial nas universidades públicas brasileiras: uma análise da representatividade na publicidade institucional em uma década da Lei de Cotas**. 2023.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2^a ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Mórula editorial, 2019.

SÃO PAULO, **Constituições de 1934 e 1937: a era Vargas**. 2002. Disponível em:
www.al.sp.gov.br/noticia/?id=264668. Acesso em: 25/10/2022

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEALY, M. **Decolonizing the Camera: Photography in Racial Time**. Londres: Lawrence e Wishart, 2019.

SOARES, Hellen Cerqueira. **A Escolarização do negro na Primeira República**. 2014. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Formação de Profissionais na Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2014.

SOULAGES, François. **Esthétique de la Photographie : la perte et le reste**. Paris: Éditions Nathan, 1998.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. Senac, 2010.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Editora Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Nina, CULTNE. **CULTNE NA TV** - Programa Nina Silva. YouTube, 13 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ErrhRcQe0Vo>>. Minuto: 25:15 Acesso em 01 nov. 2022.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Editora Vozes Limitadas, 2017.

TARGA, Renato Simões. **Fotografias Online**: como o compartilhamento na Internet influencia a fotografia. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM). São Paulo, 2010.

VALLE, Isabella C. B. R. V. **Mulheres Fotógrafas**: Resistências, Enfrentamentos E As Redes De Visibilidade No Contexto Do Recife. 2017. 392 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.